HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO UNDECIMO.

F. N. Pinhro.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL,

E SUAS CONQUISTAS,

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS FARIA E CASTRO.

TOMO XI.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1788.

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro a quatro centos réis em papel: Meza 24 de Novembro de 1788.

Com tres Rubricas.

INDICE DOS CAPITULOS.

LIVRO XL.

LIVRO XLI.

CAP.

LIVRO XLII.

HIS-

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XL.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Escreve-se a grande Embaixada, que El-Rei D. Manoel mandou ao Papa Leaõ X. com hum presente brilhante, e magnifico.

SE nós atégora temos visto admirado ao Mundo todo pela magnanimidade das emprezas do Grande Rei D. Manoel de Portugal; agora ouviremos as admirações da sua Cabeça Roma pe- | Era vulg. 1514

Era vulg.

los effeitos da magnificencia do mesmo Principe em huma Embaixada, que se equivocou com os triunfos magestosos dos antigos Cesares. Só D. Manoel no Occidente era senhor das producções, da riqueza, dos thesouros da Asia: premios bem merecidos, com que o Ceo remunerava o zelo ardente do Monarca, que á custa de tantos trabalhos, fadigas, e despezas fazia conhecido o Nome do verdadeiro Deos em toda a terra. A mesma maõ aberta, que enche de bençãos a todo o homem, inspirou com toques brandos a El Rei D. Manoel, que as primicias de tantas preciosidades elle as devia pagar á Esposa do Cordeiro, que no Campo de Ourique promettêra a D. Affonso Henriques a colheita copiosa, de que elle recolhia as abundancias.

Com este conhecimento, e para Conductor das mesmas primicias, que determinava offerecer á Igreja Santa na pessoa do seu Chefe visivel o Papa Leaõ X., nomeou o grande Rei por seu Embaixador a Tristaõ da Cunha, que além da recommendaçaõ do seu nascimento il-

lustre, ia condecorado com o caracter de hum dos nossos Heróes da India; por seus adjuntos Diogo Pacheco, João de Faria, e por Secretario Garcia de Resende. Acompanhárão aos Embaixadores Nicoláo de Faria, Estribeiro del Rei, que levava cousas respectivas ao seu officio, entre ellas o elefante, o cavallo Persico com a onça de montaria; os cinco filhos do Embaixador, Nuno da Cunha, que depois foi Governador da India, Simaõ, e Pedro da Cunha; huma familia numerosa, e taõ brilhante, que arrastava o que mais havia de precioso nas quatro partes do Mundo. [illegible]

Ent. vulgar

Foi o desembarque do apparato luzido nas praias de Sena, que se se lembrasse entaõ das suas antiguidades, equivocaria os semblantes dos Embaixadores Portuguezes com a face dos Consules Romanos. Rompendo pelos caminhos concursos numerosos, que deixavaõ ermas as Cidades, e Villas, naõ só para observarem a grandeza Lusitana, mas para verem passear domesticos por Italia os brutos ferozes da

Era vulg. Asia, Tristaõ da Cunha chegou a Roma. Fez a sua entrada à doze de Março, que entaõ lembrou corresponder a outro semelhante dia do mesmo mez, em que Vasco da Gama entrára em Melinde. Avisavaõ da marcha instrumentos sonoros, trombetas, e trompas concordes, que a precediaõ. Logo se seguiaõ o cavallo Persico, que ao de Portugal mandára o Rei de Ormuz, e levava nas ancas a onça caçadora; o elefante mandado por hum Indio soberbamente vestido, e carregado com hum grande Cofre, que fechava o presente, coberto o bruto de hum panno de ouro com as Armas Reaes, que arrastava pela terra.

Junto ao elefante hia montado em hum cavallo generoso, com todos os seus jaezes de ouro maciço, Nicolão de Faria: logo o Secretario com luzimento correspondente; todos os Fidalgos magnificamente brilhantes; e fazendo-lhes a retá-guarda o Rei de Armas de Portugal, que levava o Escudo das Reaes No meio de Diogo Pacheco, e de Joaõ de Faria marchava o Embaixador

Trist-

Era vulgi

Tristaõ da Cunha, sem que nas pessoas, e nos cavallos, em que hiaõ montados, se visse mais que ouro, diamantes, pedras preciosas, raios das muitas luzes do Oriente. Entre tantas equivocações de grandeza, ninguem se enganava, com que o centro della era Tristaõ da Cunha. As Familias numerosas coroavaõ toda a comitiva, que nesta ordem chegou aos muros de Roma, aonde os criados dos Cardeaes a esperavaõ.

Diante destes estavaõ nos seus lugares respectivos, conforme a ordem das suas precedencias, os Embaixadores do Imperio, de França, de Castella, de Inglaterra, de Polonia; os de Milaõ, de Veneza, de Luca, e com elles o Governador de Roma, e o Duque de Barre, irmaõ do de Milaõ. Quando chegáraõ a elles os nossos Ministros, aos lados de Tristaõ da Cunha se pozéraõ o Governador de Roma, e o Duque de Barre: aos de Diogo Pacheco o Embaixador do Imperio, e o Bispo de Nicosia: aos de Joaõ de Faria o Embaixador de França, e o Bispo de Napo-

Era vulg. poles. Seguiaõ-se depois na sua ordem os mais Embaixadores, e todos os Prelados. Á entrada da porta da Cidade o seu Governador lhes fez em nome do Papa huma falla eloquente em louvor do grande Rei D. Manoel, a que os nossos Embaixadores respondêraõ no tom pathetico, que pedia a dignidade, que representavaõ. O estrondo de infinitos instrumentos feria os ouvidos; o concurso immenso era lisonja dos olhos, naõ havendo forças, que movessem a gente para franquear a passagem.

O Papa, que da sua parte fazia huma estimaçaõ singular das qualidades del Rei, especialmente do seu zelo pela propagaçaõ da Fé, naõ só ordenou á sua Guarda, que estivesse sobre as armas á porta de Roma, quando o Embaixador chegasse; mas quiz authorisar a entrada com a assistencia da sua Pessoa no Castello de Santo Angelo. O elefante obediente á voz do seu conductor, fez tres reverencias profundas com os joelhos em terra apenas avistou o Papa, naõ sem grande admiraçaõ dos circunstantes, e depois maior do nosso

Ma-

Manoel de Faria, que sentenceia por mais que brutos aos mortaes, que negaõ ao Papa os rendimentos, que prostrado lhe rendeo hum bruto. Depois sorvendo na tromba cópia de agua, que tinhaõ prevenida em hum grande vaso, salpicou aos Cardeaes, ás pessoas que estavaõ nas mais altas janellas, e sobre o Povo descarregou chuva abundandante. Para se despedir levantou os olhos ao Papa, e fazendo-lhe outra cortezia profunda, seguio a sua marcha.

Era vulg.

No dia seguinte tiveraõ os Embaixadores a primeira audiencia, em que apresentáraõ as suas Cartas Credenciaes ao Santo Padre. No dia terceiro foi o elefante com a mesma pompa levar o presente a Belveder, aonde se abrio o cofre, e apparecêraõ as vestiduras sagradas para os Ministros, que occupa hum Pontifical do Papa. Ellas eraõ tecidas de ouro, que naõ se deixava vêr pelo cobrir multidaõ innumeravel de pedras preciosas mettidas com artificio admiravel. Em todas as mais peças era tal a oppulencia, que Roma naõ soube avaliar o preço deste presente, que

Era vulg. admirou a todos, como o confessou o Embaixador do Imperio na carta, que escreveo a seu Amo, e que copiáraõ Manoel de Faria na Europa Portugueza, e Damiaõ de Goes na Chronica del Rei D. Manoel.

Depois communicou Tristaõ da Cunha ao Papa os seus Officios, que continhaõ os rógos efficazes, com que o Rei D. Manoel lhe pedia: Que para glória de Deos, e explendór da Santa Séde se convocasse hum Concilio para reformar os abusos introduzidos no Cléro, que vivia na relaxaçaõ, no escandalo, tibio na Religiaõ, com pouco fervor nos ministerios santos do Altar: Que applicasse a sua efficacia paternal, para que os Principes da Europa depozessem os odios, embainhassem as espadas, e unidos em caridade fizessem a guerra aos inimigos do Crucificado. A situaçaõ crítica dos tempos naõ deo lugar para serem attendidas estas duas demandas taõ justas. Continuáraõ as mais, que pedia o Rei aconselhado, e eraõ: Que o terço, e as décimas das rendas destinadas para a sus-

Era vulg.

sustentaçaõ dos Ecclesiasticos, e decencia do Culto Divino, fossem applicadas para os gastos da guerra de Africa: Que se fizesse hum desmembramento nas rendas das Abbadias, das Religiões, das Irmandades para com ellas se pagarem os soldos ás trópas, que servissem contra os Infiéis: Que se concedessem Indulgencias a todos os zelosos, que concorressem para o mesmo objecto da guerra santa, remunerando-lhes a liberdade, com que despendessem os bens caducos, as graças espirituaes, que os fariaõ ricos na Eternidade.

Estas postulações foraõ facilmente concedidas por huma Bulla, com que Tristaõ da Cunha, havida audiencia de despedida, voltou para Portugal. Entaõ falláraõ as linguas, e escrevêraõ as pennas, entre ellas bem aparada a de D. Jeronymo Osorio, que naõ tinha dúvida haverem os Papas concedido graças semelhantes aos Reis de Castella D. Affonso IX., D. Affonso XI., e aos Catholicos Fernando, e Isabel; mas que naõ obstante serem as ditas graças concedidas para a expulsaõ

dos

Ext. mlg. dos Mouros de Hespanha, ellas encontrárao mais censores, que parsidarios. Que com politica bem opposta se tinhaõ conduzido os Reis de Portugal D. Affonso Henriques, senhor de hum punhado de terra calcado pelos Mouros; seu Filho D. Sancho para a expediçaõ gloriosa de Andaluzia; D. Joaõ I. para hum gasto taõ avultado, como foi na conquista de Ceuta; D. Affonso V. para as suas viagens de Africa, em que tomou Arzila, Alcacer Ceguer, e Tangere; D. Joaõ II. que no mesmo continente se assignalou em guerras gloriosas, sem que algum delles, incomparavelmente menos ricos, que D. Manoel, usasse, nem se valesse de expedientes semelhantes.

Tomou mais corpo a murmuraçaõ, quando se fez público, que pela sollicitaçaõ do Embaixador, se lançára na Bulla huma clausula, que deixava ao arbitrio do Rei destribuir os productos da concessaõ, e que em lugar de os applicar ás pessoas para quem foraõ pedidos, o poderia fazer ás que bem lhe parecesse, de qualquer condiçaõ, que el-

ellas fossem. Entaõ se disse, que da parte do Papa houvera tanto de facilidade, como de duplicidade da do Embaixador, que nesta occasiaõ foi reputado, e incluido no número das gentes interessadas, que esperaõ recompensas em premio das suas negociações. Entaõ se queixou a Nobreza de haver esgotado o fundo das suas heranças no serviço, sem ser participante das sommas, que se concedêraõ para ella; sentida de vêr a industria com preferencia ao merecimento. Queixas taõ geraes chegáraõ aos ouvidos do Rei pio, que fez saber ao Clero, Abbadias, e Religiões, como elle tinha a graça do terço, e dizimos por naõ concedida. Estes córpos agradecidos a tanta beneficencia, se fintáraõ em hum donativo de 150$000 cruzados, que offerecêraõ a El-Rei em justo reconhecimento.

Em nig.

Das Indulgencias, que a piedade impetrára com intençaõ santa para hum fim catholico, se fez depois o abuso mais indigno. Tanto que ellas foraõ destribuidas, a maior parte das pessoas a quem se concedêraõ, com commer-

cio

Eſt. vulg. cio abominavel as punhaõ quaſi em leilaõ a quem mais dava. Hum eſcandalo deſta natureza naõ podia ſubſiſtir em chegando a ſua noticia aos ouvidos do Monarca, que com ordens rigoroſas, e caſtigos ſevéros moderou a impiedade dos mercadores infames, mandando-os reſtituir as ſommas ſimoniacas, que elles haviaõ extorquido da ſimplicidade dos Fiéis facilmente crédulos por exceſſivamente piedoſas.

Como para a execuçaõ da Bulla viéra Antonio Pucio a Portugal com o caracter de Nuncio Legado a Latere, e a reſpeito do Clero tudo eſtava ſuſpenſo; ſó ſe cuidou em regular o que pertencia ás Abbadias, e Moſteiros. El-Rei com elle taixáraõ huma ſomma certa, que eſtes haviaõ pagar para o entretenimento dos ſoldados, que chamavaõ de Jeſus Chriſto. Se eſte regulamento foſſe executado conforme as intenções do Principe, certamente naõ haveriaõ queixoſos, antes ſe fariaõ as pagás com tanto de ſinceridade, como de zelo. Porém as extorsões dos cobradores foraõ tantas, na colheita

dos

dos fructos os tomavaõ por preços taõ baixos, que naõ deixando de que viver aos Abbades, elles desamparavaõ as Igrejas. El-Rei, sempre attento a evitar a iniquidade, ordenou entaõ que as Igrejas do Padroado contribuissem para completar a somma arbitrada: mandando lavrar hum processo, que fez o Bispo do Funchal, D. Diogo Pinheiro, que para isso foi deputado pelo Papa: processo, que com todas as mais escrituras respectivas ao mesmo negocio, se guardou no cartorio do Convento de Tomar.

Era vulg.

CAPITULO II.

Descrevem-se os Estados do chamado Preste Joaõ da Ethiopia, e a Embaixada, que elle mandou a El-Rei D. Manoel.

JÁ nós dissemos como Affonso de Albuquerque recebêra na India a Mattheus, Embaixador que o Preste Joaõ mandava a Lisboa, para onde embarcou em Janeiro deste anno na náo, de que

Ext. vulg. que era Capitaõ Bernardim Freire. Antes que nós démos noticia desta Embaixada, sendo tantas as diligencias, que os Reis D. Joaõ II., e D. Manoel fizéraõ para terem conhecimento, e estabelecerem trato com este chamado Preste Joaõ das Indias, naõ he estranho ao nosso assumpto dizer alguma cousa a respeito da sua pessoa, e Estados, hoje com melhor averiguaçaõ do que o fizéraõ alguns dos nossos Chronistas.

Damiaõ de Goes confundio o Imperio do Preste Joaõ com o mesmo dos Abexins, e com o seu exemplo abrio caminho a outros Historiadores para pôrem os pés nos mesmos vestigios. Entre os Modernos porém, Otaõ de Frisia diz na sua Chronica, que o Preste Joaõ reinava entre os Tartaros por huma vasta extensaõ de Paiz, e que elle soubéra de hum Bispo Armenio, como os seus nacionaes haviaõ mandado huma Deputaçaõ ao Papa pelos annos de 1145. Paulo de Veneza affirma, que o Imperio do Preste Joaõ era totalmente separado do da Abyssinia;

e que acabando-se a varonia daquelles Principes, os Cams da Tartaria casavaõ as filhas com os parentes, que delles ficáraõ. Era vulgã

Tambem assegura o primeiro destes Authores, que certo Principe chamado Joaõ, que com o nome de Christaõ era Secretario de Nestorio, elle se ordenára de Presbytero, e fizera Rei nos Estados, que tinhaõ a sua situaçaõ nas extremidades do Oriente; e que declarára a guerra aos Reis da Media, e de Persia, tomando a Cidade de Tauris: que depois houvera entre elles huma batalha, que durára tres dias; mas que naõ obstante ser vencida pelo Preste Joaõ, ella lhe custára caro; porque os Tartaros, ligando-se contra elle, fundáraõ hum Imperio sobre as ruinas do Principe vencido.

Ao contrario o da Abyssinia tinha sido antes muito maior, que no tempo do Rei D. Manoel, era sua situaçaõ totalmente distincta. Os Arabes, os Turcos, e outros Povos da Ethiopia se fizeraõ senhores de Estados consideraveis, que se comprehendiaõ debaixo do no-

Era vulg. nome de Imperio da Abyssinia. Antes confinava elle ao Nórte com o Egypto: ao Sul com os Montes da Lua, e pela parte do Oriente se estendia até ao golfo Persico, donde corria até ao porto de Suéz. Emquanto aos seus Monarcas, a origem remota, que lhes daõ, se embaraça com milhares de fabulas. Os nomes, com que os Abexins os destinguiaõ, eraõ o de Bel, ou Belulgiaõ, que queriaõ dizer Principe poderoso, ou o de Grande Neguz, que valia tanto como Imperador. Em quanto á Religiaõ, elles antigamente professavaõ o Judaismo, em que se diz os instruíra a Rainha Saba, que se chamou Macqueda, quando voltou da visita, que fez a Salomaõ em Jerusalem. Depois seguíraõ o Christianismo, em que os instruio Candace, a sua memoravel Rainha, que se reduzio ás persuações do Eunuco, que foi bautisado pelo Apostolo S. Filippe.

Os Sacerdotes Abexins soubéraõ adquirir huma authoridade summa sobre os póvos, mesmo sobre os Reis, que consentiaõ parecer, que até as suas vidas

que dependiaõ delles. Sendo-lhes o matrimonio permittido, estes Padres se subtrahem á communicaçaõ com as mulheres, quando tem de tratar as cousas santas. No estado de viuvos naõ pódem tornar a casar, e guardaõ nelle castidade edificante. Ha entre elles Monges, que fazem huma vida toda de austeridade na fórma do Instituto do grande Abbade do Egypto Santo Antonio; e elegem o seu primeiro Prelado por pluralidade de votos, que appresentaõ ao Patriaca de Alexandria para o approvar.

Elles circuncisaõ os mininos ao oitavo dia de nascidos, e quarenta depois os baptisaõ. Para as mininas tambem inventáraõ huma fórma de circuncisaõ sessenta dias antes do baptismo. Naõ celebraõ o Sacrificio da Missa, senaõ aos Sabbados, e Domingos, em que daõ a communhaõ aos leigos. Á vista dos Altares os Abexins tremem de respeito; entraõ nos Templos descalços, aonde naõ fallaõ huma só palavra, occupados, e como extacticos na contemplaçaõ dos Mysterios Divinos.

Em vulg

Era vulg. nos. O seu jejum he taõ rigoroso, que muitas vezes passaõ o dia sem comer, e quando o fazem he huma só vez com parcimonia grande depois de ser noite. Nas suas necessidades invocaõ a protecçaõ dos Santos, que elegem por seus Patronos: tudo disposições felices, que contribuíraõ para os Missionarios mandados pelo Rei D. Manoel metterem aos Abexins no número dos verdadeiros Fiéis.

Pelo que respeita a outras qualidades destes Estados, elles saõ montuosos; mas sobre as montanhas ha humas planicies muito ferteis, dilatadas, e agradaveis. Nos planos se criaõ cavallos; e gados em grande número; daõ tres fructos no anno; mas tendo vinhas excellentes, os vinhos na fermentaçaõ se corrompem, e elles lhe supprem a falta com hum hidromel agradavel ao gosto. O trato com os Portuguezes os fez depôr a preguiça, applicar-se a Agricultura, e recolhêrem immensos os fructos, que antes produzia a terra em menos cópia por força da sua fecundidade natural. Naõ sabendo elles nada de Me-

ta-

talurgia, tambem aprendêraõ dos Portuguezes o uſo dos metaes, e a forjar armas de fogo, de que ſe ſerviaõ na guerra. O Rei, e a Corte aſſiſtem em Tendas de campanha taõ bem arruadas, que fazem a Cidade ambulante agradavelmente viſtoſa.

Era vulg.

Quando El-Rei D. Manoel ſubio ao Throno de Portugal occupava o do Imperio da Abyſſinia Nahu, Pai de David, que lhe ſuccedeo em 1507 debaixo da Tutoria de ſua Avó a Rainha Helena. Ella, e ſeu neto mandáraõ a Lisboa eſte Embaixador Mattheus, de quem vamos a fallar. Elle invernou em Moçambique, aonde os Capitães Bernardim Freire, e Franciſco Pereira Peſtana, ambos Fidalgos de conhecida qualidade, e valor, o tratáraõ com tantas indecencias, que ellas naõ ſó eraõ indignas de ſe uſar com hum Miniſtro publico, mas nem ainda com qualquer baixo Eſtrangeiro, que eſtiveſſe munido com a fé da hoſpitalidade. Entaõ ſoffreo tudo com paciencia de edificar o catholico Embaixador; mas em Lisboa, apenas acabou de ſau-

Era vulg. dar ao Rei, lhe fez a saber as injúrias, que recebèra dos seus Officiaes, e elle gradualmente foi sobindo, até as imprimir na face do Imperador seu Amo.

El-Rei sensivel á representaçaõ, tomou parte no resentimento do Ministro: parecia-lhe, que já os outros Soberanos se queixavaõ desta rotura do Direito das Gentes; e para dar hum exemplo de severidade em materia taõ delicada, mandou metter aos dous Officiaes em prisaõ rigorosa. O Embaixador politico, que soube ponderar as consequencias funestas, que ella podia produzir, esqueceo os aggravos, deo uso á magnanimidade, instou, pedio, intercedeo a El-Rei pela soltura dos presos; que no caso se pozesse perpetuo silencio; que elle estava completamente satisfeito. El-Rei lhe differio na fórma, que requería, e as gentes se admirárаõ, de que hum homem de Africa assim soubesse requerer.

Para Introductores deste Embaixador, que havia ter audiencia tres dias depois da sua chegada, nomeou El-Rei a D. Pedro Vaz, Bispo da Guarda, e

a

a D. Martinho de Castello-Branco, Era vulg. Conde de Villa Nova, com outros muitos Fidalgos, que fizessem a acçaõ lustrosa. Quando elle entrou na sala o Rei se levantou da cadeira, deo alguns passos de alvoroço, e com extremo agrado o tomou nos braços. Mattheus recebeo tanta honra com o mesmo respeito profundo, com que lhe entregou as cartas de David, e Helena, escritas nas linguas Araba, e Persica, fechadas com cinco sellos de ouro, em que se viaõ gravados caracteres symbolicos Abissinos, que se presumíraõ enigmas relativos á alliança, que o Ministro vinha celebrar com o Rei D. Manoel. Depois lhe offereceo huma caixa de ouro em nome dos mesmos Soberanos, e nella huma cruz formada de parte da mesma, em que o Redemptor déra a vida para resgatar os homens. El-Rei a adorou prostrado por terra, banhado em lágrimas de alegria santa, por vêr que de taõ longe lhe vinhaõ estes vestigios adoraveis da Religiaõ Christã, que enchia toda a terra.

As cartas dos Soberanos principiavaõ

Era vulg. vaõ louvando a Trindade Santissima Padre, Filho, Espirito Santo, tres Pessoas hum só Deos, e a Jesu Christo Redemptor, que nasceo na Casa de Belém de Nossa Senhora Maria Virgem. Depois abençoavaõ ao Rei D. Manoel, Cavalleiro dos mares, vencedor, subjugador dos Cafres, dos Mouros, de todos os Incredulos. O negocio, que ellas continhaõ, era convidallo para huma liga offensiva, e defensiva contra os Mahometanos para os lançarem fóra dos Lugares Santos da Palestina. Ultimamente faziaõ altos elogios aos Capitães Portuguezes, que na India obravaõ tantas proezas, naõ sem assistencia de Jesu Christo, que vinha do Ceo confortallos a elles, e authorisar a ellas.

Em quanto na Europa succediaõ as cousas, que tenho referido, Affonso de Albuquerque na India se empregava nos negocios de Malaca. Porque Rui de Brito Patalim tinha acabado o tempo do seu Governo, elle nomeou para o occupar a Jorge de Albuquerque, seu parente, que chegando a Pacem, e sabendo que o seu Rei nosso amigo esta-

tava apertado com a guerra, que lhe fazia hum vassallo rebelde, Jorge de Albuquerque o derrotou, e restituio o socego ao consternado Rei. Poucos dias depois da sua chegada a Malaca recebeo ordens do Governador da India, que lhe mandava depozesse ao fiel Ninacheto do importante emprego de Bendara, e o provesse no Rei do pequeno Reino de Campar, alliado novo, que a politica do Governador entendeo devia lisongear a prejuiso do antigo alliado.

Era vulg.

Jorge de Albuquerque despachou logo a Jorge Botelho com huma fusta para conduzir o Rei de Campar a Malaca; mas como o favor dos Portuguezes lhe adquirira hum inimigo poderoso no Rei de Lingua, o Botelho o achou atacado, e reduzido ao ultimo aperto por este Monarca. O mesmo Official, que se via sem forças para soccorrer o Principe sitiado, as pedio ao Governador de Malaca, que lhe mandou a Francisco de Mello com quatro navios, cem Portuguezes, e 700 Malaios. O Rei de Lingua sahio logo a atacar a nos-

Era vulg. nossa Fróta com 80 embarcações de todos os lotes; mas os Portuguezes se conduzíraõ com tanta corage, que rendida a náo mais poderosa, derramado o medo nas outras, ellas se pozeraõ em fugida, as trópas que em terra guardavaõ os trabalhos, levantáraõ o sitio, e o Rei de Campar ficou desembaraçado para vir exercitar em Malaca o emprego de Bendara.

Ninachetu se subprendeo com a injúria da sua deposiçaõ; e ainda que a consciencia naõ podia deixar de lhe reprehender as suas malversações, e violencias, elle entendia que a sua fidelidade para com os Portuguezes tudo abafava. Industrias, intrigas, promessas suas, e dos seus adherentes, que com elle perdiaõ a fortuna, nada foi bastante, para que a ordem do Governador da India deixasse de se cumprir. Entaõ Ninachetu, naõ querendo sobreviver á sua affronta, mandou levantar hum amphitheatro magnifico, aonde ardia huma pyra com madeiras odoriferas; elle vestido á brilhante, respeitoso pela sua velhice veneranda, ten-

tendo suspensa multidaõ innumeravel de Povo, que ignorava o fim de tanto apparato, antes que como Phenix se lançasse á pyra, elle assim falla, e convida a attençaõ dos Expectadores da Tragedia: Era vulg.

Todos vós, que estais presentes, sabeis os meus merecimentos, os serviços, que fiz aos Portuguezes antes, e depois de tomarem Malaca. Que mais podia eu executar em obsequio do Rei D. Manoel, que naõ fizesse? Mas vós agora que vedes? Esconde-se a alguem, que a minha fé, a minha constancia, o meu zelo, tudo com affronta me castigaõ os Portuguezes pelo crime respeitavel de ser velho? Elles me despojaõ da mesma Dignidade, que me déraõ; elles me privaõ da honra, que me conferiraõ; elles me arrojaõ ao abysmo da infamia, que eu naõ mereço. Pois será justo, que Ninachetu, author de tantas acções sublimes, passe o resto da vida submergido no fundo da ignominia? Naõ o soffre a minha magnanimidade. Se Ninachetu sempre viveo illustre, morra com bisarria: ultima

pa-

Era vulg. palavra, que já pronunciou dentro na pyra, aonde se arrojou com impeto barbaro, menos sensivel á vida, que á honra.

Já a este tempo o grande Albuquerque tinha concebido dous designios taõ grandes, como eraõ fazer-se senhor da Ilha de Dio, e conquistar o Reino de Ormuz. Para conseguir o primeiro, como estava em paz com Cambaya, mandou a Diogo Fernandes de Béja, que com o caracter de Embaixador, fosse pedir ao Rei Mamud lhe permittisse licença para fundar huma Fortaleza naquella Ilha, que lhe sería interessante pela maior segurança, e augmento do Commercio. Facilmente conveio o Rei na proposta; mas Meliqueaz, que governava Dio, e tinha grande entrada no espirito do Principe, tanto lhe suggerio os perigos, a que se expunha, os desinteresses que lhe haviaõ resultar de metter aos Portuguezes em casa, que Mamud faltou á palavra, e mudou a permissaõ concedida para outros portos maritimos do seu Reino, que o Albuquerque quizesse eleger. Diogo Fernandes,

des, naõ podendo determinar pelo arbitrio proprio hum negocio desta natureza, voltou a Goa para informar ao Governador da mudança, que as persuasões de Meliqueáz causáraõ no espirito do Rei Mamud. O segundo projecto da conquista de Ormuz, será a materia do Capitulo seguinte.

Era vulg.

CAPITULO III.

Trata-se das disposições, e viagem de Affonso de Albuquerque a Ormuz, com tudo o que succedeo a respeito desta expediçaõ.

EFFECTIVAMENTE se trabalhava em Goa nos aprestos da Armada, com que o Governador determinava passar a Ormuz; mas para que o destino naõ chegasse aos ouvidos do publico, fez espalhar a voz, de que o armamento tinha por objecto a navegaçaõ ao mar da Arabia, aonde se dizia, que o Soldaõ aprestava huma Armada. Para melhor cobrir o disfarce, elle mandou a seu sobrinho Pedro de Albuquerque, que

com

Era vulg. com quatro náos, e os Capitães Jeronymo de Sousa, Ruy Galvaõ, e Antonio Raposo fosse cruzar no Cabo de Guardafú. Elle executou esta primeira ordem com tanta felicidade, que tomou déz náos da Arabia com riquezas immensas, que trouxe a Ormuz para depois as transportar para a India. Nesta Cidade achou elle novo Rei a Torunxa, que havia succedido a seu irmaõ Ceifadim, naõ menos activo que elle em negar lugar para a fabrica da Fortaleza; omisso em pagar o tributo, de que só deo 10$000 xerafins; mas facil em renovar o Tratado da paz.

Sem fazer maiores instancias no ponto principal da negociaçaõ de Ormuz, que era a Fortaleza; Pedro de Albuquerque quiz ter a glória de descobrir a Ilha de Baharem. Elle se empenhou nesta navegaçaõ arriscada; mas impellido por huma tormenta, arribou ao porto de Raxel. Aqui teve elle hum encontro com Mirbozaca, Capitaõ de Ismael Sophi, que fizéra prisioneiras vinte terradas pertencentes ao Rei de Or-

Ormuz. O Albuquerque lhe representou, que aquellas embarcações eraõ de hum Principe, vassallo del Rei de Portugal; que elle naõ podia deixar de lhe pedir a restituiçaõ dellas, quando era hum costume inalteravel dos Portuguezes, se lhe insultavaõ algum alliado na pessoa dos seus Capitães, elles pedirem satisfaçaõ, ou tomarem vingança com as armas.

Era vulg...

Hum cumprimento taõ civilmente militar, de sórte atemorisou ao Official da Persia, que sem a menor repugnancia mandou entregar as terradas a Pedro de Albuquerque. Elle as trouxe a Ormuz, e as fez apresentar ao Rei, que deo as maiores demonstrações de complacencia por este serviço, que só foi remunerado com agrados, e alguns presentes; tenáz na primeira idéa de naõ consentir a Fortaleza. Obradas estas acções, Pedro de Albuquerque se recolheo para a India com todos os soldados contentes, porque todos ricos. Elle achou seu Tio occupado nos aprestos da Armada, esperando para partir a volta de Antonio de Sousa, que man-

dá-

Era vulg. dára por Embaixador ao Rei de Narsinga sobre a entrega de Baticala, e a de Joaõ Gonçalves de Castello-Branco, que fora com o mesmo caracter pedir ao Hidalcaõ largasse alguns lugares da terra firme: negociações sem mais effeito, que as delicadezas de civilidade usadas com os dous Ministros em ambas as Cortes.

No fim do anno, que temos tratado, chegáraõ á India cinco náos do Reino, de que eraõ Capitães Jorge de Brito, primeiro Commandante, Francisco Pereira Coutinho, Luís Dantas, Manoel de Mello, e Joaõ Serraõ. Nesta Fróta vinha o Embaixador, que o Rei de Ormuz mandára a Lisboa, aonde foi baptisado, e tomou o nome de Nicoláo Ferreira. O Governador partio logo para Cochim a despedir as náos, que haviaõ ir para Portugal; e sem perda de tempo voltou para Goa, aonde estava prompta a Armada para a viagem de Ormuz, que se compunha de nove náos de alto bórdo, de sete fragatas, de seis caravellas, de tres galés, e dous brigantins; levando nos

seus

seus bordos a Nobreza principal da India, e em navios da terra a gente do Malabar nossa alliada.

Em vulg.

1515

A 21 de Fevereiro sahio o Governador do Porto de Goa com o Embaixador de Ormuz, que viera do Reino, e foi ferrar o de Mascate, aonde se deteve alguns dias em fazer provimentos, e tirar informações respectivas ao seu destino. No dia 26 de Março chegou a Armada a Ormuz, naõ esperada do Rei Torunxa, que sendo nosso alliado, pouco antes bem servido por Pedro de Albuquerque, nada lhe parecia menos possivel, que ser insultado pelos Portuguezes. Com tudo, elle se subprendeo, picado do escrupulo de naõ haver consentido na obra da Fortaleza; mas para se prevenir, mandou logo a Acem-Ale visitar da sua parte ao Governador, offerecer-lhe a Cidade, que era do Rei D. Manoel, e a mesma Fortaleza antes principiada, para que mandasse concluilla. O Governador acceitou a offerta, e fez logo lembrada a palavra, naõ succedesse o esquecimento ser causa da perturbaçaõ da concordia.

Co-

Era vulg. Como elle já tinha experiencia da pouca fé dos de Ormuz, depois de postar os navios ligeiros em ordem, que impedissem a entrada de gente militar na Cidade, determinou mandar a terra ao Embaixador Nicoláo Ferreira; mas como elle vinha revestido do caracter de Christaõ, naõ quiz arriscallo, e pedio refens ao Rei para elle lhe ir communicar as resultas da sua negociaçaõ em Lisboa. Dada a segurança de vida ao Embaixador com a pessoa de hum sobrinho de Rax Noradim, Governador da Cidade, que veio para bórdo da náo do Albuquerque, elle foi a terra dar parte a seu Amo das respostas, que em Lisboa tiveraõ os seus officios. Ellas vinhaõ concebidas nestes precisos termos: Que se o Rei de Ormuz fosse fiel á sua palavra, como promettia, e consentisse na construcçaõ da Fortaleza já principiada, El-Rei D. Manoel lhe remittia a metade do tributo, que era obrigado a pagar-lhe: Que consentia na navegaçaõ livre de Ormuz para a India, da India para Ormuz, e para quaesquer outras

par-

partes, que o Rei Torunxa quizesse, com tanto que nas náos naõ embarcassem Mercadores das Nações, com que os Portuguezes estivessem em guerra, nem mercadorias de contrabando: Que deixar o Rei de Portugal de mandar os seus navios a Ormuz, era requerimento, que naõ merecia attençaõ, como contrario ao direito de soberania, que elle tinha sobre Ormuz, em quanto sua tributaria: Que da mesma fórte se regeitava a proposta do resarcimento dos damnos, que se pediaõ, feitos ao Rei de Ormuz, e aos seus vassallos no tempo da guerra, que tiveraõ com os Portuguezes: Que se concedia liberdade a todos os captivos dos Estados de Ormuz, que estivessem em Portugal, e na India, tomados na occasiaõ da mesma guerra.

Recebeo o Rei Torunxa estas respostas, e com grande veneraçaõ as cartas del Rei D. Manoel da maõ do mesmo Embaixador, que tratou com pouco agrado, como a hum apostata da sua Religiaõ. Torunxa se mostrou prudente em naõ se sentir das muitas pre-

Era vulg.

Em vulg. tenções do Governador, da pouca vantagem da negociaçaõ do Embaixador em Lisboa, da sua infidelidade para com Mafoma, nem do despreso, que este Ministro lhe fizera em mudar de Religiaõ sem seu consentimento. O Governador, que tudo observava, e naõ queria perder tempo, avisou logo ao Rei, que na permissaõ, ou denegaçaõ da fabrica prompta, e effectiva da Fortaleza, declarasse positivamente se elegia paz, ou guerra: Que elle tinha de se demorar naquelle porto bastantes mezes, e necessitava de hum bairro na Cidade para aquartelar a sua gente: Requerimentos ambos, de que logo havia dar resposta.

Naõ podendo Torunxa deixar de tomar partido em huma alternativa taõ pressante, enviou a Noradim com os plenos-poderes na fórma mais authentica para restabelecer o primeiro Tratado de paz, e permittir que sem demóra se renovasse o trabalho na Fortaleza. Depois que os Artigos foraõ firmados, o Governador, em nome del Rei D. Manoel, mandou ao de Ormuz

pe-

pelo mesmo Noradim hum collar precioso de ouro, como cadeia que lhe ligava com honra a dependencia voluntaria, e huma bandeira das Armas Reaes de Portugal, que havia marcar no Palacio de Ormuz a alliança illustre com o Rei D. Manoel. Immediatamente se entrou a trabalhar na obra da Fortaleza, fornecendo o Rei os materiaes necessarios para ficar firme neste fundamento o nosso dominio em Ormuz.

Em 1515.

Já Affonso de Albuquerque tinha a sua Corte nesta Cidade, quando recebeo nella hum Embaixador de Ismael, Sophi da Persia, pelos motivos, que eu vou a referir. No tempo, em que os Persas abandonáraõ a Seita de Omar, e abraçáraõ a de Alli; scisma, que gerou hum rancor immortal entre elles, e os Arabes; os Persas para augmentarem o seu partido, convidavaõ muitos dos Principes Sarracenos para Sectarios de Alli. Entre outros, aos quaes elles mandáraõ Embaixadores a tom de Cathequistas, foi hum o Rei de Cambaya, já em tempo, que Affonso de Albuquerque governava a India. Na

Era vulg. Corte daquelle Principe ouvio o Embaixador Persa os altos elogios do nosso Heróe, a fama das suas victorias; que elle era o mesmo homem, que em Ormuz despedíra arrogante ao Ministro; que o mesmo Sophi Ismael mandára ao Rei Ceifadim: homem ornado de virtudes, de probidade, de valor, que o faziaõ digno da recommendaçaõ das gentes.

Como os Persas observavaõ o louvavel costume de conservar nos seus monumentos a memoria dos homens por alguma qualidade grandes, ainda que fossem os seus maiores inimigos; as noticias do Albuquerque, que o Embaixador levou de Cambaya para a Persia, foraõ causa do Sophi lhe enviar a Embaixada a Cochim, que deixo referida; obsequio, que o Albuquerque remunerou logo, mandando na companhia deste Ministro a Miguel Ferreira com o mesmo caracter para cumprimentar da sua parte a Ismael. O Ferreira foi tratado na Corte da Persia com tantas honras, que além do Sophi fazer gosto delicado de lhe fallar todos

os dias, lhe mandou dar a precedencia sobre os outros Embaixadores dos mayores Principes do Universo. Deste agrado resultou despedir o Sophi ao nosso Ministro, acompanhado de outro Embaixador com pompa brilhante ao Albuquerque, que os achou em Ormuz, quando elle agora chegava a esta Cidade.

Era vulg.

Informado pelo Ferreira, de que o Ministro Persa trazia cartas do Sophi para El-Rei D. Manoel, e para elle, o Albuquerque determinou receber a Embaixada com apparencia magnifica, assim pelo respeito aos dous grandes Monarcas, como para avançar os seus negocios em Ormuz, e a sua reputaçaõ nos continentes da Asia. Elle escolheo para lugar da audiencia a Praça defronte do Palacio do Rei, aonde mandou levantar hum theatro soberbo, e pôr no alto delle hum rico docel com duas cadeiras para elle, e para o Embaixador. No dia prefixo appareceo o grande Governador da India rodeado dos seus Officiaes, de toda a Nobreza, emula da magnificencia, e do bom gosto,

com

Ab. 1515. com a sua guarda dobrada, e o Exercito Portuguez formado em duas fileiras pelas ruas, por onde tinha de passar o Embaixador.

Sahio este do lugar da sua residencia com hum trem, e huma libré, como Ormuz naõ vira semelhante. Entre outras cousas, marchavaõ na vanguarda dous Gentis-Homens a cavallo, que levavaõ á garupa as pantheras exercitadas na caça: seguiaõ-se seis cavallos á destra de huma formosura extraordinaria, soberbamente guarnecidos: logo huma tropa lustrosa, que mostrava ser de Persas distinctos pela riqueza dos seus ornatos; levando alguns delles em grandes salvas de prata o presente de hum Sophi da Persia para hum Rei de Portugal: todo elle equivocações entre o precioso, e o delicado; em partes mysterioso nos geroglyficos Persicos, que se interpretavaõ devisas de complacencia do Sophi pela sua nova alliança. Chegou o Embaixador acompanhado do resto da sua equipagem, e subio ao theatro. O Albuquerque se levantou para o receber no devi-

vido lugar, e o conduzio á cadeira, que Em vulg. lhe estava prevenida. Fallou primeiro o Embaixador na sua lingua com hum ar grave, e judicioso sobre o poder, e qualidades Reaes do Rei D. Manoel, que admirava aos Soberanos mais sublimes da terra, entre elles ao alto Sophi, seu Amo, que o mandava ajustar huma alliança com o Monarca respeitoso do Occidente.

O Albuquerque, que na pessoa representava o cargo, respondeo com muito de igualdade, e de candura ás expressões ingenuas do Sophi: Persuadindo fórte ao Embaixador, que o Rei de Portugal estimava pela maior das suas vantagens na India a alliança com o Imperador magestoso da Persia. Esta ceremonia celebrada na face do Povo de Ormuz lhe causou huma alegria extrema, ao seu Rei Torunxa hum grande temor, e respeito ás nossas armas, que inclinavaõ para nos ser officioso ao Monarca da Persia, vencedor potentissimo de tantas Nações soberbas. O Embaixador, acabadas as funções do ministerio, se recolheo á sua Corte,

pa-

Era vulg. para onde o Governador despedio com o mesmo caracter a Fernaõ Gomes de Lemos com trinta soldados de cavallo, com Joaõ de Sousa por seu adjunto, por Secretario a Gil Simões, e por lingua a Gaspar Xires: embaixada, de que daremos noticia no seu lugar competente.

CAPITULO IV.

Da mais que fez o Albuquerque em Ormuz, com o resto das suas acções até ao fim da vida.

COMO as revoluções precedentes de Ormuz tinhaõ sido taõ geraes, ellas naõ podiaõ deixar de aprofundar raizes, que déssem agora trabalho ao Albuquerque para as arrancar. Depois que elle despedio aos Ministros da Persia, applicou todos os cuidados á conclusaõ da Fortaleza, e segurança da Cidade, aonde sabia, que inimigos occultos desafiavaõ a sua dexteridade para se conduzir com tanto de vigilancia, como de indústria. Rax Noradim, que succedêra no Minis-

ministerio a Cogeatar, tirou a vida com veneno ao Rei Ceifadim, e excluindo da successaõ aos filhos, fez acclamar Rei a seu irmaõ Torunxa. Noradim era hum dos poderosos, que o Albuquerque naõ podia deixar de metter no numero daquelles inimigos; mas como a sua idade avançada já lhe naõ consentia recolher por mais tempo os fructos da iniquidade, cuidou em eleger hum successor dos seus humores, que naõ fizesse sentir no Gabinete a sua falta. Tal era seu sobrinho Rax Hamet, moço intrepido de trinta annos, que logo se esqueceo, de que devia a nomeaçaõ ao Tio, e reverencia ao Rei, reservando para ambos os accidentes dos titulos, para si toda a substancia.

Era vulg.

Os outros empregos do Paço foraõ dados a dous irmãos de Hamet, chamados Rax Modafar, e Raz Ale, que acabáraõ de bloquear ao Rei, de pôrem sitio a Noradim. Tanto corpo tomou a insolencia dos tres Moços, que o Tio agoniado pedio ao Albuquerque o soccorresse contra Hamet, que era o maior tyranno. Em igual consterna-

çaõ

Era vulg. çaõ o Rei, disse a Alexandre de Atalde, que elle em Ormuz era hum fantasma da soberania, sem acçaõ, sem liberdade, hum captivo de Hamet: que só ao Governador da India elle achava corage para o arrancar das mãos da angústia, e que assim lho requeresse da sua parte. O Albuquerque instruido no que se passava; bem informado de que Hamet intentava romper o ultimo Tratado, impedir a conclusaõ da Fortaleza, e que olhava a vida do mesmo Albuquerque pelo obstaculo mais impenetravel da sua fortuna; elle usou da politica costumada, guardou inviolavel o segredo, e esperou conjuntura para dar a Hamet o premio de tantos serviços.

Ella se offereceo por occasiaõ de hum conselho, que arbitrou o Governador com a idéa de communicar nelle cousas do serviço do Rei de Portugal ao de Ormuz, e aos seus primeiros Ministros em plena Assembléa. Para ella se escolheo huma grande casa junto ao mar, e perto da Fortaleza, aonde haviaõ concorrer os Officiaes de hu-

[illegible], e outra parte, todos desarmados. Junta a Assembléa, Hamed que o accusava a consciencia criminosa, gritou a El-Rei, que se salvasse das mãos dos Portuguezes. Torunxa vendo-os sem armas, que levavaõ occultas, nem tendo motivos para desconfiar, se fez desentendido. O Albuquerque acodio ás vozes de Hamet, que tirou de hum punhal para elle; mas pegando-lhe Pedro de Albuquerque, Lopo Vaz de Sampayo, Diogo Fernandes de Beja, e outros Fidalgos, o abriraõ a golpes, e tiráraõ pela janella á praia com o cadaver do monstruoso Hamet. O Rei se assustou duvidoso se seria tambem victima da indignaçaõ Portugueza; mas elle socegou quando o Albuquerque com agradavel semblante lhe disse: Que mandára matar Hamet em seu serviço, para elle mostrar que era Rei, reinando só, já livre do insolente, que abusava da sua authoridade Real, e da dos seus Ministros mais estimaveis, que o fizeraõ gente.

Era vulg.

Os irmãos de Hamet quizeraõ amoti-

tinar o Povo, persuadindo-o que o Rei tambem fora assassinado. Entaõ appareceo elle com o Albuquerque em huma varanda da casa, e socegou o tumulto com huma falla, que deprimia as malversações de Hamet, que fora morto por ordem sua, como meio de se vêr livre de hum tyranno. Logo se passou outra para os irmãos do morto com as suas familias sahirem do Reino de Ormuz; mas elles com a gente do seu partido ganháraõ o Palacio do Rei, aonde determináraõ resistir á ordem com huma vigorosa defensa. O Albuquerque informado da temeridade desta resoluçaõ, pedio a Abrahem Beque, Official do Sophi da Persia, que se achava em Ormuz, fosse da sua parte, e da do Rei dizer aos rebeldes, que depozessem as armas, se recolhessem a suas casas; e aos irmãos de Hamet, que sem demóra sahissem do Reino, senaõ que os hiaõ queimar vivos. Obedecêraõ os amotinados temerosos, e entaõ senaõ fallava em Ormuz em outro assumpto, que naõ fossem louvores do Albuquerque pela prudencia, e valor

com

com que conduzíra esta acçaõ. O Rei tão obrigado a ella, declarou no mesmo dia, que a sua pessoa, e o seu Reino tudo elle sobmettia á protecçaõ do Rei D. Manoel, que reconhecia por seu Protector, e Soberano.

Era vulg.

Por este mesmo tempo, quando tantas acções sublimes do grande Albuquerque faziaõ no Universo respeitar por immortal a sua reputaçaõ, a sua gloria, as suas virtudes: as vozes da calúmnia em Lisboa hiaõ enchendo os ouvidos do Rei para escutar roucos tantos éccos sonoros. Quando as Nações publicavaõ naõ ser possivel o Soberano, que criára tal Capitaõ, deixar de estar ornado de qualidades heróicas, especialmente assistido do Numen Supremo. O mesmo Soberano, que nem conhecia ao Albuquerque, impellido de suggestões estranhas, entrou a desconhecello. Já este Heróe tinha submettido ao seu Imperio a Cidade de Goa com a sua Ilha, e Provincias adjacentes: toda a costa desde o Rio Indo até ao Cabo de Comorim; conquistado os Reinos de Malaca, e de Ormuz: funda-

do

Eat. vulg. do as Fortalezas de Cochim, de Calecut, e de Cananor: feito tributarios muitos Reis, grandes Senhores, populosas Cidades: contrahido paz, e amizade com os grandes Monarcas da Persia, de Siaõ, de Narsinga, de Calecut, de Cambaya, e outros muitos; quando o monstro da invéja deita por terra o simulacro, que tantos Principes attendiaõ, naõ sei se diga officiosos, ou reverentes.

Entaõ succedeo representar elle ao Rei os seus annos avançados, os seus serviços relevantes, os desejos de acabar em Goa o resto dos dias, dizem que pedindo o titulo de Duque da mesma Cidade. Que occasiaõ mais opportuna para a serpente tortuosa da emulaçaõ, da invéja, do odio se desenrolar, sibilar, e derramar todo o veneno? Que conjuntura para a politica abominavel firmar os interesses proprios sobre os estragos alheios? Entaõ naõ cessáraõ vozes iniquas de persuadir ao Rei justo, e pio; Que o Albuquerque, senhor de infinitas riquezas na India aspirava á tyrannia, a fazer-se na Asia hum

So-

Soberano. Quem lho ha de impedir, dizia6 os zelosos, se elle, além das riquezas, tem muitos Principes amigos, está rodeado de creaturas immensas, contubernaes do seu trato, e consórtes da sua fortuna? Elle dominado do espirito da temeridade, da insolencia, se fizer allianças com o Hidalca6, com o de Narsinga, com o de Cambaya, com o de Çalecut, com o Sophi, e ainda com o Solda6, que poder ha de contrarestar o deste monstro? Acabará na India com estrondo o Imperio do Rei D. Manoel, e na6 se ouvirá nella mais nome, que o do Imperador Affonso de Albuquerque. Era vulg.

Vozes menos desentoadas, que estas, basta6 para perturbar a serenidade do espirito em hum Soberano. Entendeo-se, que para conservar a liberdade da India era necessaria a providencia prompta de mandar recolher o Albuquerque para Portugal, e nomear-lhe successor, que foi Lopo Soares de Albergaria, hum dos seus desinclinados, que executaría com pontualidade as ordens. Elle sahio de Lisboa com treze

náos,

Era vulg. náos, em que embarcáraõ 1500 soldados, e os Capitães Christovaõ de Tavora, D. Guterre de Monroy, Simaõ da Silveira, D. Garcia Coutinho, Francisco de Tavora, Alvaro Teles Barreto, D. João da Silveira, Jorge de Brito, Alvaro Barreto, Simaõ de Alcaçova, Diogo Mendes de Vasconcellos, Lopo Cabral, e outros muitos Fidalgos. O Embaixador do Preste João, que viéra a Lisboa, e com elle Duarte Galvaõ, que hia com emprego semelhante ao mesmo Principe, embarcáraõ nesta Armada, que sahio do Téjo em Abril, e chegou a Goa em Setembro do anno, em que fallamos.

Se quando estas cousas se passavaõ em Lisboa, entre os amigos naõ havia huma só pessoa, que defendesse ao ausente, nem justificasse a probidade do seu procedimento, por se julgar fórtemente prevenido o Rei, que entendia esta indifferença, e este silencio como huma confirmaçaõ dos avisos, que lhe haviaõ dado; entaõ a grande alma do Albuquerque, que sabia, quanto na Corte se tratava em seu prejuizo, fir-

firme na equidade do Principe, na sua innocencia, nos seus merecimentos, lhe parecia estar do alto do Olympo olhando para a tempestade da calúmnia desfazer-se em si mesma, sem que a poeira de tantos turbilhões agitados lhe soffocassem a respiraçaõ.

Era vulg.

Navegava para a India o novo Governador Lopo Soares; Affonso de Albuquerque estava em Ormuz, quando outra calúmnia em Malaca amolgou com golpe sensivel a reputaçaõ dos Portuguezes na India. Alodin, Rei de Bintaõ, determinou arruinar a seu genro Abdala, Rei de Campar, que elles haviaõ feito Bendara de Malaca em lugar de Ninachetu. Para o conseguir era necessario malquistallo com os seus mesmos bemfeitores; e para isso ordenou em segredo a alguns dos seus Capitães tomassem os navios de Malaca, e os trouxessem a Bintaõ. Depois de os ter no porto, á vista dos prisioneiros dava reprehensões ásperas bem fingidas aos mesmos Capitães, porque captivavaõ os navios de Malaca, de que elle era Rei, aonde estava seu amado genro Ab-

Era vulg. dala, que lhe promettia brevemente restituillo ao seu Throno. Seguia-se a esta indústria dar liberdade aos navios, e ás suas tripulações, que viérão espalhar em Malaca as noticias do que lhe succedêra com Alodin, Rei de Bintaõ.

Jorge de Albuquerque, Governador da Praça, sem mais averiguaçaõ deo crédito a estas vozes perdidas, e parecendo-lhe que já via Malaca no poder do Rei de Bintaõ pelas indústrias de Abdala: sem valerem a este innocente as próvas da sua fidelidade, do seu zelo no serviço de Portugal, em hum cadafalso público mandou cortar a cabeça ao Principe, que fazia honra de ser Bendara de Malaca nomeado pelos Portuguezes. Bartholomeu Perestrello, primeiro author desta atrocidade, por ser amigo intimo dos filhos de Ninachetu, dezasete dias depois do catastrofe do Rei de Campar, cahio de repente morto com admiraçaõ das gentes, que tivéraõ a sua mórte por hum castigo visivel de Deos. As Nações confinantes se inquietáraõ; todos os Merca-

do-

dores abandonáraõ Malaca, e foraõ clamando pela Asia: Que ninguem vivia seguro entre os Portuguezes pérfidos, que naõ guardavaõ fé ainda aos maiores amigos; aos subditos, que melhor os serviaõ: Que o desprezo feito a Ninachetu, que fora hum dos seus servidores mais fiéis, levára este homem á desesperaçaõ, que o arrojou a huma fogueira: Que ao Rei de Campar, naõ menos leal, o matáraõ com atrocidade, e que a mesma usariaõ com todos em se enfadando do seu trato.

O Governador conhecendo o seu erro, e desejando reparallo, especialmente depois que vio o Commercio roto em Malaca, mandou à Jorge Botelho com duas náos para correr as Cortes dos Principes, e os informar dos motivos, que elle tivera para tirar à vida a Abdala: motivos, que se fariaõ criveis antes de ser conhecida a perfidia abominavel de seu sogro o Rei de Bintaõ, que lhe maquinára à morte. Este Rei, quando o Botelho cumpria a sua commissaõ, mandou dizer ao Senhor de Siaca seu vassallo, que se lhe

Era vulg. mandasse a cabeça deste Portuguez, elle o casaria com huma filha sua. Quizéra o Barbaro sacrificar ao seu amor a victima, que lhe pediaõ; mas hum seu criado, que fora escravo do Botelho, a quem deveo a liberdade sem resgate, mostrou-se agradecido, avisando-o de que se attentava contra a sua vida; e que se o projecto naõ se lograsse na Corte de Siaca; que no caminho de Malaca o esperavàõ doze nàos muito grossas do Rei de Bintaõ para o mettêrem no fundo, ou o prenderem.

Jorge de Albuquerque avisado da conjuraçaõ, mandou a Francisco de Mélo em nove fustas soccorrer o Botelho contra a Fróta de Bintaõ, que já estava reforçada com outros vinte e quatro navios. O combate em taõ grande desproporçaõ foi singular, sanguinolento, e horrivel. Os inimigos cedendo ao valor dos Portuguezes, perdêraõ grande número de homens, muitos navios, e o campo da batalha, que deixáraõ livre para Jorge Botelho entrar triunfante em Malaca. Pouco depois desta acçaõ chegou para seu novo Governador

Jor-

Jorge de Brito, que viéra na Armada de Lopo Soares, e tomou posse do seu governo no fim de Outubro. Era vulg.

CAPITULO V.

Das ultimas acções, e mórte do Grande Affonso de Albuquerque.

DEPOIS da mórte, que o Albuquerque mandou dar em Ormuz ao tyranno Rax Hamet, correo constante a voz, de que o Soldaõ do Egypto mandava huma Armada poderosa para lançar aos Portuguezes da India. Este rumor servio ao Albuquerque de pretexto especioso para pedir ao Rei de Ormuz lhe entregasse toda a artilharia, e munições, que tivesse na Cidade, e no seu Palacio por modo de emprestimo; porque em necessidade taõ urgente devia guarnecer melhor a Fortaleza, e a Armada. Conseguida sem repugnancia esta primeira idéa, a sua illuminaçaõ lhe propoz segunda, que foi enviar para a India na companhia de D. Garcia de Noronha a quinze Reis cégos, que esta-

Em vulg. tavaõ em Ormuz, com suas mulheres, e filhos. Os Ministros destes Monarcas infelices lhes tinhaõ feito tirar os olhos para naõ verem as insolencias, que elles cometiaõ contra o Estado; e ainda que estes Principes naõ estivessem em termos de o perturbar de novo; para que os seus descendentes naõ o fizessem, e para retirar das vistas de Ormuz estes despertadores da memoria de tamanhas atrocidades, o Albuquerque teve por justo enviallos para Goa, aonde os sustentáraõ á custa da Fazenda Real com tratamento correspondente ás suas qualidades.

Outras grandes idéas projectava o memoravel Albuquerque, entre ellas duas sugeridas pela magnanimidade do seu coraçaõ, bastando que fossem meditadas para serem eternamente gloriosas. A primeira era divertir a corrente do Nylo para o mar Roxo por hum novo canal, que esterelisasse o Egypto, e privasse aos Turcos dos interesses, que tiravaõ deste Paiz: A segunda forçar a casa de Meca; extrahir della o corpo de Mafoma, que he

hum

hum abysmo de superstições, e dando-lhe fogo á pórta de huma Igreja de Jesu Christo offerecer nelle hum como sacrificio ao Deos verdadeiro para confusaõ dos professores de seita taõ abominavel. Projectos semelhantes naõ os executa, nem os pensa senaõ hum espirito sublime, huma alma muito grande. Pouco importaria, que os homens communs olhassem estas emprezas como hum impossivel, dando-lhes os nomes de sonhos, de visões, de quiméras; que nós lhes responderiamos, que assim era nas suas imaginações, aonde naõ cabem as vistas, as dilatações, os espiritos dos Heróes; mas que nas deste cabiaõ.

Era vulgar

Quando o Albuquerque assim discorria, pouco depois de ter despedido a seu sobrinho D. Garcia de Noronha para a India, donde hia embarcar para o Reino; huma queixa, que padecia, se lhe engraveceo, e o fez desconfiar, de que era a ultima. Como Catholico delicado, os seus primeiros cuidados foraõ na alma, recebendo os Sacramentos; e depois chamando os

Ca-

Era vulg. Capitães, lhes disse, que se fallecesse, elle tinha ordem del Rei para nomear Governador da India, em quanto de Lisboa naõ chegasse outro, e que elles deviaõ jurar de lhe obedecer, o que todos fizeraõ. Como a molestia tinha intervallos, determinou-se a ir para Goa, aonde esperava recobrar a saude, mais arruinada pelas fadigas das viagens, e pelos trabalhos da guerra, que pelo número dos seus annos, que eraõ pouco mais de sessenta.

Com lágrimas ternas do Rei, dos Portuguezes, e dos moradores da Cidade, o Albuquerque se fez á véla de Ormuz para Goa a 10 de Novembro deste anno ultimo da sua vida. Navegando na volta de Dio chegou a bórdo da sua náo huma fusta, que lhe levava cartas de Cide Ale, e de hum Embaixador do Sophi da Persia, que o avisavaõ, como contra toda a esperança dos homens chegára á India, mandado pelo Rei de Portugal, Lopo Soares para lhe succeder no governo, e que a elle lhe ordenavaõ se recolhesse ao Reino, offerecendo-lhe o Persa a pro-

protecçaõ do Sophi seu Amo. Nova semelhante, que em si mesma trazia gravada a origem donde nascéra, ella atordoaria outro homem, que naõ fosse o Albuquerque, immovel na ventura, e na desgraça. Elle levantou, sereno o semblante, as vozes ao Ceo, e disse em tom, que todos ouvíraõ: Louvado sejais, bom Deos; mal com os homens por amor del Rei, mal com El-Rei por amor dos homens: velho recolhe-te á Igreja, que assim convém á tua honra, e tu nunca soubeste faltar á observancia das suas Leis.

Era vulg.

Este golpe foi hum dos auxilios efficazes, que fizeraõ conhecer ao Albuquerque, que morria; que lhe elevou a alma sobre todo o visivel; que o conduzio para a Bemaventurança, como geralmente crêo a piedade. Elle se despedio do seu Rei, escrevendo-lhe huma carta com termos dignos de si mesmo; e longe de se queixar de huma revocaçaõ, que muito mais que a sua enfermidade, era capaz de lhe abbreviar o momento da mórte: Nella lhe dizia, que pegava na penna dando

do

Em vulg. do os ultimos soluços, que eraõ o signal do fim da vida: que lhe recommendava hum unico filho, que tinha, para que fosse o objecto, sobre que recahisse o despacho dos seus serviços: que se persuadisse como Affonso de Albuquerque morria vassallo taõ fiel, como tinha vivido. Chegando a náo á vista de Goa sentio mais apressada a decadencia dos espiritos, que o obrigou a mandar vir da Cidade com pressa ao Vigario Geral, Fr. Domingos, para lhe servir de Piloto déstro na sua mais arriscada viagem. Com elle passou a noite occupado nas lembranças da eternidade; em colloquios ternos com Deos; taõ esquecido do mundo, que se teve voz para agradecer, nada se deixou tocar dos offerecimentos, que naquelle dia lhe mandáraõ fazer o Sophi da Persia pelo seu Embaixador de Cambaya, e Cide Ale, ambos de todo o seu poder para o sustentarem no emprego, que occupava com tanto de honra, como de applauso. Em fim antes que rompesse o dia, e á vista de Goa, morreo Affonso de Albuquerque.

Com

Com a pompa devida a homem tamanho, entre lágrimas communs de Christãos, Gentios, e Mouros, foi o seu cadaver sepultado na Capella da Senhora da Conceiçaõ, que elle fundàra sobre a pórta pequena, quando tomou a Cidade. Nella descançáraõ os seos ossos até o anno de 1566, em que seu filho Bras de Albuquerque os mandou trasladar, como elle dispunha no seu testamento, para a Capella do Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa. Já era morto o nosso Heróe, quando chegou á India a sentença da sua innocencia contra a calumnia dos invejosos. No mesmo mez de Abril depois de Lopo Soares ter sahido de Lisboa, El-Rei mais bem informado, conhecendo melhor os calumniadores, e o calumniado; mandou á India a Affonso Lopes da Costa com carta para Affonso de Albuquerque, em que o Principe lhe dizia o arrependimento, que tinha de o mandar recolher: que se fosse do seu gosto se deixasse ficar em qualquer das Fortalèzas, que quizesse independente de Lopo Soares, pa-

Erá vulg.

Era vulg. para lhe restituir o governo com o titulo de Viso-Rei, quando elle acabasse o seu tempo.

Publicou-se no Oriente a mórte de Affonso de Albuquerque. Os Reis de Calecut, de Cananor, de Coulaõ, de Cochim, de Cambaya, déraõ as demonstrações mais públicas do seu sentimento. O de Ormuz se encerrou por muitos dias, vestio-se de luto rigoroso, e naõ fallava nelle sem derramar lágrimas copiosas. Naõ deveo elle tanto a Portugal, que lhe devia muito: as imagens se retratáraõ da côr dos affectos. El-Rei, que se via senhor de hum Imperio ganhado pela ponta da espada do famoso Albuquerque, remunerou tantos serviços na pessoa de seu filho, Braz de Albuquerque. Ordenou-lhe que se chamasse Affonso, casou-o honrado, deo-lhe tenças, e juros, premios de tantos serviços.

O grande Affonso de Albuquerque nasceo em huma quinta da Villa da Alhandra em 1453. Foi filho segundo de Gonçalo de Albuquerque, senhor de Villa-Verde, e de D. Leonor de Me-

Menezes, filha de D. Alvaro Gonçalves de Ataide, Conde da Atouguia. Nos annos mais verdes da sua idade embarcou na Armada, que El-Rei D. Affonso V. mandou de soccorro ao Rei D. Fernando de Napoles contra os Turcos, que tinhaõ occupado Otranto. Servio a El-Rei D. Joaõ o II. de seu Estribeiro Mór, e se achou na defensa do Forte da Graciosa, sendo estas duas expedições o proemio elegante das muitas victorias, que tinha de ganhar o seu braço invencivel. Nós temos visto nesta Historia quanto obrou na Asia do anno de 1503, em que fez a ella a primeira viagem, até este de 1515, em que falleceo. Quem a reflectir, quasi que suspenderá a credulidade ouvindo no espaço de poucos annos a torrente continuada de triunfos, com que se coroou este Pai das façanhas.

Era vulg.

Como raio fulminante em giro pelo Oriente, elle reduzio a cinzas as Cidades de Brama, de Calecut, de Pangim, de Orfaçaõ, as Armadas formidaveis de Ormuz, de Meça, de

Adem.

Era vulg. Adem. Elle em Goa cingio duas vezes os louros de seu conquistador; aonde com glória immortal abatteo ao Hidalcaõ, ganhou Benastarim, e nesta Cabeça do Dominio Portuguez na Asia, se nella levantou hum Obelysco duravel á sua memoria, ella he o Padraõ eterno da calumnia infame dos seus emulos. Elle fez, que tres mil boccas de bronze, multiplicando trinta vezes as da fama, publicassem pelo mundo o rendimento da soberba Malaca. Elle, com o respeito do seu nome, fez tremer as Cidades de Mascate, de Lamo, de Calaiate, as Ilhas de Camaraõ, e de Queixome, as Armadas de Ormuz, do Hidalcaõ, de Adem, de Calecut. Elle com o estrondo da reputaçaõ submetteo ao jugo de Portugal os Reis das Maldivas, de Onor, de Vengapor, Senhores, e Regulos poderosos da India. Elle pelo respeito da sua equidade, e das suas victorias, recebeo Embaixadas brilhantes do Sophi da Persia, dos Reis da Arabia, de Siaõ, de Pegú, de Bengala, de Pedir, de Pacem, de Nar-

sin-

linga, de Cambaya, de Ormuz. Elle para conservar o Estado respeitoso, fundou as Fortalezas de Cananor, de Cochim, de Calecut, de Ormuz, de Malaca. Elle assignou Tratados de Paz com os maiores Principes do Oriente, que todos sentíraõ a sua deposiçaõ do governo, a sua morte succedida aos 16 de Dezembro com 63 annos de idade.

Era vulgi

Affonso de Albuquerque, bem digno de nos alargarmos no seu elogio, foi hum homem com tanta igualdade humano, e sevéro, que naõ se póde decidir, se elle era mais temivel por sevéro, se mais amavel por humano. A igualdade era o idolo a que elle dobrava o joelho; a fé violada, o horror, que naõ lhe consentia reprimir a cólera; as injúrias feitas a outrem, o escandalo, que naõ podia deixar impunido. Nunca casou: de huma criada teve hum filho: era homem; e qual esteve no mundo sem peccado, ainda que a sua vida fosse de hum só dia? Elle foi nos trabalhos huma montanha de firmeza; cançava muitos homens; a elle

Era vulg. le nada o opprimia. Para os murmuradores, e mentirosos era inexoravel. Facil em pedir conselho, ponderoso em se determinar; mas em se resolvendo obrava voando. Da verdade era taõ amante, quanto insensivel ás injúrias: Cataõ Portuguez, que se dellas lhe pediaõ perdaõ, negava havellas recebido. Quando se tomava da ira parecia o mar em cólera, que queria tragar os rochedos: no meio dessa mesma tempestade vinha de repente a bonança, que attrahia. Na paz, e na guerra, no Gabinete, e na campanha, era o mesmo homem com diversas figuras, Marte em hum theatro, no outro Mercurio.

CAPITULO VI.

Trataõ-se os successos de Africa neste anno de 1515.

SEMPRE heróicos os pensamentos do Governador de Çafim Nuno Fernandes de Ataide, estimulado com a façanha de Diogo Lopes, que como dissemos, che-

chegou a bater ás portas de Marrocos: Era vulg.
Elle lhes deo tanto mais de sublimidade, quanto era a vantagem, que concebeo de render a mesma Cidade. Quando elle se entretinha nesta idéa magnanima, foi informado das irrupções, que o Xerife fazia na Provincia de Xiatima, tributaria da nossa Coroa. Elle naõ pode escusar-se de mandar soccorrer estes alliados pelo Adail Lopo Barriga, que chegou quando o Xerife se recolhia com importantes despojos. Sem perder tempo foi sobre elle este bravo homem, que alcançando ainda a retaguarda dos inimigos a fez em postas.

Depois desta vantagem soube, que o Xerife se havia retirado para o forte Castello de Amagor, plantado sobre huma montanha na confluencia de duas ribeiras, que faziaõ muito difficultosa a sobida. Lopo Barriga, que nada tinha por impossivel em confrontando a glória com a difficuldade, determinou forçar o Castello, e pedio mais forças a Çafim. Nuno Fernandes lhe mandou 200 cavallos, e alguma infantaria ás ordens de seu sobrinho Jorge

Em vulg. Mendes Serveyra, que foi guiado de hum Mouro por caminhos occultos, até o levar aonde estava Lopo Barriga com a sua gente, e mil cavallos de Xiatima, que mandava Cide Buxima. Era Sol posto, quando avistáraõ o Castello de Amagor, que tinha 200 Aldêas suas dependentes. Ao romper o dia, que era o ponto destinado para o avance da montanha, foi visto o Xerife, que marchava em retirada com todos os soldados, e moradores. Correo Lopo Barriga a impedir a fugida, e junto ao Castello encontrou ainda 150 cavallos, e 200 infantes, que se víraõ necessitados a defender-se.

Estes infelices levados ás cutiladas para dentro do Castello, quasi todos foraõ degollados. A paisanage consternada se despenhava da montanha, ficando mais de mil esmagados, outros espetados pelas pontas das arvores: espectaculo á humanidade sensivel, ao furor grato. O Xerife deveo a liberdade ao seu cavallo: fizemos 400 captivos, e durou tres dias o saque, que pagou bem aos nossos Mouros de Xia-

ti-

tima a perda precedente, naõ nos custando esta acçaõ mais que hum homem. Pouco depois o incançavel Barriga com Abentafut foi dar sobre o Fórte de Adebalo, sendo elle o primeiro, que ferrou o muro. Acabada esta empreza; que nos deixou captivos, e despojos, os dous Chéfes foraõ informados, que a campanha estava segura; porque o Xerife se fora refugiar no Castello de Alguel.

Esta vitória.

Déraõ elles esta noticia a Nuno Fernandes, pedindo-lhe marchasse em pessoa para todos unidos o investirem, na certeza de que o fariaõ prisioneiro. Veio o Ataide, e marchando todos; quando estavaõ a duas legoas de Alguel, elle sem dizer palavra, voltou caras, e se recolheo a Çafim. Já mais se penetrou o que quiz dizer esta manobra do Ataide, que teve de se arrepender della, sabendo depois o terror do Xerife, que abandonou o Castello; se retirava para Suz; deixava hum seu irmaõ no Castello com 20 cavallos para o seguir em avistando os Portuguezes; mas que elle avisado do seu retro-

 ces-

Era vulg. cesso para Çafim, tornou a entrar em Alguel. Privou-se o Ataide de huma glória grande: o seu Adail Barriga naõ quiz escusar-se a outra, para que o convidáraõ os Mouros nossos confederados. Era ella a mesma da conquista de Alguel, para onde partíraõ, o Barriga com 150 cavallos, os Mouros com 800, e 400 infantes mandados por Cide Buxima.

Tres legoas antes de chegar ao Castello, foi ouvido hum grande estrondo de vozes no nosso campo, que o obrigou a formar-se em batalha, fazer alto, esperar quem vinha. Passado pouco tempo apparecêraõ alvoraçados muitos vassallos do Xerife, que vinhaõ pedir a Lopo Barriga a protecçaõ das nossas armas. Como as trópas do mesmo Xerife os seguiaõ, os nossos corrêraõ a ellas de tropel, e as foraõ levando até ás visinhanças do Castello. Tomáraõ os Mouros todas as avenidas, aonde os nossos naõ podiaõ chegar sem soffrerem o fogo continuado, que elles faziaõ dos lugares, aonde se haviaõ entrincheirado. Por tudo rompeo a audacia

cia do nosso valor, ainda que com o desconto da vida de dezaseis homens, entre elles o alentado Sebastiaõ Matoso, natural de Castello Branco, que respirava em Africa hum ar todo heróico. Lopo Barriga foi deitado a terra de hum bote de lança, e feito prisioneiro: mas arrancando outra das mãos de hum Mouro, fez com ella taes proezas, que os Barbaros atonitos o deixáraõ, antes que em soccorro do Tigre indomito chegasse a sua gente, que corria a valer-lhe arrebatada do ardor, com que o amava.

Era vulg.

Outro Capitaõ, que naõ fosse Lopo Barriga, se approveitaria da consternaçaõ dos Mouros póstos em fugida; mas elle prudente, e valeroso, para naõ cahir em alguma cilada, esperou melhor occasiaõ, ou de atacar o Castello, ou de novo combate. Elle se abarracou na sua frente, aonde esteve tres dias com escandalo dos Mouros, que naõ o podéraõ soffrer sem despique. Vieraõ ás mãos huns, e outros inimigos; mas os nossos Mouros confederados, vendo marchar o Senhor da

Ser-

Era vulg. Sèrra, que trazia para a Praça hum bom reforço; elles, que nos convidárao para esta empreza, abandonaõ o campo, deixaõ os Portuguezes, privárao-se da glória de hum triunfo. Em quanto durou o dia Lopo Barriga com a sua pouca gente sustentou o campo, deteve o passo ao soccorro; mas notando que a sua obstinaçaõ era mais que dura, cedeo da teima por naõ parecer temerario, e se recolheo a Çafim, encontrando no caminho 500 dos nossos Mouros mortos de frio, e do trabalho.

A chegada de Lopo Barriga acabou de determinar a Nuno Fernandes para a expediçaõ, que elle trazia concebida em si, sem até entaõ a revelar a alguem. Disse-lhe o Barriga, que os Mouros confederados lhe lembravaõ, como elles estavaõ promptos para o seguir naquella empreza occulta, para que os tinha convidado. A grandeza da alma de Nuno Fernandes o fez entender, que para huma façanha tal como a da conquista de Marrocos, naõ necessitava ajuntar muniçoes; conduzir

ar-

artelharia, nem levar outras máquinas de bater além da do seu valor, que em chegando á vista da numerosa guarnição da Praça, derramaria nella tal espanto, que lhe tiraria a corage para a defensa.

Era vulg.

Communicou elle o seu disignio a D. Pedro de Sousa, Commandante de Azamor, com a noticia de que o Xerife se achava em Marrocos, e que elle necessitava para tal empreza huma companhia como a sua. D. Pedro veio em pessoa a Çafim conferir o modo, e os meios da sua execuçaõ, e ficou determinado, que no campo das Sabinas se ajuntariaõ, elle com 200 cavallos, o Ataide com 300, os Mouros da Xerquia com 800, os de Garabia com 1$000, os de Dabida com 600. A estes destacamentos se ajuntou hum corpo de infantaria a 22 de Abril no campo das Sabinas, aonde se revelou o designio aos Mouros, que o ouvíraõ com alvoroço cheio de corage. Appareceo a pequena trópa á vista de Marrocos. Os Mouros a estimáraõ pela vanguarda do grande Exercito, que presumiaõ

Era vulg. miaõ marchava a formar o sitio da sua Capital.

O ataque, por conselho de D. Garcia Deça Zuleyma, se havia fazer á porta de Féz, para onde se foi guiando a marcha por entre dous outeiros visinhos á Cidade. Segundo a ordem, que levavaõ nella, quando houveraõ de formar-se, ficou Nuno Fernandes immediato a D. Pedro de Sousa em hum largo junto á porta de Féz: os Mouros da Xerquia á sua esquerda para a porta dos Curtidores: os de Garabia para a de Belabeceti; os de Dabida para a de Rob, todos taõ expeditos, como se houvessem de bater as portas, e os muros com os braços, e os peitos. O Rei, o Xerife, os Commandantes de Marrocos, aonde havia hum mundo de gente, naõ vendo no campo mais que o punhado de homens, que tinhaõ na frente, mandáraõ hum grosso destacamento a investillos. Elles fizeraõ muito em soffrer este primeiro repelaõ dos inimigos, que matáraõ alguns dos nossos Mouros, feríraõ ao seu Commandante Cide Meimaõ, e deitáraõ do cavalo-

tello abaixo a Lopo Barriga, que de- Era vulg.
veo a liberdade aos Mouros de Garabia.

Esta vantagem dobrou a confiança dos Barbaros, e fez os nossos mais circunspectos para conhecerem na face da temeridade o perigo, em que se mettêraõ. Nuno Fernandes de Ataide teve por conveniente retirar-se em boa ordem com a reputaçaõ taõ inteira como o seu espirito, e buscar a margem de hum rio para nelle se fazer fórte a qualquer resoluçaõ dos contrarios. Elles o seguíraõ até hum desfiladeiro, que fórma o rio. Nelle se cobríraõ os nossos, e fulmináraõ os Barbaros com tanta intrepidez, que se pozéraõ em vergonhosa retirada. Entre os valerosos, que na Cidade se tomáraõ do furor pela audacia, com que os Portuguezes chegavaõ a balroar com estrépito as pórtas de Marrocos, foi o mais accezo hum Alcaide do Rei de Féz, que viéra com os Xerifes a esta Corte. As suas persuasões obrigáraõ os de Marrocos a passar o rio para forçarem o desfiladeiro, aonde os Portuguezes se haviaõ entrin-

Era vulg. trincheirado. Elles se portáraõ no avance com tanta corage, que derrotadas as primeiras fileiras, as mais naõ se attrevêraõ a passar; retrocedêraõ para a Cidade, e os Portuguezes se recolhêraõ sem opposiçaõ ás suas Praças.

Os Xerifes envergonhados na presença do Rei de Marrocos, por deixarem ir sem castigo aos Portuguezes, que lhe insultáraõ a sua Corte, naõ correspondendo contra estes homens attrevidos as suas obras ás palavras; elles tomáraõ o expediente de despedir-se, e retirar-se para Dará a engrossar o seu partido. Como em breve tempo se víraõ poderosos, formáraõ o projecto de se fazer senhores do Cabo de Aguer, e do seu castello nas margens do rio Aguz. Elles o conseguíraõ com assombro da Berberia, que o estimou por hum effeito da virtude dos seus authores. Avançando as industrias para os fins propostos por seu Pai, se apoderáraõ no Reino de Sus de hum grande valle com 60 legoas em quadro, que naõ tinha mais que a pequena povoaçaõ de Taradante; que cultiváraõ com

a

a sua gente para nella lançarem os fundamentos a hum pequeno Estado, o que em pouco tempo deixárão vêr respeitavel a famosa Cidade de Tarudante.

Era vulg.

Da conquista do Cabo, e da povoação do valle dérão elles parte aos Reis de Féz, e de Marrocos: vantagens, que lhes davão esperanças firmes de sacudirem os Portuguezes de Africa. Não faltárão vassallos daquelles Principes mais illuminados, que elles, que os advertissem zelosos, como os progressos dos Xerifes já mostravão não se encaminharem tanto a expulsarem os Christãos, como a dominarem os Mouros: Que esta ultima manobra já respirava Soberania, que os obrigava a olhar por si com tempo, antes que o mal se fizesse incuravel. Mas como a Providencia destinára aos Xerifes para instrumentos do castigo daquelles Monarcas, tão longe estivérão de differir aos pareceres dos seus vassallos, que antes enviárão grossos soccorros aos inimigos occultos, que traçavão a sua ruina.

Quan-

Era vulg. Quando os Xerifes assim se conduziaõ ardilosos, D. Joaõ Coutinho, Governador de Arzila, convidava a D. Duarte de Menezes, que tinha o mesmo emprego em Tangere, para marcharem ambos a assollar á serra do Farrobo habitada de bravos Cavalleiros, especialmente a Aldêa de Limbilja, como sempre desejára o Conde de Borba, seu Pai. Ao conselho se seguio a execuçaõ; mas os dous Chéfes encontráraõ os de Limbilia taõ prevenidos, que os esperáraõ á raiz do monte, aonde os desafiáraõ para subirem em seu seguimento. Elles o fizéraõ com tamanho impeto, que os Barbaros entráraõ por huma, e sahíraõ por outra das pórtas da Praça, que logo foi reduzida a cinzas. O mesmo destino tivéraõ outros muitos Lugares, ficando quasi herma, e perdida a especiosidade da fertil serra do Farrobo.

Na alternativa dos successos humanos se seguem os infortunios ás prosperidades, como o experimentou El-Rei D. Manoel na fabrica da Fortaleza de Marmora, que foi causa da maior

per-

perda, que elle teve em todo o seu Reinado felicissimo. Quiz El-Rei ser senhor das commodidades do rio de Marmora para a ancoragem das Armadas, que hiaõ a Africa, e com huma de 200 vélas, e oito mil homens, mandou a D. Antonio de Noronha fazer huma Fortaleza na sua embocadura. A diligencia, com que se trabalhava nesta obra, e o estrondo da sua fabrica despertou aos Reis de Féz, e de Mequinéz para impedirem, que os Portuguezes se fizessem senhores do rio. O de Féz com muito maior razaõ o devia temer: porque estando a sua Corte duas legoas distante de Marmora, para o futuro podiaõ elles formar algum designio, que lhe fosse fatal. Os dous Principes colligados naõ perdoáraõ a esforço para nos divertirem, sendo necessario na continuaçaõ do trabalho ter em huma maõ a ferramenta, em outra a lança, os homens a hum tempo artifices, e soldados.

Era vulg.

Houve encontro, em que perdemos mil, e duzentos homens, sendo pouco o valor de D. Antonio de Noronha, de

D.

Era vulg. D. Nuno Mascarenhas, e dos muitos Fidalgos do nosso campo para reprimir o impeto, e a multidaõ dos Barbaros. A esta continuada fadiga se ajuntou a falta de mantimentos no campo, e na Armada: infelicidade, que fez desesperar os nossos Chéfes do bom successo da empreza, e os obrigou a avisar a El-Rei o perigo, em que se achavaõ. Elle lhes ordenou, que abandonassem a Fortaleza, e salvassem a Armada com honra. Nós naõ devemos attribuir esta desgraça tanto ao valor, e multidaõ dos Mouros, como á nossa desordem, e confusaõ na Armada, e no Exercito. Derramou-se ella entre os Portuguezes, que sem acordo perdêraõ quatro mil vidas, a maior parte affogadas no rio; abandonáraõ quantidade de artelharia, e munições; deixáraõ captivar familias inteiras, que foraõ para povoar a Fortaleza, e varar nas praias quasi cem navios, que fizéraõ mais sensivel o destroço.

CA-

CAPITULO VII.

Principiaõ os successos do anno de 1516 na Europa, e na India.

ENTROU este anno fatal para a Monarquia de Castella pela perda, que fez do seu grande Rei D. Fernando, o Catholico, digno de nome immortal na Historia. Soube El-Rei D. Manoel, seu genro, que elle adoecêra indo de Palencia para Sevilha, e o mandou visitar por Joaõ Rodrigues de Sá, e Menezes, que o encontrou no lugar de Madrigalejo, aonde falleceo a 23 de Janeiro. Quando El-Rei foi avisado da sua mórte, ordenou ao mesmo Ministro fizesse os cumprimentos de pezames á Rainha de Germania, sua mulher, ao Infante D. Filippe, seu neto, e escreveo a Rodrigo Fernandes de Almada, seu Residente em Anvers, para que exactamente lhe désse informaçaõ de tudo o que se passasse em Alemanha, e no Paiz Baixo, como instrucçaõ necessaria para elle se prevenir confórme

Era vulg. 1516

aos

Era vulg. aos movimentos dos Principes Austriacos, originados da morte do Rei Catholico.

Ao mesmo tempo despedio a Pedro Correa, Fidalgo de grandes experiencias, com o caracter de Plenipotenciario junto á pessoa do Imperador Maximiliano, Avô do Archiduque Carlos, primogenito de seu filho Filippe I. Rei de Castella, por sua mulher a Rainha D. Joanna. O assumpto desta Embaixada era apertar mais os laços da uniaõ com a proposta de dous casamentos, hum de sua filha a Infante D. Isabel com o Archiduque Carlos, outro da Archiduqueza D. Leonor com D. Joaõ, Principe de Portugal. O Imperador escutou a proposta com muito agrado; mas como a conjuntura do tempo naõ consentia a conclusaõ do ajuste, differindo-se ella para outra occasiaõ, o Ministro voltou para o Reino.

Pelo mesmo tempo foi El-Rei avisado por D. Miguel da Silva, seu Embaixador em Roma, que depois foi Bispo de Viseo, e Cardeal, como o Pa-

pa Leaõ X. mettêra no Cathalogo dos Santos a Rainha D. Isabel, mulher del Rei D. Diniz, para que na Lusitania se lhe désse o culto público, de que a faziaõ digna as suas virtudes heróicas; que a seu filho o Infante D. Affonso o criára Cardeal; e que lhe concedêra o Padroado dos Mestrados do Reino com exclusiva de todas as Provisões de Roma, bastando a sua nomeaçaõ arbitraria por apresentaçaõ, e confirmaçaõ.

Era vulg.

Quando em Africa, e no Reino succediaõ as cousas, que eu tenho referido, na India acabadas as exequias do grande Affonso de Albuquerque, o seu Successor Lopo Soares em Cochim traçava idéas magnanimas, que escurecessem a fama deste Heróe; mas elle foi pouco mimoso da ventura. O seu Chéfe de obra foi mandar huns Emissarios á Rainha Regente de Coulaõ para lhe requererem: Que a Igreja de Saõ Thomé arruinada pelos Mouros na rebeliaõ, em que matáraõ ao Feitor Antonio de Sá, fosse reparada, e as suas rendas restituidas: Que ella pagasse em satisfaçaõ das fazendas del Rei, e dos

Em vulg. vassallos, que entaõ se tomáraõ, 500 bahares de pimenta; e que se obrigasse a dar carga ás náos de Portugal, primeiro que ás de outra qualquer Naçaõ: propostas, em que a Rainha conveio sem repugnancia.

Depois expedio cinco náos para o Reino, em que embarcou D. Garcia de Noronha, e elle partio para Goa a resuscitar a questaõ, se esta Cidade devia, ou naõ ser conservada no nosso dominio. El-Rei irresoluto em se deliberar pela contrariedade dos avisos, que lhe mandavaõ sobre esta materia na vida do Albuquerque, entendeo prudente que a havia deixar á decisaõ daquelles, que com o exame dos olhos estavaõ vendo a situaçaõ dos lugares, bem instruidos nas leis, e costumes dos Póvos, na conveniencia, ou desinteresse da conservaçaõ de Goa. Já era morto o Albuquerque; tinha cessado a inveja; naõ fazia a emulaçaõ os seus officios, e concordáraõ todos, que era huma covardia affrontosa abandonar huma Cidade taõ respeitavel, como era Goa: Que ella se fortificasse, se lhe

au-

augmentasse a guarniçaõ, fosse estimada como Capital do nosso Estado: decisaõ, que aprováraõ agora o Governador, depois El-Rei.

Era vulg.

Já á este tempo D. Aleixo de Menezes, mandado pelo mesmo Governador, navegava para o mar da Arabia com oito náos, de que eraõ Capitães, além delle, Francisco de Tavora, D. Alvaro da Silveira, Christovaõ de Brito, D. Diogo da Silveira, Alvaro de Brito, Nuno Fernandes de Macedo, e Joaõ Gomes, que levavaõ ordem para invernar em Ormuz, e o avisarem se se preparavaõ náos do Soldaõ para virem á India. O Governador, que tinha tanto de vivacidade, como de acçaõ, já restituido a Cochim, e despedida esta Esquadra, mandou outra de tres náos ás ordens de Fernaõ Peres de Andrade para descobrir a China, como El-Rei lhe ordenára: instruio-se em todo o genero de negocios, de que tomou pleno conhecimento, e renovou os Tratados de Alliança, que o Albuquerque celebrára com os Reis visinhos.

Os successos das duas Esquadras foraõ

Era vulg. raõ pouco vantajosos. D. Aleixo de Menezes naõ lhe servindo o tempo para cruzar os mares da Arabia, se recolheo sem fructo a invernar em Ormuz, donde voltou para a India. Fernaõ Peres foi dar á Ilha de Çamatra, aonde houve permissaõ do Rei de Pacem para se fazer huma Fortaleza no seu porto: chegou a Malaca para se prover do necessario: continuou a viagem; mas em huma enseada do Reino da Cochinchina o atacou tormenta taõ furiosa, que tornou a arribar a Malaca. Jorge de Brito, que governava esta Praça, opprimido ao mesmo tempo por falta de viveres, mandou a Henrique Leme ao Reino de Pegú para os conduzir. Elle foi ao porto de Martabaõ, aonde fez provimentos com abundancia; mas quando estava a ponto de partir, os Mouros, a quem elle tomára huma náo, o accusáraõ de Cossario, querendo obrigallo á restituiçaõ da preza. O Rei favoravel aos Mouros mandou atacallo por huma Fróta de paráos, de que se defendeo tres dias ás bombardas, até que a náo fustigada das ondas, e da con-

continuaçaõ do fogo, abrio por hum costado, e se foi ao fundo. A gente, que se quiz salvar nos batéis na Ilha de Çamatra, se perdeo com mórte de 28 Portuguezes, e 20 Jaos, e o Leme teve a fortuna de ferrar na sua lancha o porto de Pedir, aonde foi tratado pelo Rei com muita humanidade.

Em vulg.

Quando se sentiaõ na India acontecimentos pouco vantajosos, que faziaõ lembrar a fortuna do Albuquerque, a piedade del Rei em Lisboa tinha grande prazer com as noticias, que do Reino de Congo lhe enviava o Padre Ruy de Aguiar, que elle mandára como Inspector dos negocios da Religiaõ. Este Padre o avisava, de que o Christianismo se professava abertamente em todo o Reino: Que o Rei D. Affonso naõ parecia homem, senaõ hum Anjo, que Deos mandára para illuminar aquella Regiaõ das trévas: Que elle manifestava o seu zelo no pontual exercicio de Catholico; contínuo na liçaõ das Escrituras; instruido nos mysterios da Creaçaõ, e Redempçaõ; cuidadoso em fazer, que se pagassem os dizimos;

taõ

Em vid. taõ attractivo nas práticas espirituaes; que parecia fallava nelle o espirito do Senhor, que taõ bem o dirigia para os acertados expedientes do governo do seu Reino.

Francisco I. de França dava ao mesmo tempo evidencias da sua estimaçaõ para com o grande Rei de Portugal na Embaixada solemne, em que o convidava para entrar com elle na Liga contra o Archiduque Carlos, novo Rei de Hespanha. D. Manoel se escusou a esta pretençaõ, por se considerar ligado com Carlos pelo parentesco, com França pela alliança, e prometteo a neutralidade. Sigismundo I. de Polonia, que tinha os mesmos sentimentos, que D. Manoel na exaltaçaõ da Fé, e fazia educar a Nobreza do Reino no exercicio das armas para as empregar contra os Turcos, permittio a tres Fidalgos da sua Corte, que desejavaõ vêr o Rei, e ser armados Cavalleiros pelas suas Reaes Mãos, que viessem a Portugal, aonde foraõ tratados com civilidades distinctas, armados Cavalleiros pelo mesmo Rei, em acto de grande ma-

magnificencia: ceremonia, de que elles recebêraõ hum prazer extremo. Era vulg.

A expediçaõ infeliz de Marmora parece que deixou em Africa menos plausivel o gosto nos nossos successos faustos, que sensivel a lástima nos infortunios. Huns, e outros tem que nos representar a Historia por estes tempos, os primeiros em Arzila, em Çasim os segundos. D. Joaõ Coutinho, que governava aquella Praça, tendo por intoleravel as correrias do Rei de Féz sobre ella, que lhe impedia a entrada dos mantimentos, determinou-se a ir buscallos á importante Aldêa de Tintaxe, situada quasi debaixo do canhaõ de Alcacer-Quivir. Elle marchou com 250 cavallos a hora taõ propria para subprender os Barbaros, que entrando na Aldêa, degolou, e captivou a muitos; fazendo conduzir mil cabeças de gado grosso, que era a maior vantagem. A guarniçaõ numerosa de Alcacer o veio perseguir na retirada; mas a favor da grande cheia de huma ribeira, que bia cobrindo a ponte, elle a passou animoso, os Mouros pará-

Era vulg. ráraõ covardes, o despojo forneceo Arzila de carnes, e a acçaõ enfureceo o Rei de Féz.

Para elle a despicar marchou a sitiar Arzila com o poderoso Exercito de 30 mil cavallos, e 70 mil infantes, artelharia, máquinas, e munições correspondentes a tanto empenho. D. Joaõ Coutinho se prevenio para huma vigorosa defensa: distribuio os Officiaes, e a guarniçaõ pelos baluartes: mandou coroar a muralha de bandeiras de dia, de luminarias de noite, para mostrar aos Barbaros, que o sitio elle o recebia de festa. Porque a coragem naõ derrotasse a prudencia, fez avisos a Portugal, donde logo partio D. Nuno Mascarenhas com 120 cavallos: a Nuno Ribeiro, Feitor del Rei em Malaga, que lhe mandou 200 Castelhanos: a Carlos, Alcaide do Porto de Santa Maria, que lhe enviou alguma gente da mesma Naçaõ; effectiva, e zelosa na defensa da Fé em serviço de Rei estranho.

O canhaõ dos inimigos era taõ bem servido, e o fogo taõ continua-

do,

do, que o estrago dos muros entrou a *mostrar*, que o sitio era mais para temer, do que no principio se pensára. Todo o nosso cuidado se applicava a reparar estas ruinas: manobra importante, que tomou á sua conta o valor extremoso, e a constancia inalteravel de Ruy de Sousa o Cid, e de Francisco Doria, Genovez, e primo do grande André Doria, que servia voluntario em Arzila, debaixo das nossas bandeiras. Nesta situaçaõ se achavaõ os seus defensores generosos, quando chegáraõ de soccorro Ruy Barreto, e Garcia de Méllo com doze caravellas, carregadas de trópas escolhidas, que déraõ novos alentos aos sitiados para intrépidos repellirem os assaltos, avançar os trabalhos, contraminar as minas, redobrar a defensa. Entaõ fugio para o campo hum Mouro captivo, que informou ao Rei de Féz, como os Portuguezes nada menos cuidavaõ, que em render-se, que sem embargo da ruina dos muros, elles tinhaõ feito novos entrincheiramentos; que a sua artelharia era muita, a guarniçaõ numerosa, el-

Era vulg.

la

Era vulg. la determinada a resistir até aos ultimos alentos.

Bastou este informe para o Rei de Féz tomar a resoluçaõ de levantar o sitio, se o de Mequinéz, seu irmaõ, naõ lho impedíra. Este Principe restituio a corage aos sitiadores, que avançáraõ os trabalhos com esforço, e vigor dobrado para aballarem com assaltos contínuos a firmeza dos Portuguezes: mas encontrando nelles huma resistencia sempre igual, descobrindo trinta náos, que El-Rei D. Manoel mandava de soccorro ás ordens do memoravel Diogo Lopes de Siqueira, os Reis se applicáraõ a levantar o sitio de modo, que se naõ soubesse na Praça. Elles o naõ podéraõ conseguir, nem esconder o intento á vigilancia de D. Joaõ Coutinho, que sahio a tempo de matar, e fazer prisioneiros na sua reta-guarda. Recolheo-se o Chéfe á Praça coberto de glória, que naõ sei se nesta occasiaõ foi inferior, igual, ou superior a que adquirio Simaõ Gonçalves da Camara, Governador da Ilha da Madeira, elle,

e esta sua acçaõ, que vou a referir, Era vulg. bem dignos da Historia.

Este Fidalgo se queixava, (devera fazello dos homens, naõ del Rei) de que o seu Soberano naõ lembrado de tantos serviços, que as conquistas de Africa já mais poderiaõ riscar da memoria, o havia feito perder grande parte das rendas, e dos direitos, que tinha na Ilha, e sempre os gozáraõ os seus Predecessores. Elle sabia, e contemplava, que El-Rei D. Manoel era hum dos Principes mais excellentes, que o mundo víra; mas que as sugestões de homens intrigantes podiaõ tanto com elle, como os effeitos o tinhaõ mostrado: Em Affonso de Albuquerque, que acabando de fazer tremer a Asia, o depozeraõ com ignominia do Governo para morrer ás mãos dos desgostos: Em Duarte Pacheco Pereira, que recebendo por premio de abysmar com o seu valor a India, entrar em Lisboa ao lado do mesmo Rei, debaixo de hum pálio, depois fora arrojado aos carceres, passára a vida faminto, morrêra nos Hospitaes,

ja-

Era vulg. jazia em monumento escuro absolutamente ignorado: Em Vasco da Gama, que sendo author da maior façanha no descobrimento da mesma India, teve por premio tres letras em hum Dom; devendo os diminutos, que depois se lhe deraõ, menos ao seu merecimento, que ás instancias prudentes de hum valido.

Com estas lembranças unidas á pouca attençaõ, que a Corte tinha aos seus requerimentos, Simaõ Gonçalves da Camara determinou embarcar-se na Ilha, e ir passar o seu desgosto com mudança de fortuna em clima estrangeiro. Elle navegava para Sevilha, e hum temporal o trouxe á bahia de Lagos no Algarve, aonde soube o aperto, em que se achava Arzila. Entaõ a fidelidade fez esquecer a injuria, e sem perda de tempo se foi Simaõ Gonçalves metter na Praça sitiada com 700 homens pagos á sua custa. Acabado o sitio, Fidalgos, e soldados exhaustos de meios para subsistirem mais tempo em Arzila, quizeraõ recolher-se para o Reino com desprazer grande do Gover-

vernador, que naõ lhe ficava gente para defender-se, se os Mouros voltassem, nem para reparar os muros, que elles arruináraõ. Era vulg.

Entaõ subio ao mais alto ponto a dilataçaõ de animo, e a fidelidade inimitavel de Simaõ Gonçalves. Entaõ se foi elle offerecer a D. Joaõ Coutinho, naõ só para servir na Praça com a sua gente todo o tempo, que elle entendesse necessario; mas mandou deitar hum bando, em que promettia dar da sua fazenda quatro cruzados por mez a cada hum dos soldados, que estavaõ a partir para o Reino se quizessem mudar de opiniaõ, e servir ao seu Rei em Arzila. Todos ficáraõ; e D. Joaõ Coutinho fez valer na Corte este serviço, como elle merecia. Quando foi tempo, Simaõ Gonçalves navegou para Sevilha, satisfeito com haver servido sem esperar premio: mas o grande Rei arrependido de haver escutado as vozes dos emulos, e tocado da generosidade de Simaõ Gonçalves, lhe escreveo huma honrada Carta, em que lhe ordenava se recolhesse ao Reino,

aon-

Em vulg. aonde veria nos seus requerimentos a mesma attençaõ, de que era merecedor quem os fazia.

CAPITULO VIII.

Conclue-se com os successos de Africa, e se continúa com os da India.

ÁS vantagens felices de Arzila se seguíraõ os successos infaustos de Çafim, que hiaõ sendo causa de mudarem de semblante os nossos triunfos de Africa. Alguns Mouros de Uledemet, comarcãos de Marrocos, que eraõ nossos tributarios, e tinhaõ em refens a alguns dos seus filhos em Çafim, vieraõ queixar-se a Nuno Fernandes de Ataide, como os da Xerquia lhes devastavaõ os seus campos, e faziaõ outras injúrias, como se elles naõ fossem tambem vassallos do Rei de Portugal. Chamavaõ os fados ao grande Nuno Fernandes para encontrar o seu destroço no castigo daquelles insolentes, a maior parte Cavalleiros distinctos da Cabilda de Ulet Ambraõ, pertencente á Xerquia, go-

ver-

vernados pelo alentado Raho Benxamut. Contra elles sahio o Ataide a campo na tésta de 430 cavallos Portuguezes, de alguma infantaria, e dos Mouros alliados de Dabida, e Garabia. Ao romper o dia foraõ atacados os inimigos sem cautéla, mettidos em derrota, sem escapar do estrago mais que Raho, com poucos, que tinhaõ os cavallos promptos.

Em vulgá

Com preza importante, em que entrava Hota, mulher de Raho, o Ataide se recolhia para Çafim, e foi passar a calma a Alguz, quatro legoas de Marrocos. Aqui se deixou vêr Raho com 80 cavallos, que vinha seguindo a prenda da sua alma, e pode fallar aos Mouros, nossos amigos, para os persuadir a abandonarem a nossa alliança; mas elles naõ se déraõ por entendidos. Já seguindo a marcha avistou Hota a seu marido, e conseguio de alguns Portuguezes faceis, licença para lhe fallar. Da practica sahio Raho com furor de tigre, que lançando-se á retaguarda coberta por D. Affonso de Noronha, genro do Ataide, a enrolou;

e

Em vulg. e descompoz. Acudio o grande Nuno á refrega, dizendo aos nossos com ar gracioso naõ lhe matassem os seus Mouros, que lhe custavaõ muito a criar; mas o morto foi elle; porque o desesperado Raho, observando-o com o elmo levantado por causa do muito calor, despedio huma fétta com pontaría taõ justa, que atravessando-lhe a garganta, o deitou a terra sem vida.

O tempo, que os Portuguezes haviaõ empregar na vingança de hum Heróe morto na sua presença, elles o gastáraõ na disputa de quem havia tomar o commandamento, se D. Affonso de Noronha, ou D. Affonso de Ataide. Da nossa inacçaõ se approveitou Raho para attrahir ao seu partido a todos os Mouros nossos alliados, que se uníraõ com elle, se lançáraõ sobre os Portuguezes; quasi sem resistencia os passáraõ á espada; apenas escapáraõ cem, que fugíraõ para Çafim; Raho ficou senhor dos despójos, que se tinhaõ feito, especialmente sua mulher Hota, que para elle era o de maior valor, e ella a origem da sua gentileza

naõ

naõ vulgar. Quasi toda a Nobreza, que era muita, ficou morta no campo, e nós entramos a sentir em Africa os effeitos desta calamidade no abatimento da reputaçaõ, que D. Nuno Mascarenhas, successor de Nuno Fernandes, bem considerava difficultosa de restituir.

Era vulgar.

A de Raho foi sublimada pelos Mouros ao mais alto tom de magnificencia; e a sua esposa Hota, para deixar hum alto exemplo de fineza grata, quando Raho foi morto com a mesma qualidade de morte, que déra a Nuno Fernandes na primeira batalha, que o Rei de Féz deo ao Xerife, depois de lhe fazer as ultimas honras, ella se deixou morrer de fome, e ordenou antes, que a sepultassem no mesmo monumento com seu marido: jazendo inseparaveis na mórte os extremos de fidelidade, que o amor unira na vida.

Quando a noticia da nossa derrota chegou a Portugal, se achava em Lisboa Abentafut, que Nuno Fernandes remettêra preso a El-Rei pelo crime de segunda credulidade facil, nascida da

Era vulg. calúmnia com que os Xerifes quizeraõ arruinar este grande homem. El-Rei que lhe reconheceo a fidelidade, e o zelo, e antes de o mandar para Africa com mercês, e empregos novos; o tratava com muito agrado; elle lhe facilitou a tomar a resoluçaõ de adoçar o desgosto, que entendeo teria El-Rei concebido, fazendo-lhe huma falla viva, e pathetica a respeito da perfidia dos Mouros alliados, e da ruina do Ataide com 35 Fidalgos benemeritos, e de outros soldados de valor, criados na guerra. A sua persuasaõ foi taõ efficaz, produzio taes effeitos no espirito do Rei, que elle o encarregou de ir a Africa trabalhar na reconciliaçaõ dos Mouros rebeldes, concedendo-lhes huma amnistia em todo o tempo das negociações; taõ activas da parte de Abentafut, que em breve tempo, perdoado o crime, os submetteo ao mesmo jugo, que haviaõ sacudido.

Concluíraõ-se os successos deste anno em Africa com o martyrio glorioso do Mouro Gonçalo Vaz, que abandonára a Seita de Mafoma, e fazendo-o pri-

prisioneiro os seus nacionaes, porque Era vulg. naõ quiz apostatar, soffreo dous dias os tormentos mais exquisitos com constancia catholica, até exhalar a alma como invicto confessor da Fé. Poucos annos depois o acompanhou na mesma preciosidade de morte seu irmaõ Joaõ Vaz, que sempre lhe seguíra os passos na vida. Com este lucro em Tetuaõ compensou Deos a nossa perda de Çafim, e com a grande acceitaçaõ, que encontrou na Persia Fernaõ Gomes de Lemos, que o Albuquerque mandára por Embaixador ao Sophi, como fica dito. Este Fidalgo, quando chegou á primeira povoaçaõ do continente da Persia, achou promptos 40 camellos para o transporte das suas bagagens: em todos os lugares dependentes do Sophi se lhe fizeraõ recepções magnificas: os Governadores das Provincias o conduziaõ até ao termo das suas jurisdições: elles lhe faziaõ vêr as Mesquitas, e as Fortalezas, que lhe ficavaõ sobre a marcha; e quando chegava ás Cidades grandes, os Corpos das Camaras, e os Officiaes do Principe

 sa-

Era vulg. sahiaõ a render-lhe as maiores honras.

Na Cidade de Caixaõ, já visinha ao acampamento, aonde estava o Sophi, o esperou Mirabucaza, Capitaõ General de Persia, que fora mandado a Goa por Embaixador ao Albuquerque, e agora recebeo a Fernaõ Gomes com as civilidades mais polidas. Chegou em fim ao campo de pavilhões, em que estava o Sophi com a guarda de cem mil cavallos, e innumeravel Infantaria, segundo dizem. O Mordomo Mór da Casa Real lhe preparou brilhante o aquartelamento, e seu Amo o mandou logo visitar com hum presente de trutas vivas, que elle acabára de apanhar em huma pescaria. Depois de grandes honras, banquetes, e entretenimentos, com que o primeiro Ministro da Persia tratou ao nosso Embaixador, se lhe fez aviso do dia, que o Sophi destinára para a primeira audiencia.

O Mordomo Mór o introduzio, e levou ao Pavilhaõ Real, aonde estava o Sophi em hum Throno soberbo, vesti-

tido de huma roupa semeada de flores de ouro, donde sahiaõ raios luminosos de innumeraveis brilhantes. Á roda da sua pessoa tinha hum séquito magestoso, naõ só dos Ministros Estrangeiros, e dos Grandes da Corte; mas de muitos dos Principes, seus alliados, e tributarios. Junto ao Throno estava preparada huma cadeira para o nosso Ministro, que a occupou depois de haver saudado ao grande Imperador com reverencias profundas. Mostrando elle grande complacencia na entrega das cartas, entrou a fazer perguntas ao Ministro com semblante agradavel da saude, e estado do Papa; dos costumes, da idade, dos filhos, das leis, do poder del Rei D. Manoel, que elle estimava como irmaõ; da prudencia, do valor, e das qualidades de Affonso de Albuquerque, que tinha em conta de hum dos primeiros Capitães daquella idade.

Era vulg.

A todas estas perguntas respondeo o Lémos com o respeito, e igualdade, que devia; e depois offereceo o presente, que se compunha de joias, e pedras

de

Era vulg. grande preço, de huma cópa de prata lavrada no Reino, de especiarias, que naõ havia na Persia, de todas as moedas, que se cunhavaõ em Portugal, e na India, de humas armas brancas, e gibões de cravaçaõ sobre brocado, e seda, de espingardas, arcábuzes, adargas, e duas peças de campanha, que sobre tudo leváraõ as attenções do Sophi, especialmente depois que vio laborar estas armas pelos homens para isso destinados pelo Albuquerque, que haviaõ instruir os Persas no modo de se servirem dellas contra os inimigos. Seguíraõ-se logo as propostas, de que o Ministro hia encarregado, que eraõ: Ajustarem as duas Potencias da Persia, e de Portugal huma liga offensiva, e defensiva contra os Turcos, e contra o Soldaõ do Egypto: Persuadir ao mesmo Sophi quizesse mandar a Portugal Embaixadores, que o Governador da India faria transportar de Ormuz a Lisboa, como huma devisa honorifica, que marcava a estimaçaõ, que os dous Monarcas contratantes faziaõ da sua nova Alliança: Ultimamente rogar-lhe, que

que os Persas occupados no serviço do Hidalcaõ, e que tomavaõ armas contra os Portuguezes, os mandasse recolher aos seus Estados.

Era vulg.

Respondeo o Sophi á primeira proposta, com esta indifferença: *Se o Rei D. Manoel pretende fazer comigo esta Liga*, como consente, que as suas armas estejaõ occupando Ormuz, sendo huma Cidade, que me pertence como minha tributaria, e que me naõ paga o tributo depois que nella entráraõ os Portuguezes? Avançando o discurso, accrescentou: Que elle sim determinava no anno seguinte fazer a guerra aos Turcos, e ao Soldaõ do Egypto; mas que para ella naõ necessitava soccorros dos alliados, nem dos amigos: Que depois de derrotados aquelles Principes havia fazer huma jornada a Arabia, e ir sitiar no golfo da Persia as Cidades de Catifa, e de Baharem, aonde naõ desestimaria ir acompanhado dos Portuguezes: Que em quanto a mandar Embaixadores a Portugal, elle o naõ devêra fazer na consideraçaõ da grande distancia, e

mui-

Era vulg. muitos perigos de ſemelhante viagem: Que pelo que reſpeitava aos ſeus vaſſallos empregados no ſerviço do Hidalcaõ, elle naõ podia mandar-lhes que ſe recolheſſem; porque depois de ſahirem dos ſeus Eſtados para os de outros Principes, naõ tinha nelles a meſma acçaõ, como ſe aſſiſtiſſem nos ſeus Dominios, quando elles eſtavaõ iſentos da juriſdiçaõ das ſuas Leis; mas que eſcreveria ao Hidalcaõ, ſeu amigo, para fazer a paz com os Portuguezes, aſſim como o praticára já com os ſeus Capitães, ordenando-lhes reſpeitaſſem muito ao Governador da India.

Fernaõ Gomes á viſta deſta naõ penſada reſpoſta, teve por inutil aſſiſtir mais tempo junto á peſſoa do Sophi, e pedio audiencia de deſpedida. Elle a differio com o pretexto, de que o queria fazer participante do ſeu divertimento da caça, e peſca, reſponder ás Cartas del Rei, e do Albuquerque, mandar-lhe na ſua companhia hum Embaixador, e que entaõ o deſpacharia. O Lémos houve de condeſcender até ſe fazer preſtes o Miniſtro Soleimaõ, que

que o seguio á Cidade de Lara nas extremidades da Persia, aonde embarcáraõ para Ormuz, seguindo a viagem da India. Quando chegáraõ a Goa já o Albuquerque era morto, e como governava Lopo Soares, Soleimaõ lhe apresentou os seus Officios, as Cartas, e o magnifico presente, que o Sophi mandava ao seu predecessor.

Era vulg.

Incomparavelmente menos vantajosa, que a Embaixada da Persia, foi a expediçaõ ao mar da Arabia, que este Governador emprehendeo, naõ lhe servindo para alcançar as victorias occupar o cargo, sem ter do Albuquerque a fortuna, que parece se mostrou apaixonada contra as calúmnias derramadas sobre o seu favorecido. Naõ se esqueceo o Soldaõ das reiteradas instancias, que depois da derrota de Mirhocem em Dio lhe fizéraõ os Reis de Calecut, e de Cambaia para mandar segunda Armada, agora com dous destinos, hum de vingar a injúria, o outro para expulsar os Portuguezes da India. Nella corria a voz pública, de que o Soldaõ para differir áquelles reque-

Era vulg. querimentos, tinha já prompta no mar da Arabia huma Esquadra de 27 vélas com 700 Mamelucos, 300 Turcos, e 10000 Mouros de Tunes para virem desenrolar as meias luas nos nossos mares. O célebre Pirata de Mytilene chamado Rax Solimaõ era o Commandante em Chéfe, que encontrando na Cidade de Juda ao destroçado Mirhocem com duas náos suas, as incorporou na Armada, que elle seguio occupando o cargo de Tenente General de Solimaõ.

Amparar-se das embocaduras do mar da Arabia foi o primeiro designio deste Chéfe, que fez edificar huma Fortaleza na Ilha de Camaraõ, naõ só para lhe servir de refugio, mas para facilitar a conquista de Adem. Como as forças eraõ poucas para tanto empenho sem o soccorro das indústrias, Solimaõ metteo em uso quantas lhe inspirou a sua dexteridade, mais facil em inventar, que em conseguir. Os de Adem, que souberaõ penetrallas, recebêraõ as suas propostas com tanta indifferença, que Solimaõ teve de se

va-

valer da força. Elle bateo a Praça com valor; abrio brêxa capaz de montar o assalto; foi este vigoroso; mas o Governador Mirhamiriaõ o rebateo com tanta viveza, que elle houve de se retirar para Camaraõ, por naõ arriscar a hum golpe decisivo as armas, e o crédito dellas. Até nesta Ilha deixou Solimaõ imperfeita a obra da Fortaleza, e se fez na volta da Cidade de Juda, aonde desconfiado de Mirhocem, usou das suas intrigas para dar a mórte a este homem, nosso inexoravel inimigo. Em quanto se passavaõ estas cousas, o Governador da India se punha prompto para buscar a Solimaõ, como nós vamos a referir.

Era vulg.

LIVRO XLI.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

O Governador Lopo Soares de Albergaria parte com huma Armada numerosa a buscar a do Soldaõ do Egypto, e o que lhe succede nesta viagem.

Era vulg.

1517

LOGO que El-Rei D. Manoel foi avisado pelos Cavalleiros de Rhodes da grossa Armada, que o Soldaõ determinava mandar á India; elle ordenou ao Governador Lopo Soares, que naõ esperasse a sua uniaõ com as dos Principes da Asia, nossos inimigos; mas que sem perda de tempo marchasse a atacalla nos mesmos mares do Estreito. Em observancia desta ordem o Governador sahio de Goa com huma Esquadra de quarenta e tres vélas, em

que

que entravaõ 15 nãos, 10 navios, e o resto galés, galeotas, e fustas, aonde embarcáraõ 1⦶200 Portuguezes, 500 Nayres de Cochim, 1⦶000 Malabares, os Capitães mais assignalados, e quasi toda a Nobreza da India: apparato respeitoso para mais alta empreza, se o Governador fosse mimoso da fortuna, que naõ costuma alistar-se ao soldo de todos os Chéfes; para huns rebelde, para outros obediente fortuna.

Era vulg.

Com a sua Armada, que podéra ser guerreira, e entaõ naõ passou de vistosa, Lopo Soares se apresentou sobre Adem no tempo mais opportuno: tempo de afflicçaõ, em que ainda estavaõ rotas as feridas, que pouco antes abríra Solimaõ; as trópas diminuidas; o Povo consternado; as munições, e viveres consumidos; os animos rodeados de huma geral desolaçaõ, que lhes abatia os espiritos para naõ soppórtarem novos golpes sobre as primeiras feridas. Estas considerações forçáraõ ao Commandante da Praça para mandar a bórdo da Capitania tres Emissarios

com

Era vulg. com as chaves della; submettendo-a ao dominio do Rei de Portugal, que queria reconhecer, e desde já reconhecia por Senhor. He verdade que Lopo Soares naõ tinha ordem da Corte para sitiar Adem, senaõ para atacar a Armada dos Rumes; mas deixar de aceitar a entrega de huma Cidade taõ importante aos nossos interesses, que voluntariamente se rendia; naõ a guarnecer até esperar as insinuações superiores; naõ regular a obediencia pelas conjunturas do tempo, que os Principes em muita distancia naõ pódem prevenir; naõ aproveitar huma occasiaõ, que depois de perdida provavelmente sería hum assumpto de lástima, e de arrependimento; temer antes arriscar a reputaçaõ, ou a vida, do que adquirir para a Patria huma gloria immortal; para os interesses do commum huma vantagem constante com o fim de ostentar huma excessiva obediencia; temos exemplos de espiritos grandes, que notáraõ este proceder por hum effeito de almas sem vigor.

Entaõ mostrou Lopo Soares, que

a sua entrava neste número. Elle naõ quiz exceder, interpretar, confrontar as ordens com a situaçaõ do tempo, e fez responder ao Governador de Adem: Que o seu principal destino era combater a Armada do Soldaõ: que agradecia a offerta officiosa da sujeiçaõ da Cidade, que admittia debaixo da protecçaõ do Rei D. Manoel, sem querer della mais refens, que a confissaõ, e promessa da sua fidelidade: que de Adem só pretendia huma porçaõ de mantimentos pelo seu dinheiro, e que lhe fornecesse alguns pilotos práticos na navegaçaõ do estreito do mar Roxo. Naõ he explicavel a alegria, que recebêraõ os da Cidade com esta resposta, como quem comprava a sua liberdade por taõ baixo preço: hum preço de vender mantimentos, e de emprestar quatro homens, que recebidos na Armada, ella se fez á véla empavezada, e satisfeita do porto, aonde logo tornára a postar-se melancolica por mal recebida; Lopo Soares a mostrar-se arrependido sem fructo por pouco considerado.

Era vulg.

Des-

Era vulg.

Deſtacou elle a D. Alvaro de Caſtro, e a Diogo Pereira para irem ſaber o lugar, em que Solimaõ eſtava com a ſua Armada. Os marinheiros de tres barcas, que elles aprezáraõ lhes déraõ a noticia, de que eſte General tinha a Armada ancorada no porto de Juda: que elle eſtava reſoluto a conquiſtar Adem a todo o riſco: concluir a Fortaleza de Camaraõ, e depois ir á India decidir a ſórte dos Portuguezes, ou a ſua em huma batalha de concluſaõ. Com eſta informaçaõ ſe determinou o Governador a prevenir os deſignios do inimigo, atacando-o no meſmo porto; mas na entrada do golfo da Arabia ſoffreo huma grande tormenta, que metteo a pique a galeota de D. Alvaro de Caſtro, aonde com toda a tripulaçaõ morreo eſte Fidalgo, e Jorge Galvaõ, filho de Duarte Galvaõ; perda ſenſivel de peſſoas taõ benemeritas. Serenada a tormenta, chegou ao noſſo bórdo huma embarcaçaõ com ſete Turcos, e dezoito Venezianos carpinteiros, que trabalhavaõ na Armada inimiga, e vinhaõ fugidos de Juda.

Eſ-

Estes homens asseguráraõ ao Governador, que as forças de Solimaõ naõ eraõ taõ consideraveis como se dizia: que na Cidade apenas haviaõ de guarniçaõ 500 soldados mal aguerridos: que se elle podesse entrar no porto, e forçar os Barbaros nas trincheiras, que tinhaõ feito na praia, sem dúvida seria senhor de Juda, e os Portuguezes teriaõ a glória de poder subprender a casa de Meca, que ficava huma jornada distante da Cidade. Este aviso, que metteo os animos em agitaçaõ, decidio o ataque de Juda por que preço fosse. Nova tempestade retardou o effeito da resoluçaõ, e nos causou a perda da náo de Antonio Raposo, que levou comsigo ao fundo 300 dos nossos Malabares. Em fim a Armada fez força de véla para chegar a Juda; mas teve de lançar ferro huma legoa distante, por impedirem os baixos a navegaçaõ das embarcaçoes maiores.

Era vul...

Resolveo-se que as ligeiras se encarregassem da empreza: resoluçaõ sem effeito, que perdeo dous dias em arbitrar materia para conselhos repeti-

Era vulg. dos, que eraõ outros tantos assumptos para a desesperaçaõ dos soldados cheios de ardor, desejosos do combate. Porque naõ nos desconsolasse a retirada sem vermos a cára do inimigo, o Governador mandou, que algumas embarcações chegassem ao porto; que D. Affonso de Menezes, e Diniz Fernandes de Mello sondassem o canal; que o ataque da Cidade se naõ fizesse, como empenho de grande perigo, e de pouco fructo; que só se usasse de alguma sobpreza nas páos menos defendidas, por naõ alterar as ordens del Rei, que mandava atacar a Armada do Soldaõ, naõ varada em terra, como entaõ estava; mas no alto mar, aonde devia ser a batalha. A observancia de ordens taõ bem construidas naõ teve mais resulta, que a de se dar fogo a tres navios, que foraõ de Mirhocem: juros miseraveis de tanto fundo de cabedal empregado na Armada; fructo amargoso do trabalho de taõ longa viagem por meio de tantos, e taõ temerosos perigos.

Sem gloria, nem interesses, a Armada se retirou para a Ilha de Cama-

raõ,

raõ, aonde lhe morreo muita gente, entre ella o célebre Duarte Galvaõ em summa velhice, condecorado com o caracter de Embaixador ao Preste Joaõ, e donde quizemos, e naõ conseguimos mandar a este Principe a Mattheus, que elle enviára com o mesmo caracter a Lisboa, como fica dito. Desfeita a Fortaleza, que Solimaõ principiára a fundar, a gente opprimida da fome, o Governador teve de ir atacar a Cidade de Zeyla na bocca do golfo Arabico do lado da Ethiopia para soccorrer a necessidade com os despojos. Como os moradores a desampáráraõ, foi facil a conquista, a que se seguio o incendio, e outra inconsideraçaõ de naõ receber na Armada os viveres necessarios para mais largo tempo. Depois desta expediçaõ, o Governador se resolveo a ir recolher os fructos da fidelidade promettida em Adem; mas o que encontrou foraõ os muros reparados, huma guarniçaõ numerosa, muitos canhões apontados para o lugar da ancorage, a fé taõ rota, como esquecida a palavra. Esta mudança de Adem,

Era vulg.

Era vulg. quando mais se necessitava da sua amizade, fez conhecer ao Governador o seu primeiro erro; a olhar como vergonhoso o levantamento do sitio de Juda; a falta de providencia, que teve em deixar queimar em Zeyla os mantimentos com a Cidade, sem outro refugio, que o de voltar á Ethiopia para na povoaçaõ de Barbora prover a Esquadra; mas impellido dos ventos contrarios, foi dar a Ormuz.

Já nesta Cidade se sabiaõ as infelicidades da sua navegaçaõ; que elle era a causa da mórte de 800 homens, da perda de muitos navios, da maior parte dos outros se haver desgarrado, huns para a cósta de Melinde, outros para o porto de Moçambique; que elle cahíra na falta enorme de naõ guarnecer a sobmettida Adem, que depois zombou delle; e que sem queimar a Armada do Soldaõ, sem atacar a Cidade de Juda, sem enviar o Embaixador Mattheus ao seu Soberano, com a Armada em destroço, e a gente consumida viéra mostrar a Ormuz este espectaculo triste. Daqui nasceo, naõ só a in-

indifferença, que elle experimentou nesta Cidade, mas depois o desagrado do Rei, e dos Ministros da Corte de Lisboa: desagrado, que o obrigou a retirar-se logo para Torres-Vedras, taõ transportado pela sensibilidade dos desprezos públicos, que mandando-o El-Rei chamar, teve a resoluçaõ Lopo Soares de responder ao recado: Dizei á El-Rei, que se me chama para me cortar a cabeça, que nesta Villa tem pelourinho; se para me tomar a fazenda, que lá está na Casa da India; se para me fazer mercês, que eu as escuso.

Era vulg.

A situaçaõ, em que este Governador via os animos em Ormuz, lhe fez nascer a lembrança, de que elle devia prevenir ao Rei sobre tantos acontecimentos infaustos. Do tom, que elle deo aos máos successos pelo Jornal, que mandou á Corte, naõ tirou mais fructo que a sua admiraçaõ, quando se vio entrar pela barra de Lisboa Pedro Vaz Vera em hum pequeno paráo, que cortára o immenso golfo, que vai da India a Portugal. Depois de despedir

es-

Era vulg. esta mensagem, de dar a D. Aleixo de Menezes as ordens para preparar as náos, que haviaõ partir para o Reino. Lopo Soares navegou na volta do Indostaõ, aonde fez crêr a alguns por meio de hum Manifesto, que da despeza da Armada sempre se recolhêra a grande ganancia de naõ apparecer aquelle anno na India a Armada do Soldaõ: vantagem, que bem compensava todas as perdas da sua.

Elle achou na India a Antonio de Saldanha, que neste anno sahíra de Lisboa por Commandante de cinco náos, em que vinhaõ por Capitães D. Tristaõ de Menezes, Manoel de la Cerda, Pedro Quaresma, e Rafael Catanho. Na volta do Cabo se encontrou esta Frota com tres náos, que sahíraõ de Lisboa depois de Antonio de Saldanha ás ordens de Pedro de Alçaçova, que vinha despachado na Provedoria mór dos Contos, e navegáraõ em conserva até á India. Na sua reta-guarda viéraõ chegando as náos destroçadas da Armada, que foraõ parar a Melinde, e Moçambique: reforços, que o Governador es-

estimou como meios para poder resta- Era vulgar
belecer a sua reputaçaõ por alguma
acçaõ de estrondo, que abafasse o rumor
dissonante das infelicidades da viagem
passada.

Naõ foi bastante para este consideravel
fim a observancia das ordens, que elle déra
antes a D. Gutterre de Monroy, que governava
Goa, assim na invasaõ meditada nas Ilhas
Maldivas, como no corso sobre as náos de
Meca. D. Guterre mandou a seu irmaõ
D. Fernando, e com elle a Joaõ Gonçalves
de Castello Branco em huma galé a cruzar
sobre as Maldivas. Ao mesmo tempo despedio
a seu sobrinho D. Joaõ de Monroy com cinco
navios para a Cósta de Chaul, aonde se havia
amparar da embocadura do rio Maim. D.
Fernando sobre as Maldivas aprezou dous
navios: D. Joaõ tomou hum da Arabia muito
importante na bocca daquelle rio. O
Commandante da sua Fortaleza quiz restaurar
a preza, despicar a injúria, e com dez fustas
veio atacar a D. Joaõ, que o fez recolher ao
porto com mais pressa na retirada, que na
investida.

Com

Ept. vulg. Com esta pequena vantagem D. João chegou á vista de Chaul, aonde lhe veio fallar hum Portuguez chamado Affonso de Madureira, que lhe expoz afflicto, como elle estava vivendo entre os Barbaros por se haver batido em Goa com Lourenço Prégo, seu inimigo, a quem déra a mórte. D. João, tocado da caridade, prometteo alcançar-lhe perdaõ do Governador, levallo a Goa, e se lhe déraõ 200 pardaos de esmóla para ir a terra comprar de vestir. Como naõ appareceo mais o pérfido Madureira, D. João levou ferro para entrar em Chaul; mas na sua barra se encontrou com quinze fragatas de Meliqueáz, Governador de Dio, que o buscavaõ com a segurança de ganharem huma victoria. No primeiro avance desenganou o successo a confiança dos aggressores. Rendida a primeira fragata, que fazia a vã-guarda, e arrojada ao mar a sua tripulaçaõ, os inimigos recolhêraõ as outras sem peleija para se livrarem de successo semelhante: na primeira resoluçaõ valerosos, na segunda prudentes.

Em

Em quanto D. Joaõ se batia com estes adversarios antigos do nome Portuguez, o trahidor, e ingrato Madureira persuadia a Mirhal Melique, hum dos Capitães do Hidalcaõ, que foi senhor de Goa, naõ perdesse a conjunctura de fazer prisioneiro a D. Joaõ de Monroy com a pequena Esquadra, que commandava. Sobre este aviso, Mirhal com sete fustas se fez ao mar, levando a bórdo o mesmo Madureira; mas avistando a nóssa fróta sobre Dabul em figura de naõ poder sobprendella, retrocedeo a marcha, que lhe fomos picando até o metter a golpes de canhaõ no abrigo do porto. Feitas estas expedições, D. Joaõ se recolheo a Goa, que se até entaõ no governo de D. Guterre gozára de huma tranquillidade perfeita; agora por huma paixaõ desordenada, que costuma romper em excessos sem consideraçaõ, esteve quasi nos termos de se perder, como nós vamos a mostrar no Capitulo seguinte.

Era vulg.

CA-

CAPITULO II.

Origem, e successos da guerra do Hidalcaõ contra Goa, e outros acontecimentos deste anno de 1517.

Era vulg.

HUM appetite sensual, que tem arrastado no mundo tantos espiritos sublimes, deo principio ás desordens de Goa; o odio, e a temeridade as engrossáraõ; a crueldade as completou, bastando hum só estimulo para fazer correr soltos a tantos vicios. Vivia naquella Cidade Fernaõ Caldeira, creado, e creatura que fora de Affonso de Albuquerque, e marido de huma das mulheres, que estimaõ a destreza de pescar as almas com o anzol da formusura menos recatada, ainda que nas vagas da indecencia fluctue a honra dos esposos. O Caldeira, que sempre fora reputado homem de valor, e probidade; que elle se estimava innocente no crime, que lhe imputavaõ; veio por ordem del Rei emprazado a Portugal, taõ pouco sensivel á calúmnia, que em toda a viagem

até

até Lisboa se lhe ouvio huma palavra de queixa contra os authores da injustiça, que soppортava: silencio profundo, que a voz commua tinha por próva de convicçaõ da verdade imaginada dos seus delictos.

Na Corte, e presença do Rei se conduzio o Caldeira por modo bem contrario. Elle soube insinuar-se no espirito do Soberano com eloquencia taõ tocante, que derrotada a calúmnia, desestimados os denunciantes, justificada a innocencia, o Caldeira voltou para a India de ordem do Rei, honrado com devisas novas, igualmente que da sua estimaçaõ, da sua liberalidade. Devêra a munificencia Real abrandar a condiçaõ dura do Caldeira; mas elle naõ se dava por satisfeito, em quanto naõ tomasse vingança da passada injustiça na mesma pessoa do Governador de Goa. Occupado destes sentimentos, elle nada mais esperava, que a occasiaõ de se ataçar com D. Guterre de Monroy. No primeiro encontro público o Caldeira se portou taõ pouco respeitoso, que D. Guterre assentou lhe era conveniente

ar-

Era vulg.

Era vulg. arruinallo, antes que elle se perdesse. Assim discorria em D. Guterre o odio, que tinha ao marido; mas a qualquer resoluçaõ punha embargos o amor, que elle rendia á mulher, naõ succedesse deixallo no martyrio da ausencia, se ella acompanhasse ao esposo na desgraça do desterro.

Da inacçaõ do Governador, e de outras observações inferio o Caldeira o trato com sua mulher, de que era terceiro hum Henrique de Touro. Por algumas cartas, que lhe viéraõ á maõ, o Caldeira fez certa a sua desconfiança, de que deo a primeira paga ao Touro, cortando-lhe huma perna, e jarretando-lhe a cara. Ainda que as resultas deste crime naõ eraõ para assustar, o Caldeira temeo tanto a cólera de D. Guterre, que se pôz a coberto della na Villa de Ponda, quatro legoas de Goa, aonde governava Ancostaõ, hum dos Capitães do Hidalcaõ, que o recebeo com muita hospitalidade. D. Guterre pedia a restituiçaõ do refugiado, a que elle chamava insolente, réo infame, que se attrevêra a violar o respeito devi-

do

do a hum Governador de Goa. Ancostaõ se fez desentendido a esta demanda, e continuou a tratar ao Caldeira como a hum homem de bem injustamente perseguido.

Em vulg.

Resolveo D. Guterre, que Fernaõ Caldeira devia morrer, para que o privasse da vida o mesmo instrumento, que lhe tirava a honra. Com este designio foi mandado a Ponda carregado de promessas o atrevido Joaõ Gomes; fazendo bem a representaçaõ de queixoso do Governador para merecer o amparo de Ancostaõ, e a amizade do Caldeira. Assim succedeo a este assassino como elle o pensou; e com lugar franco no trato de ambos, foi participante de todos os seus divertimentos. Em hum delles, que era o passeio no campo a cavallo, Joaõ Gomes teve occasiaõ de se apartar com o Caldeira, que foi deitado aos pés do trahidor, falso amigo, com o golpe da morte. Vio Ancostaõ que Joaõ Gomes fugia; e naõ sabendo de que, ordenou a alguns da sua comitiva, que o seguissem. Passáraõ estes pelo lugar, aonde acabava de espirar o

Cal-

Era vulg. Caldeira, e mais picados desta atrocidade, forçáraõ a carreira, prendêraõ ao assassino, apresentáraõ-o a Ancostaõ, que o matou pelas proprias mãos, como verdugo honrado de crime taõ infame.

Se a morte do Caldeira podia ser estimada do Governador de Goa, a de Joaõ Gomes lhe foi taõ sensivel, que logo escogitou meios simulados para ella naõ ficar sem pública vingança. Com este verdadeiro designio propôz o fingimento aos Officiaes em hum Conselho: Que Ponda, estando taõ visinha de Goa, era hum obstaculo á authoridade del Rei, e ás conquistas por aquelle lado, que se devia remover, forçando o Ancostaõ a mudar de posto. Este pretexto foi entaõ estimado por motivo justo, e razaõ especiosa para huma sobpreza, que se havia dissimular com apparencias de hum festejo em Benastarim. Para Commandantes delle, encarregados de dar a morte a Ancostaõ, foraõ nomeados para cobrir hum corpo de cavallaria D. Fernando de Monroy; para mandar 400 infantes o célebre Joaõ

Ma-

Machado, que nesta empreza tinha de pôr termo com a morte a tantas aventuras memoraveis da sua vida, célebre na variedade dos destinos.

Era vulga

No silencio da noite passou a gente o rio de Benastarim; e o Machado, que avançou a marcha, prendeo dous Canarins, que o informárao, como Ancostao nada menos esperava, que esta visita; que o tinhao em Ponda seguro sem receio. O Machado deo este aviso a D. Fernando, pedindo-lhe o deixasse com a infantaria ir buscar vivo, ou morto ao Capitao, que dormia, nao succedesse que o estrondo dos cavallos o despertasse para pôr tropeços a huma victoria segura. Na disputa de qual dos dous Chéfes havia ser author da prisao, ou da morte de Ancostao, se passou a noite, e com ella a conjuntura favoravel á perversidade das intenções de expediçao semelhante. O dia descobrio aos nossos o perigo, em que os mettêra a temeridade, quando vírao correr de todas as partes quantidade de inimigos a atacal-los. Entao se quizerao retirar, e nao podérao; porque Ancostao passando hu-

Era vulg. huma ponte lhes ganhou a vã-guarda, que fez em póstas: continuou a peleija com vigor, matou grande número de gente, entre ella a Joaõ Machado; prendeo a muitos, e conseguio das nossas armas, que buscavaõ despiques de atrocidades, huma victoria completa.

A mórte de 50 Portuguezes neste encontro, de 100 dos nossos Canarins, á prisaõ de 27 homens de sórte enfraqueceo as forças de Goa, que ó Chéfe vencedor avisou logo ao Hidalcaõ que, como os Portuguezes sem causa haviaõ roto o Tratado da paz, elle naõ perdesse conjuntura taõ favoravel para recobrar a sua Cidade, aonde a fortuna lhe sería bem desigual á que os Portuguezes acabavaõ de experimentar em Ponda. Sem perda de tempo mandou este Principe ao General Çufalarim, que com 50000 cavallos, e 25000 infantes, que tinha promptos, passasse da terra firme á Ilha, e se lançasse sobre Goa; que acharia sem defensores, rendida antes de atacada. O Governador D. Guterre, unica causa de toda esta revoluçaõ, naõ se descuidou em levantar ba-

tarias nos passos mais arriscados, em guarnecer Benastarim, em esquipar toda a sórte de embarcações, que tinha no porto para impedir o passo por mar, e terra, e fazer a vigorosa defensa, que lhe permittisse a situação do tempo.

Era vulg.

De nada approveitariaõ a D. Guterre estas actividades em dispôr, falto de gente, de munições, e mantimentos, se a chegada de muitas náos de differentes partes ao porto de Goa, naõ fizessem huma especie respeitosa na imaginaçaõ de Çufalarim, que tendo por impossivel a empreza á vista dos soccorros, levantou o bloqueio, e pela terceira vez deixou a Goa livre do susto de se perder. O Hidalcaõ, que já naõ tinha esperança de recobrar Goa, fez hum novo Tratado de paz com D. Guterre, que depois foi ratificado pelo Governador Lopo Soares: Tratàdo, que se fez mais solemne, e que lhe avançou as vantagens a nosso favor a chegada a Goa de D. Aleixo de Menezes, que vinha de Ormuz, e de Antonio de Saldanha, e de Fernaõ de Alcaçova, que dissemos sahíraõ este anno do Reino: mas esta fe-

Era vulg. licidade na India foi contrapezada com o desgosto, que ao mesmo tempo sentia a Corte de Lisboa com a morte da Rainha D. Maria na idade de trinta e cinco annos: morte immatura, que fez mais inconsolavel a dôr na perda de huma Soberana, que era Mãi dos seus vassallos.

El-Rei D. Manoel, ainda que todo occupado do sentimento na falta de huma Esposa taõ amavel, a sua piedade lhe fez lugar no coraçaõ para segundo pezar com a noticia, de que Selim, Imperador dos Turcos, derrotando em huma batalha completa a Campson, Soldaõ da Syria, e do Egypto, unira a vastidaõ destes Estados ao corpo já antes formidavel do seu Imperio. As maiores forças do Barbaro com conquista taõ importante, que justamente devêra fazer tremer a Christandade; de tal sorte penetráraõ o espirito piedoso do Rei, que envioù instrucções a D. Miguel da Silva, seu Embaixador em Roma, para logo propôr ao Papa, que naõ perdoasse a actividade, esforço, e diligencia para obrigar os Principes da Europa

para depôrem os antigos odios, unirem-se com hum só coraçaõ, e huma só alma, marcharem contra o inimigo commum, e que elle era o primeiro, que em pessoa com todas as forças do seu Reino se offerecia para a guerra da Religiaõ contra o victorioso Selim.

Era vulgar

Cresceo na Europa o susto, quando se soube, que Tonumbay, eleito pelos Mamelucos Sucessor de Campson para salvar as reliquias dos seus Estados, fóra desbaratado, e feito prisioneiro pelo mesmo Turco: quando se ouvio, que este Barbaro, depois de sujeitar o Cairo com todo o resto da Syria, e do Egypto, fizera morrer ignominiosamente ao desgraçado Tonumbay: quando se derramou a voz geral, de que Selim, inchado com a felicidade das suas armas, que vem o terror das Regiões menos medrosas, tomava a confiança de se jactar soberbo, que em qualidade de Successor do grande Constantino, elle tinha direito á conquista da Europa, para onde marcharia effectivamente sem demóra. Entaõ as representações de Portugal fizeraõ no espirito do Papa Leaõ

Em vulg. X. as impressões, que deverão. Elle se resolveo a celebrar o Concilio Lateranense, a convidar os Principes Christãos para a guerra santa, a publicar a Cruzada, que pelos interesses caducos dos Soberanos não teve mais fim, que o das Indulgencias concedidas aos que contribuissem para a mesma Cruzada serem causa do Heresiarca Martim Luthero infestar toda a Alemanha com a impiedade das suas doutrinas.

CAPITULO III.

Successos de Africa neste anno de 1517, e continuação dos da India no mesmo anno.

COMO as negociações del Rei D. Manoel não produzírão em Roma effeitos correspondentes ao seu desejo, determinou desaffogar em Africa o ardor do zelo contra os inimigos da Fé. Por estes tempos se tinhão feito célebres entre os Barbaros Mauritanos D. Francisco de Castro, Governador do Cabo de Aguer, contra os memoraveis Xerifes,

e

e o famoso Lopo Barriga, taõ temido dos mesmos Barbaros, que entre elles a praga mais horrivel, que se pediaõ, quando tomados da cólera, era: Lançadas te dem como as de Lopo Barriga. As gentilezas destes Chéfes desejava El-Rei ajuntar a da conquista da Cidade de Targa, distante déz legoas de Ceuta: dominio, que lhe dava bem fundadas esperanças de se fazer senhor da Corte de Féz, que lhe ficava visinha. Para esta empreza se preparou huma Armada de sessenta navios, e foi nomeado General Diogo Lopes de Siqueira, que no anno antes andára com sete caravellas na guarda do Estreito.

Era vulg.

Elle era capaz de executar este designio do seu Soberano, se naõ levasse a instrucçaõ particular, de que fosse a Ceutà, se incorporasse com D. Pedro de Menezes, Conde de Alcoutim, Governador daquella Praça, para ambos obrarem de concerto na expediçaõ de Targa. Entrou a emulaçaõ a fazer os seus officios; sempre intoleravel aos Portuguezes, haverem de fazer partilha nos negocios da honra, e da gló-

ria.

Era vulg. ria. O Conde entendeo que para a empreza de Targa elle só bastava: Diogo Lopes presumio que companheiro taõ grande, e taõ altivo, roubando-lhe a reputaçaõ, toda faria sua. Na fórma das ordens do Rei marcháraõ ambos em hum corpo; mas segundo as intenções occultas, elles dividíraõ as almas; nada conseguíraõ; arruináraõ os projectos do seu Rei; foraõ causa de se perder sem fructo despeza taõ importante; e ambos ficáraõ com cabeça para conceberem as idéas vaidosas, de que ambos eraõ incapazes de fazer cessaõ hum ao outro da menor parte do seu capricho.

Voltáraõ os dous Chéfes a Ceuta com as trópas taõ inteiras, como sahíraõ della. O Conde, que se representava hum auxiliar de Diogo Lopes; entendeo que nada tinha, de que se sentir: Diogo Lopes, que se discorria primeiro Commandante vindo do Reino para conquistar Targa, ainda que podia desculpar-se com o Conde; naõ se lhe fazia toleravel voltar a Lisboa, sem obrar alguma acçaõ de estrondo,

do, que o livrasse do desagrado do Principe. Com este designio veio a Arzila pedir ao seu Governador D. João Coutinho quizesse entrar com elle pelas terras dos Mouros, aonde fizessem prezas, que reparassem os gastos da Armada. Elles chegárão á Aldêa de Arabiana, aonde captivárão poucos homens, tomárão algum gado, e sem outra acção Diogo Lopes se fez na volta de Lisboa.

Era vulg.

Depois delle partido, como se quizessem reparar a sua infelicidade, o mesmo D. João Coutinho, e D. Duarte de Menezes, Governador de Tangere, fizerão huma invasão nos campos, e lugares visinhos de Alcacer Quivir, sem que a nada perdoasse a cólera. Quando se retiravão com huma preza importante, appareceo o Governador daquella Praça na testa de hum grosso destacamento; mas observando a ordem da marcha, não se póde escusar de suspender a sua para nos vêr com respeito. Pelo mesmo tempo alguns Aduares dependentes de Çafim, e os Mouros vassallos de Dabida continua-

vão

Era vulg. vaõ nas ſuas revoltas, com huma fé ſempre vacillante, que trazia em contínuos cuidados aos ſeus Commandantes. D. Nuno Maſcarenhas, que entaõ a governava, determinou caſtigar os Barbaros, antes que o mal da ſediçaõ ſe fizeſſe incuravel. Elle encarregou eſta expediçaõ a ſeu irmaõ o eſtimavel D. Pedro Maſcarenhas, que com 300 cavallos, e alguma infantaria executou as ordens de ſeu irmaõ, como elle podéra deſejar.

O Rei de Féz ſe ſentio deſtas invaſões, que determinou deſaggravar pondo ſitio a Çafim com o poderoſo Exercito, que ajuntava por toda a extenſaõ dos ſeus Dominios. A fama de tantos appreſtos obrigou D. Nuno a prevenir-ſe com tempo, pedindo a El-Rei ſoccorros correſpondentes, que lhe foraõ mandados luzidos, e numeroſos, reſpeitaveis por quem os commandava, que era Gonçalo Mendes Sacoto, hum dos Fidalgos de mais valor, e que delle deo provas elegantes no ſerviço de tres dos noſſos Soberanos. Como o Rei de Féz mudou de reſoluçaõ, Gonçalo Men-

Mendes voltou para o Reino com tanto sentimento de D. Nuno, que naõ pode deixar de o desafogar com El-Rei, rogando-lhe obrigasse Gonçalo Mendes a vir para Çafim, que teria segura a defensa tanto no conselho, e respeito das suas cãs veneraveis, quanto no valor, e corage da sua espada inimitavel. A este homem, que mereceo hum testemunho taõ authorisado como o de D. Nuno Mascarenhas, tece o nosso Damiaõ de Goes o elogio, e diz delle no fim do Capitulo XXIII. da quarta parte da Chronica del Rei D. Manoel: A Gonçalo Mendes Sacoto, por seu esforço, e valentia, encarregou El-Rei D. Joaõ III. de Capitaõ de Çafim, e depois de Azamor, e se achou nos mais dos feitos da guerra de Africa em tempo de tres Reis, que servio, D. Joaõ II., D. Manoel, e D. Joaõ III. seu filho; mas tudo isto lhe naõ approveitou para mais, que para podermos dizer, que se lhe Duarte Pacheco Pereira naõ fez envéja na cavallaria, que nem menos lha pode elle fazer na medorança, porque taõ próve, e com taõ pou-

Era vulg.

Era vulg. pouca fazenda morreo hum como o outro. Manoel de Faria, que na Africa Portugueza repete esta passagem, conclue: Tal foi sempre a ventura dos Reis Portuguezes, que com taes premios nunca deixáraõ de achar semelhantes homens; para que se empregassem em servillos com a fazenda, sangue, e vidas.

Se como acabamos de vêr, a desuniaõ dos animos mallogrou a empreza de Targa, outra semelhante em Malaca hia sendo origem de consequencias funestas. Morrêra Jorge de Brito, Governador da Cidade, que deixou nomeado para seu Successor a Nuno Vaz Pereira, contra as determinações estabelecidas pelo regulamento do Affonso de Albuquerque, que ordenava em termos formaes succedesse o Almirante no governo ao Governador, que morresse. Occupava entaõ este cargo Antonio Pacheco, e pretendia o dito governo apoiado na ordenaçaõ do Albuquerque: o mesmo solicitava Nuno Vaz em virtude da nomeaçaõ do Governador defunto. Ambos os pretendentes tinhaõ amigos,

gos, adquiríraõ faccionarios, fizeraõ partido; e chegou o negocio a termos de fer decidido pelas armas: politica terrivel; ou ambiçaõ fem medida de dous Chéfes em huma Regiaõ taõ apartada da India, taõ remota de Portugal, na Praça em que havia hum punhado de Portuguezes rodeados de Naçõesferozes, de Póvos inimigos, que facilmente fe approveitariaõ defta fediçaõ inteftina para opprimirem com damno da Patria a ambos os pretendentes, e aos feus pequenos partidos.

Era vulg.

Entaõ fe achava em Malaca arribado da viagem da China Fernaõ Peres de Andrade, que nella havia occupado o Almirantado na primeira difpoziçaõ do Albuquerque. Contemplando elle a vivacidade, com que os dous concurrentes difputavaõ o mando, querendo atalhar a defordem, naõ fe poupou a fadiga, que podeffe contribuir para a tranquillidade dos animos. Como todas as fuas diligencias naõ tiveraõ força para abrandar a teima cada vez mais obftinada; Fernaõ Peres, feguido de novecentos, continuou a fua viagem pa-

Era vulg. para a China, deixándo os negocsos de Malaca entregues nas mãos da Providencia. Elle se fez ao mar no fim de Junho, e a 15 de Agosto ferrou a Ilha de Tamanlabua, separada da terra firme da China por hum braço de mar de tres legoas de largo. Entaõ eraõ as suas cóstas infestadas por tantos pyratas, que o Rei se vio necessitado a mandallas defender por huma gróssa Armada, que se encontrou com a de Fernaõ Peres.

O General China observando a figura, e manobra das nossas náos, entendeo que eraõ de Naçaõ estranha, pyratas de outro lote, que elle devia reconhecer atacando-os. Fernaõ Peres foi soffrendo o fogo sem se defender para naõ irritar com a resistencia a gente, que necessitava attrahir com a brandura; seguindo a viagem para a Ilha de Tama, aonde lançou ferro. Os Chinas admirados de que navios taõ fórtes soffressem tranquillamente o insulto, que acabavaõ de lhes fazer, vieraõ ancorar no mesmo porto com o designio de reconhecellos. Elles o fizeraõ

por

por meio de hum Emissario, que mandáraõ a bórdo da Capitania perguntar ao Commandante, de que Naçaõ era, e que destino o trazia aos pórtos da China. Fernaõ Peres respondeo, que era vassallo do Rei potentissimo de Portugal, Dominante de hum Paiz situado nas extremidades do Occidente: Que sendo o seu Soberano senhor de Estados immensos, alliado com todos os Principes da Europa, desejava metter neste número ao magnifico Rei da China, de quem fallava a fama como de hum Monarca de alta reputaçaõ: Que para este fim glorioso o mandava de taõ longe conduzir hum Embaixador, que com a sua Magestade ajustasse a desejada Alliança: Que naõ devendo lançar-se ao mar sem Pilotos, que o guiassem á Cidade de Cantaõ, aonde devia desembarcar o Embaixador, officioso lhe pedia quizesse mandallos, como hum serviço, que seria grato a ambos os Monarcas.

Era vulg.

Prometteo o General China que a tudo, o que elle demandava, daria prompta satisfaçaõ o Governador de Nan-

Era vulg. Nanto, que era huma Villa plantada na embocadura do rio, que vai dar a Cantaõ; porque elle lhe fazia este aviso. Como tardou a resposta, Fernaõ Peres navegou para Nantô, aonde foi recebido com grandes civilidades pelo Governador Tutaõ. Naõ foraõ em nada inferiores as que elle usou com o Embaixador Thomaz Pires, que lhe ficou encarregado. Fernaõ Peres voltou a incorporar-se com o resto da sua Armada, que deixára em Tama, aonde se demorou quatorze mezes, que lhe foraõ necessarios para executar as ordens del Rei, que o encarregára de se informar exactamente da extensaõ, do poder, da riqueza da China, da natureza dos seus negocios, dos interesses do commercio, das qualidades do Paiz, se podia, ou naõ ser conveniente á navegaçaõ dos Portuguezes da India.

Naõ satisfeito com as noticias individuaes, que lhe déraõ as tripulações de muitos navios, que entráraõ no porto de Tama o tempo, que nelle se demorou, Fernaõ Peres com Pilotos, e

lin-

linguas da terra mandou a Jorge Mascarenhas, que visse, e devaçasse as cóstas deste vasto Imperio, se instruisse nos genios, costumes, e Leis da Naçaõ, em quanto elle trabalhava no mesmo projecto com o trato das diversas gentes, que cada dia chegavaõ a Tama. Assim o executou com exacçaõ o Mascarenhas, que achando noticias da grande Cidade de Foquiem, navegou para o séu porto, aonde recebeo ordens do Commandante para se recolher a Tama, por ser chegada a monçaõ de voltarem para a India. Prestes a partir, Fernaõ Peres fez publicar na Ilha a som de trombeta, que elle estando para se retirar, fazia saber ao público, que se a alguns dos Portuguezes da sua Armada se haviaõ fiado mercadorias, ou prestado dinheiros, todos os acredores viessem a bórdo da sua náo para receberem os pagamentos promptos: política excellente, taõ nova, e tocante no espirito dos Chinas, que naõ cessavaõ de louvar a equidade, a exacçaõ, a probidade Portugueza: probidade, que se ella fosse imitada pelos nossos

Era vulg.

Era vulg. Capitães, que depois navegáraõ para a China, a dominaçaõ Portugueza seria muito mais dilatada naquelle lado do Oriente.

Antes que eu faça huma breve descripçaõ do Imperio da China, concluirei os successos da viagem do memoravel Fernaõ Peres de Andrade, que fazendo-se á véla em Tama, correndo o mez de Outubro de 1518, chegou a Malaca com oito náos carregadas de preciosidades, havendo perdido a de Pedro Soares, que em huma tormenta foi ao fundo, salvando-se a gente. Em Malaca se encontrou elle com D. Aleixo de Menezes, e com seu irmaõ Simaõ de Andrade; este, que hia encarregado da viagem da China; aquelle, que vinha socegar a sediçaõ dos dous pretendentes ao governo de Malaca, e lhe communicou as ordens do Governador da India, que lhe mandava entregar a Armada a D. Aleixo, e que elle sem demóra navegasse logo para o Indostaõ, aonde já achou por novo Governador a Diogo Lopes de Siqueira.

Na

Na monçaõ de 1519 Fernaõ Peres, carregado de serviços illustres, veio para Portugal informar ao seu Rei da Religiaõ, dos costumes, da humanidade, da docilidade dos Chinas, do poder, das riquezas, da extensaõ do seu Imperio: apresentou-lhe os signaes da nova terra, as manufacturas das suas fabricas, a delicadeza das suas pinturas; tudo quanto podia contribuir para o conhecimento pleno do que na China havia de estimavel. El-Rei ao gosto do que via, e ouvia, unio a esperança de trazer gente taõ polida a recostar-se no regaço da Igreja, de a instruir no conhecimento da verdade, de a fazer sectaria das disciplinas santas. Mas esta esperança depressa foi derrotada pela temeridade de Simaõ de Andrade, que esquecido de que era irmaõ de Fernaõ Peres, tanto desviou os pés dos vestigios, que elle imprimíra na China, que naõ só pretendeo, como divida de justiça, o dominio de Praças fórtes, mas obrando em tyranno, roubou o que quiz, profanou o sacrario da pureza nas virgens candidas, de que gos-

Era vulg.

 tou,

Em vulg. tou, fez insolencias, que irritáraõ os Chinas, que os obrigáraõ a perder o primeiro conceito, a lançar-se sobre os Portuguezes desgarrados, e fazellos em póstas; perdendo a demencia de hum irmaõ, quanto adquirira a illuminaçaõ do outro.

Salvou-se Simaõ de Andrade com grande trabalho das mãos da angustia, que elle se preparou. O Rei China informado das insolencias deste Commandante, arrojou de si ao nosso Embaixador, que estimava muito; e chegando á Cidade de Cantaõ, este infeliz foi preso pelos moradores; soffreo penalidades; morreo na masmorra em summa miseria; foi a victima innocente, que o furor immolou pelos crimes do culpado. Em fim, dada esta breve noticia da navegaçaõ dos Andrades ás Costas da China, ainda que da descripçaõ do seu Imperio hajaõ livros inteiros; que o illustrasse o Padre Kirker; que o engrandecesse o nosso Fernaõ Mendes Pinto; eu devo dar neste lugar aos meus Leitores huma idéa de instrucçaõ sobre a authoridade dos mesmos

mos homens, que nos déraõ a conhecer a vasta extensaõ da China. Era vulg.

CAPITULO IV.

Trata-se do Imperio da China, da sua Religiaõ, Leis, e Costumes.

O DILATADO Imperio da China he conhecido pelas Nações com differentes nomes. Ainda que se diga, que Ptolomeo lhe chamou a *Religiaõ dos Sinas*; que os de Siaõ, e Cochinchina lhe dem o nome de *Cin*; que os Japões o digaõ *Tau*, e os Tartaros humas vezes *Han*, outras *Cathai*; a verdade he, que os Portuguézes, que o descobriraõ, depois do seu estabelecimento na India, naõ o fizeraõ conhecido na Europa, senaõ debaixo do nome de *China*. Naõ faltáraõ amigos de plausibilidades, que separando na palavra *Chimgque*, que segundo a lingua do Paiz significa *Reino do Meyo*, assentáraõ que a China era o meio da Terra privilegio, que os Mouros de Hespa-

Era vulg. panha já quizeraõ dar a ſua amavel Cidade de Granada; os Gregos ao terreno de Delphos; e com mais fundamento os Judeos a Jeruſalem, talvez reparando no texto, que diz, que o Meſſias obraria a Salvaçaõ no Meio da Terra: Salvaçaõ, que foi obrada no monte Golgotha, viſinho a Jeruſalem.

A China he hum vaſto Paiz, que confina ao Septentriaõ com huma cadêa de montanhas, que muitos chamáraõ Otocara. Por ellas corre o famoſo muro, a que hum Author dá 500 legoas de extenſaõ, e que ſepara a China da Tartaria para ter o ſeu Imperio coberto ás irrupções deſtes Póvos ferozes, que em fim o forçáraõ, e ſe fizeraõ ſenhores da China. Eſte muro em diſtancias proporciónadas eſtá fortificado por pequenos baluartes; elle aberto em arcos para dar ſahida ás ribeiras; raſgado de muitas pórtas para o uſo do commercio, marcha da gente, e das trópas; e o que mais admira he, que o Rei Ching, confórme dizem os Annaes Sinicos, principiando eſta grande obra 215 annos antes do Naſcimento de Je-

ſu

ſu Chriſto no breve termo de cinco annos a vio acabada. No ſeculo XVII. da noſſa Éra os Tartaros illudíraõ eſta prevençaõ dos Chinas, forçáraõ o muro, e como diſſemos, ſe fizeraõ ſenhores do Paiz. Era vulg.

Elle confina ao Poente com os montes, que diſſeraõ Damaſianos, e o dividem de parte dos Tartaros, e de outros Póvos da India. O Occeano he o ſeu termo pelos lados do Levante, e do Meio-Dia, aonde eſtá a Provincia de Tunquin. Cluvier lhe dá 1200 legoas de comprimeto, e 600 de largura; mas Joaõ Nieuhoff diminue muito eſta conta. O certo he, que eſte Imperio comprehende hum número incrivel de Cidades, de Villas, de Lugares, que ſe repartem por 17 grandes Provincias, a ſaber: a de Pequin, que he a Cidade Capital do Imperio; a de Xanſi; a de Xenſi; a de Xantung; a de Honan; a de Sughuen; a de Huquang; a de Nanquim; a de Chekiang; a de Kiangſi; a de Fokien; a de Quantung; a de Quangſi; a de Jungaõ; a de Queicheu; a de Leaotung; e a da Peninſula de Corea. Neſtas

Em vulg. tas Provincias he tanta a multidaõ da gente; que até a que se encontra pelos caminhos públicos, parece que fórma grandes Exercitos; ou hum tumulto semelhante ao das nossas Feiras. Fernaõ Mendes Pinto tanto se admirou de vêr a quantidade dos vivos; como os ferros de ossos dos mórtos. Os nossos Portuguezes mais bem instruidos nas primeiras vezes, que entráraõ na China, naõ duvidáraõ perguntar, se as mulheres pariaõ déz; ou doze filhos de cada ventre.

Naõ saõ só as povoações da terra; aonde se cria tal monstruosidade de individuos humanos. Em cada hum dos seus portos maritimos he tal a quantidade de navios, que fórmaõ Cidades sobre as aguas; aonde vivem innumeraveis familias, que a bórdo delles nutrem os animaes necessarios para as commodidades da vida. Depois que as viagens da China se fizeraõ mais frequentes, já ninguem julga por encarecimento o dizer-se, que nella habitaõ muito além de 200 milhões de homens, sem metter nesta conta a numerosa Familia

Real,

Real, os Magistrados, as Tropas, os Eunucos, os Sacrificadores, as mulheres, e os mininos. A authoridade do nosso Pinto a este respeito descança hoje sobre a dos P. P. Martim Martini, Couplet, Le Comte, Grueber, Kirker, e sobre a de Renaudot, e a do Moscovita Nikiposa.

Era vulg.

Em quanto á Religiaõ dos Chinas, elles naõ reconhecem mais Deos, que ao Ceo visivel, ou a sua virtude, com os nomes de Tien, e de Xanti. Há tres Seitas entre estes Idólatras: a dos Sábios, que he seguida pelo Rei, e pela Nobreza, que offerecem sacrificios aos astros; e sendo estes dominados pelo Sabio, os Sabios da China consentem, que os astros dominem nelles: a dos Idólatras, que adora aos Idolos fabricados pelas suas mãos, e lhes levantaõ Templos: a dos Feiticeiros, que rende cultos aos Demonios, e he sectaria da Theurgia Practica. As duas primeiras Seitas offerecem hum culto supersticioso a Confucio, aos Filosofos, aos Reis, e aos seus Antepassados. Elles examinaõ a figura dos montes com ou-

Era vulg. outra superstição ridicula; com a fé torpe, de que nelles habita o Dragaõ, que a sua cegueira crê ser o Principe da felicidade estavel. Por esta razaõ, quando elles abrem os seus sepulcros, examinaõ as vêias, as sinuosidades do monte para acharem o lugar ditoso, aonde esteja alguma das partes do corpo do Dragaõ, para augurarem a ventura, que tem de sobrevir á posteridade do morto. Os Templos na China saõ immensos; grande o número dos seus Sacrificadores, que vivem sepultados no horror dos bosques, donde vem practicar nelles ceremonias, e libações estranhas, com que enganaõ os Póvos miseraveis.

Alguns Escritores entendem que o Apostolo S. Thomé estabelecêra na China o Christianismo, de que ainda se conservavaõ alguns restos da crença primitiva, quando nella entráraõ os Portuguezes. Taes eraõ o Idolo com tres cabeças, que indicava o Mysterio da Trindade: as pinturas de doze Varões Veneraveis, que marcavaõ o número dos Apostolos de Jesu Christo; os

os quadros, que tinhaõ esculpida a imagem de huma Donzella com hum minino nos braços, e nelles a inscripçaõ, que a persuadia virgem depois do parto, e se dizia serem as Imagens da Senhora, e de seu Filho. A verdade he, que o Christianismo entrou na China nos primeiros seculos da Igreja; mas proscripto, e anathematisado Nestorio no Concilio de Epheso, os seus sequazes, que se sumíraõ no fundo do Oriente, aonde dilatáraõ a Igreja Nestoriana, infestáraõ com os seus erros os Ritos da China, da sórte que os acháraõ seculos depois os nossos Missionarios.

Era vulg.

O célebre Confucio estabeleceo os systemas da Religiaõ dominante. Elle nasceo antes de Jesu Christo 550 annos, como dizem alguns, ou 483 como querem outros. Foi grande Filosofo, e Mestre de muitos Discipulos, que immortalisáraõ na China as doutrinas do seu Mestre: do Mestre, que até hoje se lhe rendem no Imperio as adorações mais profundas, naõ havendo nelle Cidade, aonde naõ se lhe consagre hum Palacio, por onde ninguem póde pas-

sar

Em vulg. ſar a cavallo em reverencia á memoria do ſeu Tutelar: Do Meſtre, que todos os ſeus deſcendentes saõ Mandarins natos, ſem differença dos Principes do ſangue nos privilegios, ſem nada de commum ainda com a maior Nobreza, ſem pagarem tributos, nem gabelas ao Imperador: Do Meſtre, que compôz o primeiro Livro, intitulado Takio, ou da grande ſciencia; o ſegundo Chun Jung, ou do Meio da Virtude; o terceiro Lungya, ou Conferencias, que he hum Compendio das ſuas acções, e dos ſeus ſentimentos; o quarto outro Compendio, que ſe lhe attribue, ſendo o das converſações de Menlio, que naſceo 96 annos depois da mórte de Confucio, com os outros Sabios do ſeu tempo: Livros, que bem examinados pelos que quizeraõ deſcobrir nelles os cultos do Deos verdadeiro, nada mais ſe acha, que impiedade, e atheiſmo.

No primeiro ſe encontra por Deos, ou por alta Divindade o Ceo viſivel, ou a ſua virtude; nos mais os Cultos ſuperſticioſos, os Sacrificios, que ſe tribu-

butaõ a Entes totalmente estranhos ao primeiro, e Soberano Ente; sem promessa de outra felicidade, ou de outra recompensa, que a da vida presente. Estas doutrinas de Confucio, e as honras applicadas ao seu Author perturbáraõ a China no seculo XVII. Os Jacobítas, que entráraõ nella, os Missionarios Clerigos Seculares naõ se accommodáraõ com as interpretações, que se davaõ ás palavras Tien, e Xantí expressivas de Deos; clamavaõ contra o culto de Confucio, e contra aquelle, que os Chinas rendem aos seus descendentes. Mas os Missionarios Jesuitas, como primitivos, continuavaõ a consentir, que os novos Christãos misturassem com a crença dos nossos Dogmas o culto de Confucio: permissaõ escandalosa, que foi condemnada pelo Papa Clemente XI. em Setembro de 1710, e bem arguida nos nossos dias.

Era vulg.

Fizeraõ os Portuguezes observações exactas sobre as qualidades do Paiz da China, sobre as suas riquezas, sobre os seus edificios, e sobre os costumes dos seus Póvos. Elles víraõ, que a gran-

Em vulg. grandeza do Estado faz, que a temperie do ar tenha neste differença; mas que regularmente he taõ puro, que a peste naõ se conhece na China, e que a gente morre acabada da velhice. Que ella he abundante de minas de ouro, e prata, de todo o genero de grãos, e fructos, excepto as amendoas, e o azeite, que os moradores extrahem de huma planta, que nós chamamos gerselim. A abundancia dos seus pastos facilita a criaçaõ de gados immensos; e fazem que o terreno seja summamente delicioso, e agradaveis as aguas de muitos rios, especialmente o de Kiang, que pela sua grandeza he chamado pelos naturaes o Filho do Mar, e o célebre Hoan, que banha 600 legoas de terra até se sumir no golfo de Nanquin.

Para se fazer juizo da riqueza prodigiosa da China, sem attender á cópia dos seus metaes preciosos, que ordinariamente se tiraõ das arêas dos rios, naõ querendo os Soberanos, que se abraõ as minas, por naõ expôrem as vidas dos vassallos á infecçaõ dos vapores,

res, e exhalações, que ellas lançaõ, basta advertirmos na quantidade monstruosa das suas fabricas de seda, de algodaõ, e de louça. Esta pela sua preciosidade, naõ ha Paiz na face da terra, que naõ a estime: a seda só na Provincia de Chekiang he tanta, que excede a toda a que ha no resto do mundo: o algodaõ, que os Estrangeiros de 500 annos a esta parte ensináraõ a plantar aos Chinas, produzio no Paiz com tal abundancia, que elles pódem encher de tecidos de algodaõ a todas as Monarquias.

Era vulg.

Ordinariamente saõ soberbos os edificios da China; mas o que merece mais attençaõ he, que em cada Cidade, e Povo grande em hum lugar fóra dos muros ha huma, ou duas Torres magnificas de nove andares, ornados de excellentes porcelanas; e visinho a cada huma destas Torres hum Templo brilhante cheio de Idolos, aos quaes preside o Maior, que he dedicado ao Genio Tutelar da Cidade. Depois se vêm dos muros a dentro muitos arcos triunfaes, que marcaõ a memoria dos grandes

Em vulg. des soldados, dos bons Escritores, dos Sabios estimados, dos que fizeraõ á República algum serviço consideravel? Em todas as mesmas Cidades ha hum Collegio de Confucio, aonde muitos Professores ensinaõ as doutrinas deste Doutor, mas nem nestes Collegios, nem nos Palacios, que saõ dedicados a Confucio se consentem Idolos, donde se infere, que elle combateo a Idolatria.

Em quanto aos costumes dos Chinas, principiando pelas sciencias, elles tem a seu favor a opiniaõ commua, de que tudo quanto as Nações passadas, e existentes inventáraõ de delicado, de formoso, nada he comparavel com a formosura, e delicadeza dos inventos dos Chinas. Este encarecimento naõ he toleravel a quem nelles examina com seriedade os progressos em cada huma das Artes, e Sciencias. Os absurdos da sua Metaphysica estaõ patentes nos systemas da sua Religiaõ, que eu acabei de escrever. A extravagancia da sua Physica nós a vemos no seu modo de pensar sobre a origem do Mundo, que huns su-

ſuppõe eterno, outros huma producçaõ do Acaſo. Elles admittem os dous Principios, que chamaõ Yn, e Yang: o primeiro hum Ente occulto, e imperfeito; o ſegundo outro Ente perfeito, e manifeſto. O principio da geraçaõ humana no primeiro homem, elles o attribuem á fecundidade de hum ovo; na ſua multiplicaçaõ milhares de ridicularias, ſem conhecimento da vida futura, ſem mais idéa da immortalidade da Alma, que huma metempſicoſe abominavel, vulgar entre elles.

Erà vulg.

Os Authores, que os gabaõ de bons Medicos, deviaõ limitar-ſe ao conhecimento do pulſo, que tomaõ em differentes partes; mas ignorando a pharmacia, e applicaçaõ dos remedios. Na Aſtronomia fizeraõ taõ poucos progreſſos, que os Miſſionarios Europeos tiveraõ de lhes reformar as taboas, que elles imprimíraõ pelas de Tycho-Brahe. Aos meſmos Miſſionarios bons Mathematicos incumbíraõ a reformaçaõ do ſeu Calendario; igualmente ignorantes da Optica, das proporções, e de quanto he neceſſario para as Artes da ar-

chi-

Era vulg. chitectura, pintura, e esculptura. Nas mecanicas saõ elles assás louvados; e antes de communicarem com as gentes da Europa, se lhes attribue a invençaõ de muitos instrumentos mathematicos, os globos celestes, a construcçaõ das Esféras, a fabrica da polvora, da artelharia, e da impressaõ; mas disto naõ ha mais próvas, que as tiradas das suas Historias pouco criveis. Elles tinhaõ todos estes conhecimentos, e outros muitos taõ imperfeitos, que nós sabemos devem aos Missionarios o polimento, com que hoje os practicaõ. Em fim, toda a delicadeza dos Chinas nas Artes mecanicas brilha na compoziçaõ do verniz, e na fabrica da porcelana, nos tecidos do algodaõ, e da seda.

Em quanto ás mais qualidades dos Chinas, geralmente saõ homens de cara comprida, de olhos muito pequenos, de nariz esmagado, aceados, e civís, andaõ firmes, direitos, e fórtes, saõ extremosamente avarentos, e taõ ciosos das mulheres, que as fazem viver, como em carcere perpetuo.

Quan-

Quando tem muitos filhos, a mesma avareza os arrasta a vendellos, ou a affogallos para naõ gastarem em os manter. A presumpçaõ que tem de si, os faz desestimar os Estrangeiros. As suas casas saõ magnificamente adereçadas, e a policia pública lhe leva os maiores cuidados, donde provem a grande commodidade, que se encontra nas povoações, e nas estradas. O seu governo he Monarquico, e naõ reconhecem mais que hum Rei, a que chamaõ Filho do Ceo, e Senhor do Universo. Em todas estas cousas, e em outras mais miudas se instruio na China Fernaõ Peres de Andrade para dar em Lisboa ao seu Rei a informaçaõ, de que elle o encarregára, e que o Rei tanto desejava.

Era vulg.

CAPITULO V.

Continuaõ os successos da India, e Africa até ao fim do anno de 1517, *e principio do de* 1518.

Era vulg.

A RELAXAÇAÕ da disciplina militar, que se introduzio na India depois da morte de Affonso de Albuquerque, fazia obrar taõ livres a alguns dos nossos Officiaes, que o Rei das Maldivas, e os Principes de Bengala escandalisados dos seus procedimentos, quizeraõ sacudir o nosso jugo, que lhes era taõ pesado. O Governador Lopo Soares de Albergaria, que justamente devia sentir-se das poucas felicidades do seu tempo, quiz atalhar esta que o ameaçava, e encarregou a D. Joaõ da Silveira o negocio critico de pacificar com prudencia os Principes escandalisados. Nas Maldivas renovou elle a paz com o seu Rei, que lhe permittio fazermos na Ilha huma Fortaleza: teve o mesmo successo com o Rei de Cambaya, e voltou a Cochim para continuar as mes-

mas

mas negociações nos pórtos de Bengala. Ellas foraõ pouco felices assim na Cidade de Chatingaõ, como na de Daracaõ, donde D. Joaõ da Silveira, ainda que venceo alguns encontros, se retirou para a Ilha de Ceilaõ com a Fróta destroçada, e a gente diminuida.

Era vulg. 1518

Pelo mesmo tempo Antonio de Saldanha, que fora mandado cruzar os mares da Arabia, chegou á India sem obrar nada de memoravel, além de humas pequenas prezas, que mal suavisavaõ os trabalhos da jornada. Manoel de la Cerda foi mais bem succedido na viagem de Dio pela alliança interessante, que ajustou com Meliqueáz, Governador da mesma Praça. D. Aleixo de Menezes deixamos nós em Malaca, quando Fernaõ Peres de Andrade chegou a ella de volta da sua viagem da China. Aquelle Fidalgo levava a escólta de 300 homens para pacificar as desordens de Antonio Pacheco, e de Nuno Pereira, ambos pretendentes ao governo vago por mórte de Jorge de Brito.

Na fórma das instrucções, que le-

Era vulg. vára da Corte, D. Aleixo nomeou para Governador de Malaca a Affonso Lopes da Cósta; para Almirante a Duarte de Mello, e soltou a Antonio Pacheco, que fora preso pelo maior poder do seu concurrente Nuno Pereira. O Rei de Bintaõ se havia approveitado das nossas discordias para desaffogar o odio implacavel, que concebêra aos Portuguezes, e fazia a Malaca huma guerra cruel. Como no porto de Muar elle formára a escala principal para as suas tentativas, D. Aleixo destacou a Affonso Lopes da Costa com 300 Portuguezes, e alguns Malayos para lhe destruir a Cidadela, que elle tinha em Muar bem fortificada, e guarnecida. Naõ se podia obrar esta expediçaõ sem o favor da maré; mas em quanto ella enchia para sobirem as náos, Affonso Lopes bateo o Fórte com hum fogo vivo. O Rei, que nos penetrou o designio, naõ quiz esperar o golpe, e pedio simulado a paz fingida. D. Aleixo falto de mantimentos, conveio nella para prover-se, o de Bintaõ para se reforçar, e investir Malaca.

Com

Com todas as ſimulações, que ſabe metter em uſo a arte intrigante, o Rei de Bintaõ entretinha a amizade com D. Aleixo, até eſtar prevenida a groſſa Armada, e grande Exercito, com que por mar, e terra determinava ſubprender a Praça. De repente, a favor da noite, no meio da paz o Rei pérfido ſe lançou ſobre os noſſos navios, que eſtavaõ ancorados, degollou as tripulações, a alguns deo fogo. O eſtrondo das armas deſpertou aos Portuguezes, que em hum combate tumultuario, e ſem ordem tiveraõ a vantagem de ſe vingar dos inimigos, pondo-os derrotados em fugida. Mas em quanto D. Aleixo aſſim vencia no mar, o Exercito introduzido em Malaca pelos faccionarios do Bintamez a atacavaõ por terra. Os noſſos acudíraõ com esforço taõ dobrado, quanto era mais importante ſalvar a Praça, que os navios. Homens, e elefantes em huma peleija atroz de duraçaõ longa tudo desbaratou a coragem Portugueza, que ficou no campo rodeada de glória, quando os inimigos ſe retiravaõ cobertos de confuſaõ.

Era vulg.

Eſ-

Em vulg. Estas duas quebras naõ fizeraõ perder as esperanças ao Bintamez de conquistar Malaca. As suas forças eraõ grandes, muitas as intelligencias secretas na Praça, maior entre os Portuguezes a falta de viveres. D. Aleixo tudo determinava remediar com as armas, quando a fortuna lhe trouxe a casa hum instrumento efficaz em seu soccorro. Os de Bintaõ fizeraõ prisioneira huma barca, que conduzia para morarem em Malaca a hum grande, e bravo Fidalgo Jáo com sua mulher monstro de humanidade, e gentileza. Os presos foraõ apresentados ao Rei, que estimou o marido pelo valor, a mulher pela formusura. Ao primeiro conferio o commandamento da Armada, á segunda entregou o dominio do coraçaõ, e ficáraõ a esposa mandando o Rei, o esposo ás suas forças. O Jáo, que era honrado, soube da sua affronta, e sentio-a; mas discorrendo, que contra huma Testa coroada nem ainda nestes lances ha mais despique, que o do retiro; elle abandona a mulher, o Rei, o emprego, vem a Malaca, e se offerece para nos servir.

Foi

Foi indisivel o prazer dos Portuguezes com a chegada deste hospede taõ bem instruido em tudo quanto era respectivo ao Rei contrario, que elle tambem tinha por inimigo. D. Aleixo contra o parecer de muitos escrupulosos lhe entregou hum destacamento de Portuguezes, e Malayos para ir atacar os de Bintaõ nos póstos, que elle sabia serem menos defensaveis. O Jáo conhecido pela pessoa, pela authoridade, pela voz entre os Bintamezes, deo-se a conhecer aos seus córpos de guarda degollando-os, e foi entrando pelos entrincheiramentos com maõ baixa sem perdoar a genero algum de vivente. O clamor dos agonisantes despertou os que dormiaõ, que corrêraõ ás armas, e fizeraõ huma gentil defensa. Entaõ os Portuguezes já estavaõ senhores do campo, e dos despojos. O seu bravo Commandante, naõ lembrado da segurança da pessoa, por seguir transportado do ardor a victoria, ou a vingança, hum tiro vago lhe levou a cabeça: perda, que nós sentimos, naõ só por nos ensanguentar, mas por nos fazer menos plausivel o triunfo.

Es-

Ext vulg.

Era vulg. Esta victoria deixou a Malaca taõ livre de sustos, que D. Aleixo entendeo se podia recolher para a India com a maior parte dos Portuguezes. Antes de se embarcar despedio a seu primo D. Tristaõ de Menezes para ir reconhecer as Ilhas Moluças; mas apenas estes dous Fidalgos sahíraõ de Malaca, e a deixáraõ sem o reforço dos homens, e das nàos, que leváraõ comsigo, o Rei de Bintaõ ajuntou as trópas dispersas, e voltou a sitiar a Fortaleza. Dezasete dias foi ella atacada com vigor indisivel, que passou da terra ao mar, aonde intentáraõ os inimigos queimar-nos duas náos, e huma galé, para que o incendio chamasse parte da guarniçaõ a extinguillo, e a Fortaleza com menos defensores podesse ser subprendida. Em parte succedeo como os Bintameses o pensáraõ. Ateou-se a peleija, e o fogo no paiol da pólvora da náo de Gabriel Gago, que a abrazou. Diogo Mendes, Capitaõ de outra náo, cahio morto de huma balla de canhaõ; mas os Portuguezes com hum valor difficultoso de se conceber, apagáraõ o incendio, der-

derrotáraõ no mar aos inimigos, ao mesmo tempo que o Bendara de Malaca com os seus nacionaes, e alguns Portuguezes, se lançava sobre os sitiadores, que foraõ forçados a abandonar os trabalhos, e levantar o sitio. Era vulg.

Todas estas acções taõ cheias de gloria naõ nos custáraõ mais que a vida de vinte e dous homens. Os inimigos em ambos os sitios perdêraõ as de muitos milhares, mais de setenta peças de artelharia, e agora grande número de prisioneiros. Entre elles ficou o filho de hum Principe poderoso do Reino de Siaõ, que pelo seu resgate mandou a Malaca huma formosa náo carregada com abundancia de viveres, que soccorreo ás necessidades da Praça.

Quando na India succediaõ estas cousas, navegava para ella o novo Governador Diogo Lopes de Siqueira, de quem logo fallaremos, e os nossos Fronteiros de Africa naõ estavaõ ociosos. Os Mouros da Serra do Farrobo, e de Benamariz se queixáraõ a Mulei Abrahem, filho de Barraxe, dos máos tra-

Era vulg. tratamentos, que recebiaõ da guarniçaõ de Arzila. Elle os despicou, matando-nos 17 homens com o inconsiderado Fernaõ Gallego, que commandava hum corpo da nossa cavallaria. Ainda seria maior a perda, senaõ a reparára o valor de Luís Valente, que naõ pode impedir a prisaõ de D. Antonio Mascarenhas. O Rei de Féz estimou, e tratou com muita civilidade a este illustre captivo, que morreo de peste entre os Barbaros.

D. Alvaro de Noronha governava Azamor, e recebeo novos votos de fidelidade dos Mouros da Xerquia, entaõ poderosos, já menos rebeldes, que os Aduares de Binemez. Contra estes sahio D. Alvaro a campo: matou-lhes muitos, captivou 250, e grande porçaõ de gados. Successo semelhante teve poucos dias depois o seu Adail Vasco Fernandes Cesar. O mesmo D. Alvaro em outra expediçaõ penetrou dez legoas de Paiz, e se recolheo com 200 captivos. Igual destino deo elle ao illustre Nazer, que teve a felicidade de trazer preso para Azamor com suas mulhe-

lheres, filhos, noras, e criados, que Era vulg.
faziaõ o número de 200 pessoas. Nes-
te mesmo anno fez D. Alvaro outras
duas entradas pelas terras da Enxovia.
Na primeira captivou 400 homens, na
segunda 350 com glória das nossas ar-
mas, e terror dos Barbaros, que em
parte alguma viviaõ com segurança.

Navegava para Governador da India
Diogo Lopes de Siqueira, como fica di-
to. Elle sahio de Lisboa a 26 de Mar-
ço em huma Armada de déz náos gros-
sas, em que além delle embarcáraõ os
Capitães Ruy de Méllo, que hia pro-
vido no governo de Goa; D. Joaõ de
Lima no de Calecut, D. Ayres da Ga-
ma no de Cananor; Garcia de Sá; Gon-
çalo Rodrigues, o Grego; Joaõ Go-
mes Cheiradinheiro; Pedro Paulo;
Lopo Cabreira, Joaõ Lopes Alvino,
e 600 homens de guarniçaõ. De hum
esforço taõ consideravel necessitava a
Estado da India, que no governo de
Lopo Soares de Albergaria se tinha di-
minuido em muitos choques, e gran-
des tempestades.

A náo de D. Joaõ de Lima na al-
tu-

Era vulg. tura do Cabo de Boa Esperança correo o risco de se perder por huma aventura bem singular. Hum peixe agulha monstruoso, que tem o bico igualmente duro, e agudo, o ferrou no costado da náo, arrimou-lhe o corpo, e a fez pender, e parar. Entendeo a tripulaçaõ, que tinha varado em algum rochedo; deo á bomba, naõ vinha agua, todos pasmáraõ. Tremia a náo, quando o peixe se sacudia para desferrar-se, como fez deixando nella o bico, que em Cochim se achou cravado no costado, e desalijada ella deste pezo externo, que a opprimia; continuou a andar. Em conserva chegou a Armada a Goa no dia 8 de Setembro, aonde soube Diogo Lopes, que o seu predecessor se achava na Ilha de Ceilaõ, e esperou a sua vinda para lhe entregar o Governo.

O motivo da jornada de Lopo Soares a Ceilaõ era cumprir as ordens del Rei, que lhe mandava applicar todas as diligencias para fundar huma Fortaleza no porto de Columbo pertencente áquella Ilha. Quando elle chegou com

com a Armada, em que levava 800 Portuguezes, e alguns Naires do Malabar, o Rei conveio na fabrica da Fortaleza; mas mettido em sustos pelos Mouros, nossos mortaes inimigos, de que o destino do Governador era tomar-lhe o Reino, elle faltou á palavra, e teve de sustentar a guerra. Hum só combate favoravel ás nossas armas decidio a questaõ, obrigou o Rei Insulano a pedir a paz, a conceder a Fortaleza, a fazer-se tributario de Portugal, pagando a El-Rei D. Manoel cada anno dez elefantes, 400 bahares de canella, e 20 anneis com rubins dos mais finos, que Ceilaõ produzia.

Era vulg.

Com grande fervor se começou a obra, fornecendo o Rei os materiaes necessarios, e concluida ella em breve tempo, o Governador encarregou a Fortaleza a D. Joaõ da Silveira, que alli encontrára arribado da viagem de Bengala, e da Capitanía do mar a Antonio de Miranda, com regimento de defenderem o Estado do Rei amigo em toda a occasiaõ, que a necessidade o pedisse. Satisfeito deste bom successo,

Lo-

mlg. Lopo Soares sahio de Columbo com o designio de ir em pessoa acabar a Fortaleza de Coulaõ para fazer feliz com estas vantagens o fim do seu trienio. Mas sabendo no caminho da chegada de Diogo Lopes de Sequeira, que o esperava em Cochim, veio a esta Cidade, entregou-lhe o governo, instruio-o nos negocios mais pressantes para a gloria, e para os interesses del Rei, e se aprestou para a viagem do Reino, aonde chegou a salvamento no anno seguinte acompanhado de nove náos, sendo recebido do Rei com pouco agrado, da Patria com muito desprazer; como se os desfavores da fortuna fossem crimes da pessoa.

Diogo Lopes logo que tomou posse do governo partio de Cochim para Goa a dar execuçaõ ás ordens da Corte; havendo antes despedido com huma Armada a Christovaõ de Sousa para ir a Dabul dissipar os restos de huma revolta contraria ao serviço do Rei, e castigar os sediciosos: a D. Affonso de Menezes com algumas náos para Baticala a reduzir o Rei tributario ao

cum-

cumprimento dos seus deveres, que recusava; e a Joaõ Gomes para fazer a Fortaleza promettida nas Maldivas, aonde perdeo a vida ás mãos da perfidia dos Mouros de Cambaya.

Era vulg.

Na viagem de Cochim para Goa o novo Governador visitou as Fortalezas de Calecut, e Cananor para vêr o estado das suas guarnições, e as prover do necessario. Chegado a Goa, reforçou a Fróta de Antonio de Saldanha, e o tornou a mandar aos mares da Arabia para dar caça a todos os Mahometanos, que os navegassem. Despachou com duas náos para Malaca a Antonio Correa, que havia ir a Pegu exercitar o caracter de Embaixador, de que vinha revestido do Reino, e celebrar com o seu Rei hum Tratado de paz, e alliança. Para a mesma Cidade de Malaca despedio a Garcia de Sá, que havia render a Affonso Lopes da Costa, já entaõ muito enfermo, e que veio para Cochim acabar a sua larga, e gloriosa vida, que sempre empregou nas acções do heroico valor, de que erá dotado. Estas foraõ as primeiras dispo-

si-

Era vulg. ficções do governo de Diogo Lopes de Sequeira na India, aonde o deixaremos; porque nos chamaõ negocios, que perturbáraõ a harmonia domestica da Corte de Lisboa, como veremos no Capitulo seguinte.

CAPITULO VI.

Das impressões, que fizeraõ na Corte as idéas do terceiro casamento del Rei D. Manoel, quando se entendia, que elle abdicava o Reino a favor do Principe D. Joaõ, seu filho.

Depois de vinte e tres annos de reinado mostravaõ os exteriores del Rei D. Manoel, que elle trazia o animo opprimido pela agitaçaõ dos cuidados. Fosse porque já o cançava sopportar o peso das felicidades do mundo, que he tal, que lastíma com o mesmo que lisonjea; fosse porque se enfastiava de mandar: que taõ bem a suavidade do imperio remata em cruz; fosse porque já se agoniava de forçar a tantos homens pa-

para deixarem obedientes o descanço das casas, e irem huns derramar o sangue a Africa, outros a expôrem as vidas nas viagens temerosas da India; ou fosse porque desatado dos vinculos do matrimonio, nos annos já avançado, elle quizesse com huma acçaõ preclara nos fins da vida deixar entre os homens memoria immortal: elle dava bastantes demonstrações, de que estava resoluto a largar a administraçaõ do Reino ao Principe D. Joaõ seu filho, aos seus Aulicos prudentes, retirar-se para o Reino do Algarve com a porçaõ de rendas, que lhe bastassem para sustentar com vigor a guerra contra os Mouros de Africa.

Era vulgi

Bastou presumir-se esta resoluçaõ do Rei para os espiritos entrarem em movimento, agitarem-se os córpos dos partidos, e perturbar-se a aura civíl com as respirações interessantes, que formavaõ no ar vozes taõ disformes, quanto eraõ differentes as imagens dos animos, donde ellas nasciaõ. Como ordinariamente aos homens naõ os domina tanto a intoireza da fidelidade, quan-

Era vulg. to a corrupçaõ da cubiça; muita gente, que tinha na ſua téſta a Luiz da Silveira, Guarda-Mór do Principe D. Joaõ, e muito ſeu valido, penetrando a reſoluçaõ do Rei, vendo-o creſcido em annos; que os ſeus intereſſes ſeriaõ mais avultados no governo do Principe moço; principiáraõ as indúſtrias a fazer os ſeus officios deprimindo os louvores, que a voz geral repartia ſobre cada hum dos altos merecimentos de hum Rei, como era D. Manoel, que levava as adorações de todos os ſeus vaſſallos maduros, prudentes, ſabios, menos ſequazes da liſonja, que da probidade.

Todos aquelles que naõ entravaõ neſte número, já eſtragado o eſpirito de reverencia, diziaõ ſem rebuço: Que o Rei cuidava mais em ſer Arquitecto, que Soberano; mais em levantar paredes, que em exaltar a Mageſtade: Que eſquecido da circunſpecçaõ Real, ſe facilitava com todos, a todos fallava, de algum ajuntamento fugia, deixando-ſe vêr a cavallo com frequencia: Que era hum pródigo, que conſumíra

ſem

ſem fructo montes de ouro, e prata, que podendo rodar pelo Reino como a chuva de Jupiter para o fecundar, elle fora produzir nos Paizes eſtranhos multiplicadas vaidades, ficando o proprio em miſeria ſumma: Que neſtes termos o Principe devia cuidar em ſe reveſtir do caracter da Soberania, naõ ſe conformar ás maneiras condeſcendentes de ſeu Pai, naõ vulgariſar a Mageſtade, e que ainda que diſſeſſe com hum dos Imperadores de Alemanha, Rodolfo: Que naõ era Imperador fechado na Arca: tambem ſe viſſe, que naõ era Rei patente nas Praças, ſempre aberto para todos.

Era vulg.

O Principe tinha huma indóle admiravel, benigno, clemente, inclinado para a piedade; mas a repetiçaõ de tantas práticas com Aulicos aſtutos, com politicos déſtros: práticas, que pelo que tem de doces á natureza corrupta intereſſante, de todas as claſſes de gentes ſaõ bem ouvidas; ſe ellas naõ foraõ activas para fazerem declarar ao Principe contra ſeu Pai, tiveraõ efficacia para o pôrem neutral na ap-

 pro-

Erá vulg. provaçaõ, ou reprovaçaõ dos ſeus Reaes coſtumes. Deſta indifferença tomou maiores forças a audacia para o perſuadir: Que nada era taõ proprio a hum Principe, como aſpirar á maior honra, que conſiſtia em viver livre para fazer o que quizeſſe: Que refrear a vontade propria, ſe nos homens vulgares podia ſer virtude, nos Principes era huma mancha da ſua alta dignidade, como argumento humilde de huma ſervidaõ miſeravel.

Deſtas, e outras ſugeſtões ſemelhantes ſe valiaõ os ſugeſtores para deſatarem o filho dos vinculos da obediencia dobrada; devida a hum Pai Rei; mas tanto que as vozes da calúmnia chegáraõ aos ouvidos do Soberano illuminado; logo que elle advertio, que o Principe ficava abandonado ao poder dos aduladores: apenas fez reflexaõ no perigo, a que deixava expóſtos os vaſſallos ingenuos; a ſua magnanimidade de hum golpe córta todas as ligaduras, com que o podiaõ prender a natureza, os deſejos do deſcanço, da vida privada, do retiro, e eſquecido de todas as

com-

commodidades particulares, se resolve a promover os interesses do commum. Huma mudança taõ grande no modo, com que o Principe até entaõ se conduzíra, ella pedia outra consideravel na resoluçaõ, que o Rei havia tomado. Vio-se a Magestade nos termos de se vingar dos desejos do retiro, das idéas ultrajantes, do temor do despreso, e longe de abdicar o Reino, cuidou em contrahir novas allianças para reinar firme mais largo tempo.

Era vulg.

A Princeza D. Leonor, irmã do Imperador Carlos V., que pelo Embaixador Pedro Correa se mandára pedir a seu Avô Maximiliano em Alemanha para mulher do Principe D. Joaõ; agora foi D. Alvaro da Costa pedilla a seu irmaõ Carlos em Castella para esposa do Rei D. Manoel. Naõ deixaría o Imperador de se subprender á vista de huma mudança taõ estranha. Elle mais estimaria o casamento com o Principe solteiro, que daria successores á Corôa, que com o Pai viuvo, que deixaria Infantes pobres: mas Carlos, sempre rodeado da sua politica, preven-

Era vulg. vendo, que a alliança com o Rei de Portugal lhe sería conveniente para o empenho de obter o Imperio, que pretendia; elle esquece todas as idéas ordinarias; obriga sua irmã a convir no casamento, promette-lhe hum grande dote; antes que o pague, recebe do Rei por emprestimo 200$000 escudos, que reparte pelos Eleitores, e segura os seus votos para ser Imperador.

Celebrado o Tratado matrimonial em Çaragoça, pedida dispensa ao Papa, públicos os ajustes, entrárão a clamar em Lisboa os partidarios dos seus interesses, que dizião ser do Principe: Casa El-Rei viuvo, Pai de oito filhos, com mais de 50 annos; de hum golpe nos arruinou a Pátria. Será governado o Reino á vontade da Princeza, que ha de mandar na vontade do Rei: isto basta para perdello. Crescerá o número dos filhos, que devem ter Estado em Monarquia tão pequena: elles aonde hão de caber? Que riquezas serão bastantes para os sustentar? Donde hão de vir honras, que se lhes conferir? Tudo será para elles, e os vas-

sal-

fallos benemeritos, naõ só perderáõ os despachos, mas até as esperanças. Além disto, que maior injúria pode fazer o Rei Pai ao Principe, e Infantes filhos? Elles sentindo os desagrados, veráõ ao homem velho attrahido da formusura da donzella minina, em lugar de obrar acções, com que immortalise a memoria, estar servindo ao amor, dizer ternuras, fazer meiguices, derreter-se para adquirir os bons agrados da Esposa.

Era vulg.

Se os que assim fallavaõ quizessem deixar-se penetrar da força dos motivos, porque o Rei assim se conduzia, elles mudariaõ de tom, e fallariaõ em termos correspondentes ao estado dos negocios. Se elles se resolvessem a despir dos affectos da propria conveniencia, reparariaõ com os Sábios, com os Varões probos, que os fundos da intençaõ do Rei nestas terceiras vodas se encaminhavaõ a sustentar a authoridade Real quasi vacillante, a cortar as intrigas dos revoltosos, que já senhores da vontade do Principe, se dispunhaõ a metter o Reino em tal inquietaçaõ, que naõ poderia escusar a sua ruina. Por isso a il-

Era vulg. illuminaçaõ do Rei, que tudo quiz acautelar prevenido, sem lhe fazerem especie as vozes populares, convocou o seu Conselho; mandou que nelle assistisse o Principe, os Grandes do Reino; a todos communica os motivos, que o obrigáraõ a fazer o seu casamento, e respondeo a todas as objecções, que o contradiziaõ. Excepto o Principe, os mais assistentes se mostráraõ satisfeitos da falla, que o Rei acabava de recitar, e o mesmo Principe com toda a Assembléa lhe beijáraõ a maõ, fosse o gosto verdadeiro, ou apparente.

Como Lisboa pouco depois foi ferida da peste, que obrigou a desertarem della muitos dos seus moradores, El-Rei se retirou para Almeirim, donde passou para a Villa do Crato a esperar a Rainha, que marchava para a nossa Fronteira, aonde chegou a 23 de Novembro. Ella vinha conduzida pelo Duque d'Alva, pelos Bispos de Cordova, e Placencia, pelos Condes de Monte-Agudo, Alva de Liste, e pelo Almirante das Antilhas, com ou-

tros

tros muitos Fidalgos de grande qualidade. Os de Portugal, que partíraõ a encontralla, foraõ o Duque de Bragança, o Arcebiſpo de Lisboa, o Biſpo do Porto, o Conde de Tentugal, o Conde de Villa-Nova, o Apozentador Mór Diogo Lopes de Lima, e grande número da Nobreza mais brilhante. De hum, e outro lado da ribeira de Sever, que divide ambos os Reinos, ſe poſtáraõ as duas comitivas. Da de Portugal entráraõ em Caſtella, o Conde de Villa-Nova, o Arcebiſpo, e Biſpo, outros muitos Fidalgos, com o Conde de Tentugal, que beijáraõ a maõ á Rainha, e depois deſtas primeiras formalidades, ella paſſou a ribeira, aonde a eſperava o Duque de Bragança rodeado de 2000 Cavalleiros, magnificamente ornados.

Era vulg.

O Duque d'Alva, que a conduzia, perguntou ao de Bragança pelo poder, que tinha do Rei de Portugal para ſe encarregar da Auguſta Peſſoa da Rainha ſua Eſpoſa: pedio-lhe que o leſſe, e lho entregaſſe para o apreſentar a El-Rei de Caſtella, ſeu Amo, e lhe fazer

Era vulg. zer vêr nas suas ordens executadas, que elle cumpríra fielmente com a commissaõ, de que o havia honrado. O Duque de Bragança, fez o que o de Alva lhe pedíra; e entaõ este Duque, depois de huma reverencia profunda, rogou á Rainha lhe permittisse pegar na extremidade de huma cadêa de ouro, que ella trazia no braço. Com esta ceremonia a entregou ao de Bragança, que a recebeo do mesmo modo sem lhe pedir permissaõ; porque representava a pessoa do Rei, seu Esposo. Concluida esta acçaõ, o Duque d'Alva se retirou para Castella com os Fidalgos, que o seguiaõ, excepto o Bispo de Cordova, o Senhor de Tregeny, que vinhaõ por Embaixadores, e outros Grandes, huns que acompanháraõ a Rainha ao Crato, outros até Almeirim.

Foi recebida esta Senhora na primeira das ditas Villas pelo seu Esposo, que soube unir nesta agradavel vista as ternuras de homem, que ama, com a conservaçaõ do caracter de Heróe, e de Rei, que era, sem que já mais se des-

despisse destas duas qualidades sublimes Era vulg.
nos lugares, em que naõ devia mostrar-se só amante puro, só Esposo terno. Elle apresentou á Rainha a seu filho o Principe, que reverente hia a beijar-lhe a maõ, e ella o naõ quiz consentir. Ao Duque de Coimbra D. Jorge, e a toda a Nobreza concedeo ella esta honra: ceremonia, a que se seguio a das bençãos nupciaes dadas pelo Arcebispo de Lisboa, e depois a marcha para Almeirim. No caminho a esperavaõ os Infantes, que póstos a pé quizéraõ tomar-lhe a maõ respeitosos; mas ella lhe deo outros signaes expressivos da sua estimaçaõ. Em Almeirim estavaõ as Infantes D. Isabel, e D. Brites, que fazendo demonstraçaõ de descerem a escada, a Rainha se desmontou com pressa, e a subio para as deter, e as tomar nos braços com as evidencias do amor mais delicado. Das Damas, que as acompanhavaõ, acceitou agradavelmente os seus respeitos, e vio as festas magnificas, que neste dia se celebráraõ, e depois com a maior pompa em todos os Póvos do Reino.

Os

Era vulg. Os Embaixadores de Castella em nome do seu Rei apresentáraõ ao de Portugal o Collar da Ordem do Toesaõ de Ouro, que elle acceitou com reconhecimento sincéro, e o recebeo com o aparelho correspondente ao augusto da ceremonia. Entre os apparatos da grandeza, das delicias do gosto, do applauso dos vassallos, passou a Corte em Almeirim o resto do anno, e no seguinte veio residir na Cidade de Evora. Com tudo, El-Rei naõ tinha o prazer taõ completo, que deixasse de lhe fazer impressaõ a sensibilidade do Principe pouco gostoso do casamento: mas elle para conservar a authoridade da Soberania, e da Paternidade, entendeo corrigiría o Principe com mostrar mais agrado a seu irmaõ o Infante D. Luís, e com separar da sua companhia a Luís da Silveira, que mandou sahir da Corte, aonde naõ tornou, senaõ no Reinado futuro.

CA-

CAPITULO VII.

Da grande Armada, que no anno de 1519 partio para a India, e do que obrou Fernaõ de Magalhães desgostado com El-Rei.

Era vulg. 1519

OS divertimentos, que entretivéraõ a Corte nos principios deste anno, naõ impedíraõ ao Rei os aprestos para as expedições gloriosas, que elle trazia concebidas para serem executadas na Asia. Para lograr o projecto sublime de ser elle só o dominante dos mares da Arabia, o Senhor do Estreito do mar Roxo, necessitava conquistar, e destruir a Cidade de Juda, e fazer em Dio huma Fortaleza, que segurasse aquella navegaçaõ. Com este designio confórme á grandeza do seu espirito, mandou elle preparar huma Armada de dezasseis náos, guarnecida da melhor gente, de que nomeou Commandante a Jorge de Albuquerque, que hia provido no governo de Malaca. Os mais Capitães, que embarcáraõ com elle,

fo-

Era vulg. foraõ D. Diogo de Lima, Diogo Fernandes de Béja, que havia ser Governador da Fortaleza, que se fundasse em Dio, Lopo de Brito, que levava a de Ceilaõ, Manoel de Sousa, Pedro da Silva, Christovaõ Mendes, Francisco da Cunha, e outros, entre os quaes se faz lembrado o Castelhano D. Luís de Gusmaõ, que nesta viagem, de Cavalleiro degenerou em pyrata, e fez acções indignas do seu nascimento.

A navegaçaõ da maior parte desta Armada foi infeliz. Além da rebeliaõ da náo do referido pyrata, a de D. Diogo de Lima arribou a Lisboa; a de Manoel de Sousa correo a cósta da Ethiopia, entrou no porto de Mançua indo na volta de Melinde em busca de mantimentos; mas saltando em terra com 40 homens, os Mouros os passáraõ á espada, ao mesmo tempo que a náo, arrebatada de hum turbilhaõ, foi varar em huma Ilha junto a Quiloa, aonde se fez em pedaços. Toda a tripulaçaõ desta náo, que se salvou em terra, foi despojo da impiedade dos Barbaros, excepto hum minino, que

o

o Rei de Zamzibar tomou na ſua protecçaõ. Jorge de Albuquerque, e nove das ſuas náos invernáraõ em Moçambique, naõ podendo neſte anno paſſar á India mais de quatro, que chegáraõ a tempo que o Governador Diogo Lopes de Siqueira queria partir de Cochim para a expediçaõ do mar da Arabia. Era vulg.

Como para huma empreza taõ importante, qual era a conquiſta de Juda, o poder de Diogo Lopes naõ era correſpondente; elle naõ ſó houve de ſe ſervir das náos, que acabavaõ de chegar do Reino, mas deſpedio com toda a diligencia a Gonçalo de Loulé para Moçambique com ordem de dizer a Jorge de Albuquerque, que ſem perda de tempo ſe fizeſſe á véla com as náos da ſua conſerva para o mar da Arabia, aonde elle o eſperaria para entrarem no Eſtreito. Naõ correſpondêraõ os effeitos á promptidaõ deſejada do Governador, que neſte anno naõ pode navegar ao mar Roxo, por ſe entreter alguns mezes em concluir a Fortaleza de Coulaõ, e em outros expe-

dien-

Era vulg. dientes, que o embaraçáraõ. Entre elles naõ foraõ pouco importantes ter de refrear as demasias de Meliqueaz, que naõ se descuidava de fazer aos Portuguezes os damnos, que podia; mandando contra elle a Christovaõ de Sá, que com tres galés cumprio exactamente os seus deveres; e esperar a vinda de Antonio de Saldanha, que havendo feito prezas consideraveis no Cabo de Guardafú, fora avisado, para que com a sua Fróta lhe viesse engrossar a Armada.

Em quanto Diogo Lopes se prepara para a expediçaõ do mar da Arabia, eu referirei o que neste tempo succedia em Portugal a respeito do memoravel Fernaõ de Magalhães, que eternisou o seu nome no do célebre Estreito, que divide a Ilha do Fogo do Continente da America, e fórma a bocca para a entrada do mar do Sul, ou Pacifico. Fernaõ de Magalhães era hum Fidalgo honrado, que servíra em Africa com valor, e na India se achou com o grande Albuquerque na tomada de Malaca. Voltando a Portugal, pedio

a

a El-Rei lhe augmentasse a sua moradia com mais dous tostões por mez em remuneraçaõ dos seus serviços. Depois de muitos requerimentos, se lhe fez a mercê pela a metade. O Magalhães, que teve o despacho por injúria, e era de coraçaõ pouco soffredor, elle se desnaturalisou voluntario por instrumentos públicos; passou para Castella; offereceo-se a servir ao Rei Carlos com o Astronomo Rodrigo Faleiro, que levou na sua companhia: e no Cardeal Ximenes, genio bem conhecido na Historia, que entaõ era primeiro Ministro de Hespanha, encontrou o acolhimento, que elle sabia fazer a todos os homens, que entendia poderiaõ contribuir para os interesses da sua Patria, para a glória do seu Rei, e para se fazer célebre em proteger.

Era vulg.

Os dous monstros Lusitanos Magalhães, e Faleiro, ao contrario do Cardeal Ximenes, pérfidos ao Rei, que sempre deviaõ servir, tyrannos com a Patria, pela qual deviaõ morrer; elles intentaõ ser origens de huma guerra fatal entre duas Potencias visinhas, e

Era vulg. amigas, entre dous Principes alliados com os vinculos do parentesco mais estreito. Já havia muito tempo, que entre os Reis D. Joaõ II., e Fernando, o Catholico, com approvaçaõ do Papa Alexandre VI., que mediára nas convenções, estavaõ ajustados os limites das conquistas de Portugal, e Castella. Agora porém, nas primeiras conferencias, os dous Portuguezes trahidores pelas suas dimensões geograficas, e astronomicas, respectivas ás Indias Orientaes, e Occidentaes, a que o odio, e a paixaõ lançava as linhas, e formava os triangulos, e angulos, que as leis da Historia me daráõ licença para dizer tinhaõ mais de agudos, que de rectos; elles persuadiraõ ao Rei Carlos, e ao Cardeal Ximenes, que as Molucas pertenciaõ a Castella, e que o Rei D. Manoel lhas usurpava, sem ter para as dominar mais titulo, que a sua posse injusta.

Bem informado o Cardeal das conferencias, que se tiveraõ com os dous Portuguezes, (foraõ no anno passado

de

de 1518) elle as propoz ao Presidente do Conselho de Indias, para que o mandasse convocar, e nelle aquelles dous homens fossem ouvidos. Nesta Assembléa se apuráraõ os dous trahidores, em aprofundar a essencia das materias, que elles até entaõ simplesmente tinhaõ referido. Depois de fazerem crêr, que o dominio das Molucas pertencia a Castella, elles mostráraõ haver descoberto para ellas hum novo rumo muito mais breve, que o da India, e da China: rumo, que corria pela cósta do Brazil ao Rio da Prata, sem o perigo de montar o Cabo de Boa Esperança. O conselho circunspecto, e reflexivo, parava na consideraçaõ das grandes despezas necessarias para o novo descobrimento. O Magalhães se esforçava a movello com as próvas de quanto eraõ mais avultadas as ganancias, que D. Manoel tirava do Commercio das Molucas; encarecendo além destes interesses, os que se seguiriaõ do trato nas Regiões de Panama, e do golfo de S. Miguel, aonde era infinita a fecundidade na pro-

Era vulg.

Era vulg. ducçaõ do ouro, e das pedras preciosas.

Quando Magalhães, e Faleiro assim se conduziaõ em Castella, D. Manoel em Portugal se aconselhava sobre o modo, com que se devia haver com os dous trahidores; e o célebre Mathematico Pedro Nunes trabalhava em contrapôr aos seus outros juizos geograficos. Nos Conselhos, que El-Rei teve em Sintra sobre os avisos, que de Castella lhe mandava o seu Embaixador D. Alvaro da Cósta, todos os votos se conformavaõ, em que Fernaõ de Magalhães, e Rodrigo Faleiro se mandassem recolher ao Reino, assim para impedir as controversias, que elles fomentavaõ, como para evitar com o seu exemplo, que outros vassallos benemeritos fizessem o mesmo, que elles. D. Fernando de Vasconcellos, Bispo de Lamego, que foi Arcebispo de Lisboa, depois de ouvir os pareceres referidos, accrescentou: Que lhe parecia bem mandar-se recolher a Fernaõ de Magalhães; mas que havia ser para El-Rei lhe fazer grandes mercês, ou pa-

para lhe mandar tirar a vida; porque de outra maneira naõ se devia conservar em Portugal homem semelhante.

Era vulg.

Pedro Nunes com o seu vasto saber teve a vantagem de derrotar com demonstrações sólidas, quanto os dous intrigantes forjavaõ em Hespanha com ellas apparentes. Fez vêr Pedro Nunes, que da embocadura do rio Indo até Lisboa haviaõ 80 gráos: que do mesmo rio até aos ultimos confins das Molucas para a parte Oriental, se contavaõ 42 gráos: que elles, juntos aos 36 gráos de extensaõ de Lisboa até ao Occidente, faziaõ a conta de 168 gráos: que como o globo da terra, e do mar tinha de circunferencia 360 gráos, e como para chegar ao Meridiano posto por limite ás conquistas dos Reis de Portugal, e Castella, faltavaõ para descobrir 12 gráos, que compunhaõ o valor dos 180 gráos, que fazem justamente ametade dos 360 da circunferencia do globo repartido pelos dous Soberanos; que por este cálculo ficava evidente, como os Portuguezes tinhaõ di-

Era vulg. direito de deſcobrir debaixo deſtes doze gráos as terras, que eraõ habitadas; e que ſem fazerem injuſtiça aos Reis de Caſtella, nem a algum dos outros Principes da Europa, elles a juſto titulo ſe podiaõ dizer donos, e poſſuidores dos Paizes, que houveſſem deſcoberto.

Fazendo vã-guarda deſta demonſtraçaõ, o Embaixador D. Alvaro da Coſta atacou com ella ao Rei Carlos para lhe deſtruir as eſperanças vagas, que os trahidores Portuguezes o haviaõ feito conceber. Elle lhe ajuntou as melhores próvas, de que os intentos daquelles pérfidos eraõ derrotar com promeſſas intereſſantes na apparencia a boa harmonia eſtabelecida entre as duas Coroas: Que hum Principe do ſeu caracter naõ devia dar ouvidos a homens de eſpiritos taõ perverſos, que para moverem calamidades á propria Patria, e ao Rei natural, deſte ſe fingiaõ aggravados, daquella offendidos, como ſe o Rei, e a Patria podeſſem offender, e aggravar os filhos, e os vaſſallos de modo, que elles chegaſſem a ſer infiéis

fiéis a hum, trahidores á outra. Esta representaçaõ fez no espirito illuminado do Rei Carlos tanta impressaõ, que principiou a desgostar-se do Magalhães. Pelo contrario, os do seu Conselho estavaõ taõ longe destes sentimentos, que o chegáraõ aos termos de naõ poder resistir ás suas persuasões, e conveio em que se contribuisse com os meios para a execuçaõ das tentativas de Magalhães, e Faleiro.

Era vulg.

Cinco navios se pozéraõ promptos para os dous argonautas, que viéraõ embarcar-se a Sevilha, aonde o Faleiro, ou accusado da consciencia, ou por indispoziçaõ da natureza, enlouqueceo, e em poucos dias perdeo a vida. O Magalhães com authoridade ampla partio só a encontrar destino semelhante na viagem das novas terras, e regiões, que nunca víra; de que a outros dos seus exploradores naõ ouvíra noticias; que elle pretendia achar com a luz das suspeitas, e das idéas, huma empreza ardua, a que o estimulava hum animo grande todo occupado, por huma parte da desesperaçaõ,

pe-

Era vulg. pela outra dos desejos da vingança contra o seu Rei.

Elle sahio do porto de Sevilha no dia 10 de Agosto do anno, em que fallamos; dirigio a sua derrota pelas Ilhas Canarias; dobrou o Cabo Verde; engolfou-se entre o Meio-Dia, e o Poente; correo a cósta do Brazil, até ir tocar huma terra situada mais de vinte gráos além da Linha Equinoccial, que elle fez chamar a terra dos Gigantes, por causa da grandeza enorme dos seus habitadores. Depois de hum anno de navegação, em Setembro de 1520 Magalhães descobrio hum novo Cabo, que nomeou das onze mil Virgens, donde foi parar ao Estreito até então incognito, com quasi cem legoas de comprimento, e de largo apenas duas; Estreito formidavel, hoje conhecido com o nome do temerario Magalhães, que se determinou a rompello por huma bocca para entrar pela outra na vastidão do mar do Sul. Aqui lhe pereceo atacada de hum frio espantoso a maior parte dos

sol-

soldados, e marinheiros mettidos em Era vulg.
clima taõ estranho.

Vencido o trajecto formidavel do estreito á custa de tanta mortandande, ella obrigou o Magalhães a tomar o rumo do Equador para a gente respirar huma aura mais benigna, hum ar mais doce; para lhe buscar alimentos, que reparassem os damnos causados pela corrupçaõ daquelles, que até entaõ em vez de a nutrirem, a matavaõ. Trabalhos taõ penosos, e taõ longos, necessidades pouco para soffridas, de tal sórte irritáraõ a mesma gente, que a vida do Magalhães esteve em termos de ser victima do furor dos sediciosos famintos. Já elle se servia menos da authoridade, que da brandura para applacar os espiritos, e discorrendo expedientes saudaveis, destacou hum dos navios da Fróta para andar pelos pórtos, que o podessem fornecer de viveres. O Commandante sem se embaraçar com as ordens do Magalhães, fez força de véla para Hespanha, aonde chegou a salvamento com oito mezes de viagem.

Ma-

Era vulg.

Magalhães cançado de esperar por quem naõ vinha, suppoz o navio naufragado, e continuando na temeridade, se fez ao mar para se metter debaixo do Equador, aonde elle sabia, que estavaõ situadas as Molucas. Depois de correr engolfado 1500 legoas sem vêr terra, apparecèraõ pela sua frente algumas Ilhas; e elle encostando-se entaõ para o Nórte, ferrou a de Zubu no mar das Indias: Ilha fertil, bem povoada, aonde os homens recobráraõ os espiritos, e no Magalhães revivêraõ as esperanças de chegar ao fim dos seus designios. Ellas lhe duráraõ bem pouco; porque tomando partido na guerra, que Hanabar, Rei desta Ilha, tinha com Calpulapo, Rei da Ilha de Mataõ, huma das Filippinas, pela demasiada confiança no seu valor, o memoravel Fernaõ de Magalhães com muita da sua gente morreo desgraçadamente ás mãos dos Barbaros, verdugos da sua infame perfidia.

Assim acabou este Portuguez infiel, digno de memoria eterna, dos louvores dos heróes, de hum lugar distin-

cto no templo da honra, se elle fazendo-se surdo ás vozes do seu interesse particular, naõ houvesse sacrificado os públicos do seu Rei, e da sua Patria ao serviço de hum Principe estrangeiro. Do que resta desta expediçaõ, que daqui em diante só pertence a Castella, naõ direi mais que das cinco náos, que sahíraõ de Sevilha unicamente duas chegáraõ á Ilha de Tidoré, huma das Molucas: que destas no anno de 1522 entrou em Sevilha a célebre Victoria, taõ decantada no mundo: que a outra depois de muitas aventuras, surgindo destroçada entre as Ilhas de Doy, e Bathechina, sabendo que estavaõ os Portuguezes em Ternate fazendo huma Fortaleza, os seus Officiaes pedíraõ a nossa protecçaõ, e a achåraõ taõ prompta, que Antonio de Brito, Governador da Fortaleza, fez conduzir toda a tripulaçaõ para Ternate, donde passou para a India, e nas nossas náos se recolheo a Hespanha, tratada com as delicadezas da hospitalidade.

Era vulg.

LI-

LIVRO XLII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Dos successos de Africa neste anno de 1519.

Era vulg. 1519

NO mesmo tempo, em que Fernaõ de Magalhães trabalhava para arrancar das mãos do seu Rei, as conquistas, que lhe pertenciaõ, os nossos Commandantes das Praças de Africa reparavaõ a perfidia do seu patricio com heróicos feitos, que sublimassem a reputaçaõ do mesmo Rei. Entre elles se distinguia nas gentilezas D. Alvaro de Noronha, que governava Azamor, e occupava lugar brilhante entre os heróes do seu tempo. O seu genio incansavel para naõ dar socego aos Mouros, os trazia em hum rebate contínuo. Nos successos do anno passado referimos nós, como elle captivára ao célebre

Na-

Nazer: successo, que alguns dos nossos Chronistas põe neste anno de 1519, a 9 de Fevereiro. No Março seguinte tornou D. Alvaro a devaçar doze legoas de terra no Paiz, que chamaõ a Enxovia; e acomettendo os Aduares mais bem povoados, com partido muitas vezes desigual, matou vários Mouros, prendeo 382, tomou 5000 cabeças de gado. A 25, a 28, e a 30 do mesmo Março fez o infatigavel D. Alvaro outras tres entradas com vantagens semelhantes á primeira, que se pela glória lisonjeaõ, pela repetiçaõ enfastiaõ.

Era vulg.

Mas naõ será justo esquecer, que em huma destas expedições, fizemos prisioneiro a hum Official Mouro com mais de cem annos de vida. A idade, o merecimento pessoal, o ar veneravel deste velho Official merecêraõ as attenções do nosso Chéfe, que quiz dar-lhe o gosto de vêr o modo, com que os Portuguezes assaltavaõ huma Praça. Elle o levou ao ataque da Villa de Siner na ultima das tres expedições referidas, aonde o Mouro atonito de vêr obrar os

Por-

Era vulg. Portuguezes, desejava involver-se com elles, e entrar no número dos sitiadores. Detiveraõ-lhe os impulsos os deveres da sua honra; mas nada lhe pode suspender os applausos do nosso valor, quando elle vio, que depois da mais vigorosa resistencia, os Portuguezes levavaõ a Praça de assalto sem a perda de hum só homem.

As gentilezas de D. Alvaro de Noronha eraõ bem imitadas pelo seu Adail Vasco Fernandes Cesar. Em observancia das ordens do seu Chéfe, sahio elle a correr o campo da Enxovia, aonde insultou aos Barbaros dentro das suas mesmas trincheiras; cortou-os em póstas, e devastou a campanha. Ao estrondo das desgraças acudiaõ os Mouros a multiplicallas; e agora em grande número, rodeando a Vasco Fernandes, presumíraõ subprendello. Aos primeiros golpes da sua espada fugio a cavallaria; mas a Infantaria, que naõ a pode seguir, foi forçada a retirar-se a huma Mesquita, aonde se entrincheirou, como pode, para fazer huma defensa bisarra. Os Portuguezes a entráraõ,

raõ, e nos lugares eſtreitos das ſuas varandas, e ſoteas de tal ſórte ſe confundíraõ com os Mouros, que naõ podéraõ ſervir-ſe de mais armas, que as adagas, e os braços. Aqui foi igualmente incrivel a fúria, e a mortandade: todos os Mouros, que naõ ficáraõ coſidos a punhaladas, foraõ arrojados das varandas aos abraços, que os fizeraõ rebentar na quéda.

Era vulg.

Eſta acçaõ mereceo a Vaſco Fernandes ſer chamado á Corte para ſe lhe conferir o emprego de Chéfe da Armada do Eſtreito, com que obrou outras naõ menos glorioſas. Depois della ſahio D. Alvaro a atacar a fórte Villa de Umbre ſituada na eminencia de hum monte, e banhada de hum rio. Naõ a pode levar no aſſalto por eſcadas; mas rompendo as pórtas a golpes de machado, entrou peleijando, e vencendo. Muitos dos Mouros ſe arrojáraõ ao rio para naõ perderem a liberdade; outros foraõ paſſados á eſpada; captivos 250; nós naõ tivemos nem hum ſó morto, e poucos feridos. Nos Aduares de Tamarrocos fez D. Alvaro outras impor-

tan-

Era vulg. tantes prezas, e quando ſe recolhia com ellas, huma noite o ataca grande número de cavallos, e infantes. Eſte foi o lance, em que D. Alvaro eſteve quaſi perdido entre a multidaõ, a eſcuridade, e a deſordem. Depois de duas horas de aperto, a claridade da Lua fez vêr a D. Alvaro o ſeu perigo, que ſó podia vencer o esforço.

Retirar, e acometter eraõ os meios, que elle arbitrou para ſe ſalvar. Em hum deſtes repelões com a lança enriſtada atraveçou hum Mouro. Outro lhe deo tal golpe no morriaõ, que o deitou a terra ſem acordo. Acudindo-lhe Vaſco Fernandes Ceſar, e o alentado Martim Gil, recobrados os ſentidos, montou em outro cavallo, e continuou a meſma fórma de combate; Joaõ de Freitas cobrindo a reta-guarda, Vaſco Fernandes fazendo voltas faces; com tal fortuna, que degollados 200 Barbaros, entrou com 40 captivos em Azamor ſem perder hum homem. Encheo-ſe a Mauritania de terror com a fama deſta retirada, que convidou muitos Mouros para virem vêr a D. Alvaro, como

a

a hum milagre do valor; e forçou ain- Era vulg.
da aos mais rebeldes para se sobmette-
rem ao jugo de Portugal.

De igual perigo, e naõ menos cre-
dito foi a invasaõ, que na poderosa Al-
dêa, chamada dos Negros, fizeraõ uni-
dos os dous Commandantes de Arzila,
e Tangere D. Duarte de Menezes, e
D. Joaõ Coutinho. Ella havia ser sub-
prendida na noite; mas errando o ca-
minho, e chegando já dia claro á Al-
dêa, ainda que a ganháraõ, foi á cus-
ta de sangue, e das vidas de Fernaõ
Coelho, Alcaide-Mór de Arzila, e de
dous Cavalleiros distinctos de Tangere.
Na retirada foi muito maior o perigo
pela multidaõ dos Mouros, que sahia
a cortar-lhes os caminhos, a rodeallos,
a investillos em todos os lugares, que
o podiaõ fazer com vantagem. Ainda
que na repetiçaõ dos combates perde-
mos alguma gente; ainda que nelles
deixáraõ as vidas Alvaro Vaz, Fidal-
go honrado de Tavira, o Contador Pe-
dro Lopes de Azevedo; e que D. Joaõ
Coutinho por muitas vezes correo o
mesmo risco; foi taõ grande a nossa

Era vulg. corage, e o nosso acordo, que com assombro dos Barbaros nos recolhemos sem largar as prezas, nem a reputaçaõ das armas.

Quizera D. Manoel Mascarenhas fazer mais plausivel esta acçaõ medindo as armas com o célebre Mouro Aroáz, que era conhecido pelo seu valor. Havida licença do Conde D. Joaõ Coutinho, seu cunhado D. Manoel sahio com sessenta cavallos, acompanhado dos valerosos Pedro de Menezes, Luis Valente, Antonio Coutinho, e Artur Rodrigues, a fazer diligencia pelo encontro com Aroáz. Se elle entaõ naõ achou a quem buscava, em huma das Aldêas de Benamaréz foi muito bem recebido por dous córpos de cavallaria, e infantaria, que o seguíraõ. Como evitar a peleija era impossivel, D. Manoel queria fazer com que os Mouros passassem huma ribeira para entaõ os atacar. O bravo Pedro de Menezes vendo-o occupado nesta diligencia lhe disse: Se havemos ir a elles daquelle lado do ribeiro, porque naõ vamos já deste? A resposta de D. Ma-

Manoel fez picar o cavallo com tanta força, que rompeo até ao centro do Esquadraõ dos inimigos, aonde o generoso bruto cahio atravessado de vinte lançadas.

Era vulg.

Os braços dos quatro valentes acima nomeados salvárað a D. Manoel intacto das mãos do perigo; e os mais Portuguezes se conduzíraõ com tanto valor, tendo já na frente ao seu Capitaõ montado em outro cavallo, que lançando-se aos Barbaros, como tigres indómitos, degolláraõ 76, captiváraõ 42, e sem faltar algum delles, entráraõ na Praça cobertos da glória devida ás façanhas naõ vulgares. Se neste encontro D. Manoel Mascarenhas naõ teve a fortuna de se avistar com Aroáz, poucos dias depois pagou elle com a vida os damnos, que nos fizera valeroso. Veio Abrahem, Rei de Féz, com 30000 cavallos correr os campos de Arzila, e trouxe comsigo a Aroáz. Elle se pôz á vista do lugar, aonde estava D. Joaõ Coutinho com a sua gente sem a investir. Desparou-se no nosso campo hum arcabuz, e a sua balla dei-

 tou

Era vulg. tou Aroáz morto aos pés do Rei. Disse-se, que hum Pedro Alvares, official de çapateiro, que no mesmo dia acabou ás mãos dos Mouros com mórte semelhante, fora quem apontára taõ acertado tiro.

D. Nuno Mascarenhas em Çafim naõ tinha ociosos o valor das armas, e as dexteridades da sua politica sobre os Mouros de Garabia. Estes Barbaros tinhaõ ajustado a paz com os Portuguezes, e elles mesmos por huma das suas costumadas perfidias, estiveraõ em termos de a romper: huma perfidia, que para a expiarem entendêraõ dous Mouros, prezados de illuminados, que elles o conseguiriaõ, se déssem a mórte a hum Capitaõ do Rei de Féz, que estava na Garabia, fazendo-o author da mesma perfidia para desculparem a sua Naçaõ. Elles obraõ o que pensaõ: com esta mórte applacaõ a D. Nuno, que se satisfazia antes de introduzir o temor no espirito dos Barbaros, do que irritallos com a severidade do castigo. Boa idéa, se os Mouros soubessem entendella; mas persuadidos, que a fa-

ci-

cilidade dos Portuguezes em perdoar crimes, que estavaõ muito além do perdaõ, nascia, ou do temor, ou dos interesses, que tinhaõ na sua amizade; elles tiveraõ a confiança de pedir a D. Nuno premios exuberantes em recompensa da mórte, que haviaõ dado ao velho Official do Rei de Féz. D. Nuno á vista do abuso, que os Mouros faziaõ da sua condescendencia, lhes respondeo sevéro: Que elle bem os premiava em lhes consentir, que cultivassem as suas terras para terem, que comer.

Era vulg.

Picados desta resposta os Barbaros, elles se confederáraõ com hum Mouro poderoso, chamado Olet Ambraõ, e com elle incorporados no sitio das Salinas entráraõ a incommodar os moradores de Dabida, que eraõ nossos alliados. D. Nuno informado, e sentido deste excesso dos de Garabia, que occupavaõ com Aduares, com 250 cavallos para cobrirem alguma infantaria, marchou a Dabida, para onde fizera avançar o seu Adail. Este por huma parte, e D. Nuno por outra, atacáraõ dous

Era vulg. dous dos primeiros Aduares, passárão 300 Mouros á espada, captivárão oitenta, os mais fugírão para o campo de Roduão, aonde estava Olet Ambrão com o grosso das suas forças. Depois da victoria, alguns destes rebeldes se submettêrão, e pedírão a paz, outros buscárão a protecção do Xerife, que residia em Mizquella, vinte legoas distante de Çafim.

O bravo Mascarenhas, que desejava acabar esta guerra, e affogar entre os Mouros as sementes da rebelião, determinou-se a atacallos poucos dias depois da primeira victoria. Para disfarçar os seus intentos, e cobrillos aos mesmos Mouros alliados, convidou aos seus Chéfes para hum entretenimento na Praça: antes delle acabado, sahio com 260 cavallos, alguma infantaria; mandou fechar as pórtas; para não ser sentido marchou por serranias, e pantanos intractaveis, combatendo os leões, e outras féras, até ir dar a huma Mesquita, aonde ordenára se ajuntasse toda a sua gente. Aqui soube pelos batedores do campo o lugar, onde

de acampavaõ os Barbaros, e fez avançar a *Braz* da Silva com cem cavallos, e outros tantos Infantes á garupa para os observar, e elle lhe foi seguindo a marcha no maior silencio da noite. A luz da manhã mostrou a Braz da Silva o campo contrario, que elle investio com esforço muitas vezes superior ao número das trópas, que commandava; matando, ferindo, mettendo em desordem, até chegar D. Nuno, a quem fez aviso, de que já andava ás mãos com os Barbaros.

Era vulg.

Quando chegou D. Nuno já a campanha era hum theatro de horrores, mórtos de huma, e outra parte os mais alentados; feridos com tres grandes cutiladas Braz da Silva; no mesmo estado D. Garcia de Eça com o cavallo perdido; o mesmo Joaõ da Nova, que morreo pouco depois; o mesmo Nuno Furtado, e o filho de Joaõ Fernandes de Magalhães; o mesmo em fim outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros de conhecido valor: espectaculo de feridos, de agonisantes, de mórtos, que desafiou toda a corage de D. Nuno Masca-

Em vulg. carenhas para obrar pelas suas mãos acções incriveis. Ao seu exemplo os mais Portuguezes se assignaláraõ, naõ só em façanhas das menos vulgares, mas em actos de valor os mais sublimes. Com hum bravo Mouro se atacou em duélo particular hum criado de D. Nuno, e rotas as armas, a braços vieraõ ambos a terra com fúria taõ igual, que para nenhum vencer, ambos se matáraõ. Os dous córpos cançados da duraçaõ da peleija, do horror da mortandade, se retiráraõ em fórma, e no dia seguinte D. Nuno triunfante entrou em Çafim com muitos captivos, e ricos despojos. O crédito desta acçaõ obrigou todos os Mouros da Garabia a pedirem a paz, a submetter-se ao nosso Imperio, a dar refens, a pagar os tributos, promettendo para o futuro exacta fidelidade.

CAPITULO II.

Trataõ-se os successos da India no anno de 1520, e alguns de Africa pelo mesmo tempo.

NÓS deixamos ao Governador da India, Diogo Lopes de Siqueira preparando a grossa Armada, com que havia passar ao mar da Arabia, bater no Estreito as náos dos Turcos, conquistar a Cidade de Judá, entregar na Ilha de Maçua ao Embaixador Mattheus, que o Preste João mandára a Lisboa, e com elle outro, que o Rei D. Manoel enviava ao mesmo Principe: expedições, que nada tiveraõ de vantajosas, nada de consequencia além da entrega dos referidos Embaixadores, e ajustes de amizade entre os dous Soberanos. Com vinte, e seis náos, em que embarcáraõ dous mil Portuguezes, e mil Malabares, partio Diogo Lopes para as paragens do seu destino, destacando alguns dias antes a Antonio de Saldanha com cinco náos, para descobrir os mares,

Era vulg. 1520

Era vulg. res, e encontrando inimigos esperallo no Cabo de Guardafu para se unir á sua conserva. Do Governo da India ficou encarregado D. Aleixo de Menezes, e no dia 13 de Fevereiro a Armada se fez á véla para o porto de Mete, além do dito Promontorio, aonde encontrou a Antonio de Saldanha, que disse ao Governador, como no porto de Judá naõ haviaõ mais de seis galéz Turcas, mas que cada dia vinhaõ concorrendo trópas para aquella Cidade com o designio de tomar todas as avenidas, que conduziaõ para a de Adem.

Favoravel era a conjunctura para os nossos projectos, senaõ se lhes oppozesse a contrariedade dos Elementos. O Governador quiz prevenir os dos inimigos pelo que respeitava a Adem; e ir atacar as galéz no mesmo porto. Querendo lançar ferro no daquella Cidade, a sua capitanea varou sobre huma rocha, aonde se fez em pedaços, salvando-se a gente; mas perdendo-se a maior parte dos materiaes, e toda a artelharia destinada para a Fortaleza de Maçua, que El-Rei mandava fundar.

Do

Do nome desta náo, que tinha a invocaçaõ de Santo Antonio, e em memoria do seu naufragio ficou o mesmo nome ao Cabo, aonde ella se perdeo. Esta infelicidade obrigou o Governador a navegar logo para Maçua: Ilha, que pertencendo ao Preste Joaõ, e aonde o Governador determinava saber, se Mattheus era hum impostor, como diziaõ os inimigos de Affonso de Albuquerque, ou verdadeiro Ministro daquelle Principe mandado a El-Rei D. Manoel: os moradores com medo da nossa Armada a abandonáraõ, e se recolhêraõ para a Villa de Arquico. Era vulg.

Como os ventos contrarios, as repetidas tormentas faziaõ passar a mouçaõ para os designios principaes, o Governador partio para aquella Villa com o destino de se dar a conhecer, de entregar os Embaixadores, de celebrar o Tratado de Alliança entre o Rei D. Manoel, e o Preste Joaõ. O Commandante da Praça sabendo que a Armada era Portugueza, e que nella vinha o Governador da India, o mandou visitar a bórdo com grande cópia de refrescos,

com

Em vulg. com obſequios civís, como marcas de amizade mais eſtreita. Elle as retribuio com outras naõ menos officioſas, e com hum Eſtandarte, que tinha gravada a Santa Cruz, e que elle veio receber á praia com a guarda de dous mil homens. Apenas elles víraõ tremolar o Labaro da Redempçaõ, todos proſtrados por terra, acclamáraõ a Jeſus Chriſto, e diziaõ, que já eſtavaõ vendo cumpridas as Profecias dos ſeus Varões antigos, ſantos, e adoraveis, que prediſſéraõ, como de regiões remotas havia vir ás ſuas praias huma Naçaõ Chriſtã, que arvoraſſe nellas a Cruz, em que reinára Deos; o Madeiro, aonde ſe pregára a eſcritura infame da dívida, que contrahíra o Genero Humano no tronco de outra arvore.

Aqui ſoube Diogo Lopes como Mattheus era verdadeiro Embaixador do Preſte Joaõ: Varaõ naquelles Póvos taõ reſpeitado, que além de ſer recebido com o maior alvoroço, corriaõ todos a elle banhados em lágrimas de alegria, lhe beijavaõ a maõ, e o honravaõ

vaõ com o distinctivo de Pai: demonstrações, que a Providencia teve guardadas até aquelle tempo para qualificar á memoria posthuma do grande Affonso de Albuquerque, que a malicia dos seus emulos calumniára com mordacidade indisculpavel. Em fim, a vista deste Embaixador depois de déz annos de ausencia; a chegada dos Portuguezes, de quem os Abexins tinhaõ concebido huma alta reputaçaõ, metteo aquelles Póvos em alvoroço plausivel: hum alvoroço, que trouxe á Villa de Arquico a Barnegaes, grande Senhor, Abexim, dos primeiros Officiaes do Imperador, para admirar os Portuguezes, para ter a complacencia de vêr a Mattheus, que vinha de outro mundo.

Era vulg.

Em quanto naõ chegava este Fidalgo, Diogo Lopes permittio que Pedro Gomes Teixeira penetrasse o Paiz, e naõ longe de Arquico entrou em hum grande Mosteiro de Anacoretas veneraveis, que o recebêraõ com todas as evidencias de huma verdadeira, e delicada caridade. Elle admirado da sua

Era vulg. penitencia, da vida penosa, da sua frugalidade moderada, lhes perguntou, porque naõ reconheciaõ a Igreja Romana, Mãi Universal do Orbe Christaõ? Elles lhe respondêraõ, que ao Summo Pontifice, grande Sacerdote, Vice-gerente de Deos na terra, rendiaõ o respeito, a reverencia, a adoraçaõ mais profunda; mas que por todas as partes rodeados de Turcos, e de Mouros, que lhe impediaõ a jornada de Roma tanto por elles appetecida, viviaõ no mundo conhecendo aquelle Chéfe Supremo, como senaõ o conhecessem, com huma ignorancia quasi total das suas funções principaes, da sua authoridade, do seu ministerio. Pedro Gomes edificado da sinceridade dos Anacoretas, e sentido do que lhes acabava de ouvir, os consolou com as esperanças, que em todas as partes da terra saõ a consolaçaõ dos pobres, e o refugio dos mal affortunados.

Chegou a Arquico o Barnegaes escoltado por hum grande número de trópas, que formou na praia, aonde desembarcou Diogo Lopes com 600

Por-

Portuguezes luminosos, e brilhantes, levando o Embaixador Mattheus ao seu lado. Aquelle Principe tratou a Diogo Lopes, e a sua gente com as demonstrações da maior honra: juráraõ sobre huma Cruz a amizade, e alliança perpetua entre os seus Soberanos respectivos: Diogo Lopes lhe pedio as providencias necessarias para enviar á Corte de seu Amo ao Embaixador Mattheus, e na sua companhia a D. Rodrigo de Lima, que El-Rei D. Manoel lhe mandava com o mesmo caracter: expediçaõ, que o Principe Barnegaes encarregou ao Governador de Arquico, que a executou officioso, e pontual. Mas havendo andado 18 legoas, D. Rodrigo de Lima teve o desgosto de lhe morrer o seu companheiro Mattheus, que deixou sepultado no Mosteiro de Bisaõ, e foi seguindo a sua jornada para a Corte da Ethiopia com a sua comitiva; embaixada, que servio de assumpto a Francisco Alvares, para compôr hum livro inteiro, em que refere, quanto ha de memoravel na vasta extensaõ dos Estados da Abyssinia.

Era vulg.

O

Era vulg.

O Governador Diogo Lopes, tendo concluido esta parte da sua commissaõ, se fez na volta da Ilha de Dalaça, que reduzio a cinzas por ser habitada de Mouros, e partio para Ormuz. No caminho ferrou o porto de Calaiate, aonde se encontrou com a Esquadra de Jorge de Albuquerque, que invernára em Moçambique, e viéra em sua demanda até ao Cabo de Guardafú; mas naõ o achando, navegava para Ormuz. Ambos chegáraõ a esta Cidade, já resoluto o Governador em se recolher á India, sem que até hoje saibamos os motivos, que elle teve para naõ ir atacar a Cidade de Judá, que entaõ era facil render; nem se deixou de o fazer por causa das tormentas, que o combatêraõ; se por presumir, que a sua posse era inutil ao dominio de Portugal; se outras considerações o impedíraõ, sem se lembrar, de que huma Armada taõ bella, preparada com taõ grande despeza, viéra da India á Arabia restituir ao Preste Joaõ hum Embaixador, e mandar-lhe outro, como se manobra semelhante tivesse na-

da

da de commum com os interesses do Estado. O certo he, que Diogo Lopes partio de Ormuz para a India com a esperança de conquistar Dio; satisfeito com aprezar no caminho duas náos de Mouros, que teve por presagio feliz da imaginada conquista.

Era vulg.

Fernaõ Martins Evangelho, que estava naquelle porto, desfez as esperanças do Governador, asssegurando-lhe que naõ obstante Meliqueáz estar fóra de Dio occupado na guerra, que o Rei de Cambaya trazia com os Reubutos, elle deixára na Praça a seu filho Melique Saca encarregado a hum sábio General, seu parente; e que nella havia taõ grossa guarniçaõ, tanta abundancia de munições, e viveres, no porto tanta quantidade de embarcações de todos os lotes, que elle naõ poderia emprehender a conquista de Dio sem o risco evidente de se perder. Esta simples informaçaõ, naõ só suspendeo no Governador toda a acçaõ; mas o fez mudar as idéas de conquistador em cumprimentos de civilidade para com Melique Saca: exagerando tanto

Era vulg. o sentimento de naõ encontrar seu Pai em Dio para lhe render obsequios officiosos, que o fingimento occupasse toda a praça apparente de huma amizade verdadeira. O Governador se fez á vela para Cochim, aonde chegou no fim de Agosto, e nesta Cidade achou a Jorge de Brito, que trouxéra este anno do Reino nove náos, e fizera a viagem de Lisboa com maior felicidade, que elle a do mar da Arabia.

Mas se huma Frota taõ bem esquipada nada conseguio de vantajoso neste mar, sirva de entretenimento na Historia a gentileza de dous irmãos Portuguezes em Ceuta contra outros dous irmãos Mouros Cossarios de Tetuaõ. Estes Barbaros valerosos, commandando cada hum sua fusta bem armada, infestavaõ com graves damnos as cóstas entre Ceuta, Larache, Gibraltar, e Barbaçote. Ceuta era entaõ governada por Gomes da Silva, e Vasconcellos, Pai de André, e de Miguel de Vasconcellos, que foraõ encarregados de buscar em dous brigantins aos cossarios attrevidos. O Miguel, que

par-

partio primeiro, se encontrou com huma das fustas, e a abordou. Os Mouros, que eraõ muitos, e valentes, entráraõ o brigantim, e obrigáraõ os Portuguezes a metter-se debaixo da cuberta. Miguel da Silva com parte da sua gente cortou os arpeos, lançou-se aos Mouros, e alimpou o convéz. Os escondidos sahíraõ do refugio com outro animo, e a toda a voga vaõ sobre a fusta. Travou-se huma gentil peleija, em que morreo o Patraõ do brigantim, hum seu filho, hum seu sobrinho, e ficou mal ferido o alentado Pedro Vieira. Quatro Mouros destemidos tornaõ a entrar no convéz. Miguel da Silva os investe com huma lança; atravessa pela garganta hum, que era o Capitaõ da fusta, e aos tres obrigou a voltar as caras para salvarem as vidas. Nesta figura estava o combate, quando appareceo o brigantim de André da Silva, que consummou a victoria, fazendo varar os Mouros em terra a pedirem misericordia a Gomes da Silva, que nella estava vendo obrar a seus filhos esta acçaõ bisarra.

Era vulg.

Era vulg.

A este successo se seguio outro com tanto de galante, quanto de valeroso. Naõ cessava o Rei de Féz de invadir os campos da nossa jurisdiçaõ, andando mais como pyrata ás prezas, que como soldado em busca da glória. Algumas acabára elle de fazer nos contornos de Tangere, e com o mesmo projecto passou aos de Arzila. Vivia entaõ nesta Praça Diogo Peres, homem vulgar, muito amado de todos pela sua singular probidade, que padecia huma queixa diuturna, e penosa, a que os Medicos applicáraõ por unico remedio alimentarse com a carne dos cágados. Sabendo que elle estava afflicto por lhe faltar a sua medicina, vinte Cavalleiros seus amigos, havida licença do Governador D. Joaõ Coutinho, sahíraõ a buscallos a hum rio de agua doce. Elles chegaõ; cravaõ na terra as lanças; tíraõ as sellas aos cavallos; despem-se nús com licença militar pouco delicada em pontos de modestia; huns lançaõ as redes á pesca; outros se banhaõ, e lavaõ os cavallos; brincaõ, e vaõ fazendo o dia de festa, toda a acçaõ de galhofa. O

Rei

Rei de Féz avisado pelos batedores, entende que este entremez era estratagema para occultar maior corpo de trópas escondido, que desafiava as suas, e destaca 400 cavallos, 200 para tomarem as avenidas da Praça, 200 para investirem a companhia dos nús.

Era vulg.

Estes se engolfárao tanto no seu divertimento, que nao ouvírao o tiro de canhao, com que da Praça os avisavao do perigo, nem sentírao o tropel da cavallaria, senao na contramargem do rio. O espectaculo de tantos Esquadrões espalhados pela campanha, nao lhes alterou a fleugma: Elles nús montao nos cavallos em osso, pegao das lanças, e já combatendo, já retirando-se, logo do principio levao o entremez ás pancadas. Vio-se em aperto Joao Martins, hum destes ridiculos aventureiros, cahido do cavallo sem lhe perder a redea, nao podia montallo, seguido do General Hamelix; mas o Mouro convertido Antonio Coutinho, que servia de Almocadem, atravessando hum Barbaro, que o buscava com a lança enristada, deo-lhe lugar para se pôr de ancas com

el-

Era vulg. elle, e continuáraõ a retirada. Com ella feliz sem perda de algúm chegáraõ ás pórtas de Arzila ornados da galla do valor brilhante os vinte nús a serem álvo da admiraçaõ; e do riso universal: hum riso, que se nos permitta dizer tinha algumas semelhanças com o de Sara, por parecer hum riso, que o Senhor fizera para elles; riso glorioso, memoravel, digno da lembrança da posteridade pela sua causa.

O Governador D. Joaõ Coutinho sahio a recebellos com tantos graciosos apopthegmas, que fez mais plausivel a solemnidade, concluindo: Vistamolos antes de entrarem na Praça, naõ succeda que as Donzellas, a quem elles servem, se tornem em Evas, vendo tantos Adaõs no estado da innocencia. Depois de derramar louvores immensos no valor de cada hum, especialmente no do Mourisco Antonio Coutinho para animar os mais a emprehenderem gentilezas semelhantes, a todos fez mercê, e os mandou vestir aceada, e ricamente á sua custa: Chéfe magnanimo, que se gloriava de ter ás suas ordens

dens homens taõ valentes, que sabiaõ mostrar-se criaturas da sua disciplina.

Era vulg.

Como tantos successos vantajosos em Africa se faziaõ estimaveis, nós, e os Castelhanos sentiamos que os pyratas de Tetuaõ nos inquietassem o gosto com a perturbaçaõ, que causavaõ no nosso respectivo commercio. Esta perturbaçaõ, movida pelos Barbaros, fez nascer em El-Rei D. Manoel o desejo de mandar edificar huma Fortaleza na embocadura do rio daquella Praça: empenho, para que o instava Carlos V. lembrando-lhe, que se para isso tinha algum inconveniente, lhe permittisse licença, que elle a mandaria fazer, e presidiar. D. Manoel, que tinha os mesmos intentos, mandou de Lisboa ao sempre memoravel D. Pedro Mascarenhas com oito navios sondar o canal da barra de Tetuaõ, vêr o lugar mais cómmodo para a Fortaleza, e que voltasse a informallo do que visse. Ainda que a occurrencia de muitos negocios impedíraõ a desejada obra, D. Pedro foi criado General das galéz, e galeões destinados para o Estreito,

e

Era vulg. e lançou ferro em Arzila, que governava D. Joaõ Coutinho, seu cunhado. Estes Fidalgos se divertíraõ com huma entrada, que fizeraõ pela fragosidade da serra de Benamarez, donde se recolhêraõ com captivos, e despojos na fórma do seu costume.

CAPITULO III.

Continuaõ os successos de Africa, e os da India no anno, que tratamos.

HUNS a outros se seguiaõ em Africa os actos de valor; porque sempre estava aberta a Aula de Marte, aonde se graduava de heroica a corage Portugueza. Entre outros acontecimentos bisarros, ainda que naõ de consequencia, he digno de lembrança o de huma caravella, em que navegava de Tangere para Arzila Antonia de Azevedo com tres homens capazes de usar das armas, que eraõ seus primos Joaõ Coelho, Alcaide-Mór de Tangere, Ayres Coelho, e o Piloto Antonio Grinaldo.

Hu-

Huma fusta de Tetuaõ a encontra, abordа-a, e lhe mette dentro oito Mouros. Os tres bravos mataõ a quatro, e fazem retirar os outros. Os da fusta, que só viaõ tres homens, o mais resto mulheres afflictas, fazem entrar na caravella mais de vinte, que tiveraõ a mesma sórte dos primeiros. Ás mãos dos tres morrêraõ déz, os outros se recolhêraõ, a caravella chegou-se á terra, aonde veio em pessoa D. Duarte de Menezes, que namorado de huma tal gentileza, levou a gente para Tangere. Naõ foi menos gloriosa a invasaõ, que fez D. Francisco de Castro, Governador do Castello de Santa Cruz no Cabo de Aguer, sobre Turocuco, Villa poderosa do Xerife, que rendeo, queimou, passou os Mouros á espada, e restituio a liberdade a muitos Christãos captivos.

Era vulg.

Na India o Governador Diogo Lopes havia mandado a Antonio Correa para Pegu; mas com ordem de naõ sahir de Malaca em quanto o Rei de Bintaõ estivesse sobre ella. Foi o Correa taõ feliz, que obrigou este Principe a le-

Era vulg. levantar o cerco; e depois de deixar a Praça bem fornecida, seguio a sua derrota. Com vento favoravel foi elle lançar ferro no porto de Martabaõ, situado na peninsula do Indo além do Ganges, donde enviou Antonio Pessanha á Corte de Pegu cumprimentar o seu poderoso Monarca. Este Principe o recebeo com grandes honras; acceitou agradavel o presente, que lhe offereceo; mandou na sua companhia a Martabaõ hum dos Sacerdotes summos, que em Pegu chamaõ Rolinos, e com elle hum dos primeiros Satrapas para firmarem com Antonio Correa o tratado de alliança com elle, e El-Rei D. Manoel. Entre magnificencias se celebrou esta ceremonia, e depois della ficáraõ taõ attendidos os Portuguezes, que passeavaõ, e gozavaõ os divertimentos de Martabaõ com tanta segurança, como se estivessem na Pátria. Tal foi a condescendencia dos de Pegu, que Antonio Correa naõ teve difficuldade para carregar a sua Fróta, que se compunha de cinco grandes náos, de muitos generos preciosos, especialmente

te mantimentos, com que proveo Malaca. Era vulg.

Ainda que esta alliança com Pegu nos fazia respeitaveis, parece que ella mesma estimulou os Mouros dos contornos daquella Cidade para perseguirnos. Os primeiros, que o intentáraõ foraõ os de Pacem, já dominados pelo usurpador Geinal, que sendo parricida abominavel do seu Soberano, lhe usurpou o Throno, e arrastado do odio, que tinha aos Portuguezes, degollou entaõ 25, que estavaõ naquella Cidade. Garcia de Sá, Governador de Malaca, taõ pouco se embaraçou com esta revoluçaõ de Pacem, que se resolveo a castigalla sem fadiga com o golpe mais sensivel. Elle ordenou a Manoel Pacheco, que com huma das melhores náos fosse impedir a entrada dos viveres em Pacem, especialmente a pésca dos seus moradores, de que tiravaõ o alimento quotidiano, até os fazer acabar á fome. Entretinha-se o Pacheco nesta fórma de bloqueio, quando para a sua gente lhe faltou agua. Manda elle a lancha á terra para se prover,

Era vulg. vêr, e encarregou esta empreza a cinco homens, que por serem de nascimento commum, naõ nos impede este erro da natureza, que os respeitemos por homens sublimes, e lhes refiramos os seus nomes dignos de memoria eterna.

Do primeiro, e mais alentado destes aventureiros naõ sabemos mais, que ser o barbeiro da náo, e os outros Antonio Pessanha, e João de Almeida, ambos de Alenquer, Antonio de Vera, do Porto, e Francisco Gramacho. Os mais eraõ remeiros da lancha, que de nada servíraõ no combate. Tinhaõ elles feito a sua aguada no rio Jacapari, quando de ambas as margens os assaltáraõ innumeraveis Barbaros, arrojando-lhes infinitas armas de arremeço. Por baixo desta nuvem se retiravaõ os perseguidos; mas naõ lhe servindo a maré, facilmente foraõ alcançados por huma de tres fustas, que lhes vinhaõ dando caça, guarnecida por cento, e cincoenta homens da Nobreza mais distincta de Pacem, commandados por Çudameci, bravo Capitaõ Jáo. Os nossos

ſos cinco heróes neſte aperto invocáraõ o auxilio efficaz do Redemptor, e ſe determináraõ antes a morrer peleijando, que a viver eſcravos. Era vulg.

Chegou a fuſta avançada. O esforçado barbeiro a ferra pela prôa; os quatro entraõ dentro, e começa hum dos combates mais viſtoſos, que ſem ſer fabula, ſe contaõ no mundo. Taõ enormes foraõ os golpes de quatro homens ſobre 150, que mórtos a maior parte delles, os outros ſe arrojáraõ a acabar nas ondas, ſendo o ultimo o Capitaõ Jáo depois de haver tirado a vida a alguns, que ſe fizeraõ ſurdos para a obſervancia das ordens. Diga Roma ſe vio deſtas gentilezas nos ſeus Fabios, Scipiões, e Marcellos. Os das outras fuſtas atonitos com eſte eſpectaculo monſtruoſo, cobertos de horror, e pejo voltáraõ as prôas para Pacem. Os noſſos rebocáraõ a fuſta rendida até a náo, e a trouxeraõ para Malaca, aonde Manoel Pacheco a mandou guardar defendida do tempo em lugar público para teſtemunho de dous milagres, hum da aſſiſtencia Divina, outro do valor hu-

Era vulg. humano. O Rei de Pacem abysmado do terror desta façanha incrivel, pedio a paz humilde, que Garcia de Sá lhe concedeo generoso.

Acabada deste modo a guerra com Geinal, intruso Rei de Pacem, o de Bintaõ a renovava em Malaca, quando Antonio Correa vinha da sua viagem de Pegu. Elle intentou castigar este nosso perseguidor inexoravel, conquistando-lhe a Cidade de Pado, e hum Fórte, que o Bintamez edificára na embocadura do rio Muar. Sendo necessario para estas expedições a uniaõ com Garcia de Sá, Governador de Malaca, por meio della ajuntáraõ as suas respectivas embarcações, que tomáraõ a bórdo 150 Portuguezes, e 400 Malaios. Navegou esta Fróta sem ser sentida até a barra do rio; mas todas as prevenções, que o Rei de Bintaõ tomára para impedir aos Portuguezes insultarem Pado, e o Fórte, em nada fizeraõ mudar a Antonio Correa a resoluçaõ primeira. Elle destacou a Jorge Mesurado para reconhecer ambos os póstos, e a informaçaõ de que estavaõ bem defendi-

didos, foi o estimulo, que picou o Correa para naõ lhe demorar o serem atacados.

Era vulg.

Se os Barbaros, assim como se mostravaõ circunspectos nas prevenções, imitassem a firmeza dos Portuguezes no combate, elles por mais tempo lhes poriaõ tropeços á victoria. O seu número era grande; foi famosa a resistencia; mas a tudo superior a nossa constancia, nós forçamos os córpos de guarda, os póstos avançados, tudo passamos á espada com tal espanto dos Barbaros, que elles abandonáraõ os redutos, e Antonio Correa, que os vio em desordem, se avançou ao Fórte, levando-o espada em maõ sem perdoar a cólera a valerosos, e rendidos. Porque naõ succedesse recobrarem-se os inimigos do repentino terror, o Correa ordenou a Duarte de Mello, que com a Armada assegurasse a bocca do rio, e elle foi apresentar-se diante de Pado. Como o designio era impedir a reuniaõ dos Barbaros, o Correa na mesma marcha hia atacando as trincheiras, que cobriaõ a Cidade, até chegar ao cam-

Era vulg. campo, aonde o Rei de Bintaõ com alguns elefantes o esperava na tésta de hum grosso destacamento.

Esta previdencia do Rei deo causa a hum combate todo de opiniaõ, em que ambos os partidos mostráraõ calor, e corage naõ vulgar. Huma resistencia taõ desigual ás primeiras fez entender aos Portuguezes, que a animava a presença do Soberano, e esforçando os punhos entráraõ a descarregar golpes taõ espantosos, que os Bintamezes naõ podendo soffrellos, para se pôrem em fugida precipitada, naõ lhes valeo a assistencia do Principe. Esta desfeita do campo metteo em desordem a Cidade, que foi entrada a ferro, e fogo, abandonada á pilhagem, e ao incendio. Peleija taõ longa teve por consequencia huma grande mortandade, muitos prisioneiros, e o estrago de mais de cem navios, que fizemos arder no porto. Antonio Correa triunfante veio para Malaca colher as palmas da victoria, e dispôr a sua viagem para a India; deixando ao Rei de Bintaõ sensivel á perda, taõ cortado do ferro, com as for-

ças de tal sórte diminuidas, que houve de suspender a guerra forçado da necessidade.

Era vulg...

O socego, que principiava em Malaca, foi perturbado em Coulaõ por causa da rotura do ultimo Tratado, que a sua Rainha ajustára com os Portuguezes. Esta Princeza sempre instada pelos Mouros, naõ só faltava já abertamente á observancia dos seus principaes artigos, mas dispunha os meios de nos tomar a Fortaleza: projecto, que ella naõ descobria, senaõ a gentes de fidelidade provada, ou que houvessem de ser os seus executores: projecto, que ella queria levar ao fim por meio de intrigas, de traças, de perfidias, e que sahindo-lhe todas inuteis, teve de se alliar com a Rainha de Comorim para o conseguir com força descoberta. Inficionadas as aguas dos poços, mórtos os Portuguezes, que andavaõ com toda a segurança em Coulaõ, degollados os Christãos recem-convertidos, e quantas pessoas se entendêraõ inclinadas ao nosso partido: no principio do inverno, que nos havia

Era vulg. embaraçar os soccorros, as duas Rainhas nos declarárão a guerra, e appareceo nos contornos da nossa Fortaleza hum Exercito de 20000 homens.

Heitor Rodrigues, que a governava, e não tinha de guarnição mais de trinta camaradas, não obstante se considerar como subprendido, determinou fazer tal defensa, que da Fortaleza não se arrancasse pedra sem ser lavada em sangue. A esta idéa tão generosa forão correspondendo as acções na resistencia a ataques vigorosos, e repetidos, em que suppria a indústria o que faltava nas forças. Mas como a Fortaleza por todas as partes era investida, e a ultima extremidade vinha chegando, elle se determinou a pedir soccorro a D. Aleixo de Menezes, que estava em Cochim. Para o fazer necessitava achar hum homem intrépido, que affrontando os perigos, houvesse de romper pelo centro dos inimigos: gentileza, para que se offereceo hum soldado ordinario, e a executou heróe, levando o aviso a D. Aleixo, que a todo o risco mandou em huma fusta com 25 homens

mens a D. Affonso de Menezes. Com tão pouco mundo forão tantas as difficuldades, que venceo este Fidalgo para entrar na Praça, fez tantas sahidas, encheo de tal terror os Barbaros, que as Rainhas considerando, no que os Portuguezes fazião, o muito mais que erão capazes de fazer, pedírão a paz, e promettêrão a observancia do Tratado na fórma primittiva.

Era vulg.

Este anno teve El-Rei D. Manoel o gosto de ouvir a relação das peregrinações de Gregorio de Quadra, que chegou a Lisboa depois de haver rodado huma grande parte dos Paizes do Universo. Naufragára este homem em companhia de Duarte de Lémos no Cabo de Guardafu; e salvando-se com outros em hum brigantim, que o levou a Zeila; o Rei de Adem o teve muitos tempos prisioneiro. Conquistando-lhe parte do Reino hum Principe, pôz em liberdade com cinco companheiros a Gregorio de Quadra, que sabendo bem a lingua Araba, e fingindo-se Mouro Santão, não só se insinuou nos bons agrados dos Póvos, mas se introduzio

Era vulg. na graça do Rei vencedor, que o fez o primeiro dos seus valídos. Como o seu desejo era vêr o mundo, e voltar para a Patria, senhor da vontade do Principe, com o pretexto dos votos de Religiaõ, foi-lhe facil conseguir delle licença, e o mais necessario para a viagem de Meca, donde marchou com trabalhos immensos por várias Regiões, até vir parar em Ormuz.

Nesta Cidade chorou elle amargamente o seu fingimento de Mouro, penetrado da doutrina de Jesu Christo, que disse naõ confessaria na presença de seu Pai aquelles, que naõ o confessassem na presença dos homens. Garcia Coutinho, que governava Ormuz, o encheo de beneficencias, e o mandou para a India, aonde embarcou para Portugal com o fim de representar ao seu Rei: Que elle girára por toda a Ethiopia situada além do Egypto: Que víra o grande lago, aonde o soberbo rio Nilo tem o seu nascimento: Quaes eraõ os costumes, as leis, os institutos dos Ethiopes, que viviaõ na Communhaõ Christã; como estava situado

o

o Egypto; como se governavaõ os Arabes; como se regiaõ os Persas; a differença das suas Seitas; os cultos da Casa de Meca; e quanto havia de memoravel nas Arabias. El-Rei satisfeito do que acabava de ouvir, ordenou ao Quadra, que o seu discurso o reduzisse a huma Memoria, e por fórma de relaçaõ para elle a examinar, e se resolver no que devia obrar para gloria da Religiaõ, para credito do Estado, e vantagem do serviço.

Era vulg.

Resultou do exame a que podéra ser para o Quadra huma felicidade grande, se elle naõ encontrára nos seus nacionaes aquella antiga emulaçaõ Portugueza, que naõ consente avances de reputaçaõ entre os proprios paizanos. Determinou El-Rei, que Gregorio de Quadra com cartas suas para Affonso, Rei de Congo, fosse commandando huma Esquadra, e que com ella abrisse caminho, por onde podesse chegar aos lagos de Zaire, de Zaflaõ, examinar as fontes do Nilo, chegar aos Estados do grande Négus, e fallar a David, Monarca da Ethiopia. Com feliz

Era vulg. liz navegaçaõ chegou Quadra aos portos de Congo; mas se na ferocidade do mar achou clemencia, na malignidade dos Portuguezes encontrou tormentas. Todos os que estavaõ em Congo trabalháraõ por persuadir ao Rei Affonso, que Quadra era hum impostor, ou hum pyrata: que para a continuaçaõ da jornada lhe devia negar os passaportes: que as Cartas Credenciaes, que elle apresentava do Rei de Portugal, eraõ suppostas: que elle devia examinar a verdade, escrevendo ao mesmo Rei: idéas infames nascidas da envéja, de que Quadra conseguisse a empreza, de que elles poderiaõ algum dia ter a gloria de ser authores, e que bastáraõ para trazerem á sua devoçaõ impia toda a condescendencia do Rei de Congo. Desgostado o homem bom de perseguiçaõ taõ inexoravel, voltou para Portugal, aonde se fez frade de S. Francisco, viveo exemplar, e morreo Santo; corôa bem merecida por premio dos seus trabalhos.

CA-

CAPITULO IV.

Da revoluçaõ, que causou a morte do Imperador Maximiliano I., e de alguns successos de Africa.

NESTA passagem da Historia, que vou a tratar, naõ me embaraçarei com o que nos referem os Historiadores nacionaes, e vassallos dos dous Principes pretendentes ao Imperio por mórte do Imperador Maximiliano I., que foraõ Carlos, Rei de Castella, e Francisco de França, assim no que respeita aos meios, de que se servíraõ, como ás indústrias, que usáraõ; aos thesouros, que despendêraõ; aos votos, que compráraõ; ás allianças, que fizeraõ; para me contrahir ao que pertence a Hespanha, em que teve de se interessar El-Rei D. Manoel.

Era vulg.

Quando Carlos V. havia partir de Castella para Flandres a pretender o Imperio, convocou os Estados do Reino, e aconselhado pelo seu Ayo Guilherme de Chiévres, Flamengo de Na-

çaõ

Era vulg. çaõ, que regia os annos verdes da sua mocidade, impôz em Hespanha hum tributo enorme, com que ella naõ podia, e a tempo em que todas as bolças estavaõ mal providas pelas ultimas sommas, que dellas se haviaõ tirado por outros novos impóstos. Desta violencia ha razões taõ justas para desculpar a inadvertencia de Carlos, como para arguir a temeridade de Chiévres. Todos sabem, que como os Reis naõ occupaõ a alta Dignidade da Soberania para extorquirem os espiritos dos Póvos no cabedal com o fim dos seus interesses particulares, senaõ para promoverem o bem, e felicidade do commum: que para este fim, seja na paz, ou na guerra, elles devem ser ajudados pelas riquezas dos vassallos.

Tambem todos naõ ignoraõ, (quero dizer todos os instruidos) que os Reis trataõ negocios infinitos dentro, e fóra dos seus Estados: que saõ obrigados a administrar justiça com igualdade: que tem occasiões, em que naõ pódem deixar de fazer a guerra para de-

defensa, e segurança dos Reinos: que inimigos estranhos, e as sedições domesticas quasi sempre desafiaõ a sua vigilancia; e se alguem entende, que tantas obrigações se pódem encher sem despezas avultadas, ou he falto de juiso, ou nada sabe do que he respectivo ao commum da vida, e sociedade dos homens. Por esta razaõ o costume geral da mesma sociedade, que reconhece devem os Soberanos ser sustentados pelos tributos dos Póvos, naõ he simplesmente de direito humano; mas elle está firmado em huma authoridade Divina. Naõ entraráõ nesta ordem os abusos, que alimentaõ superfluidades, nem a desigualdade, se empobrece as casas de muitos para enriquecer as de poucos com o fim de adquirir os nomes falsos de liberal, e magnifico, quando se perdem os verdadeiros de justo, e de clemente.

Esta vulg.

Naõ ha quem deixe de confessar, que na occasiaõ de pretender o Imperio, Carlos cahio nos abusos a respeito dos impóstos. Mas he necessario advertir, que elle, ainda que succedeo

nos

Era vulg. nos Reinos de Hespanha por direito hereditario; que naõ foi criado nella; naõ sabia os seus costumes; era hum Principe moço abandonado aos conselhos do Ayo, que o criára. Este homem de experiencias taõ longas, quanto dominado da avareza, arrojou o seu Rei, naõ só ao precipicio de perder Hespanha, mas ao de macular a sua reputaçaõ na posteridade. Com esta extorsaõ se inquietáraõ os Póvos, perturbáraõ-se muitos dos Grandes, approveitáraõ-se da ausencia de Carlos, e formáraõ huma liga homens, e Cidades, que fizeraõ seus Chéfes a D. Joaõ de Padilha, e ao Bispo de Çamora. Os successos desta alliança, chamada as Communidades de Castella, naõ saõ do meu assumpto. Eu direi, que por huma parte os Governadores, que Carlos deixára no Reino, pedíraõ nos seus maiores apertos a protecçaõ del Rei D. Manoel, e que os soccorros que elle lhes mandou de artelharia, munições, e dinheiro, contribuíraõ para a victoria, que depois alcançáraõ dos rebeldes.

Por

Por outra parte os ſediciofos lhe mandárao propôr, que elles lhe entregariaõ as Praças mais fórtes, as melhores Cidades de Caſtella, ſe quizeſſe ſoccorrellos, e que o aclamariaõ Rei de toda a Monarquia, a que tinha direito por qualquer dos ſeus tres caſamentos, ou por todos elles, que o iſentavaõ da nota de uſurpador. D. Manoel ouvio, mas naõ acceitou alguma deſtas propoſiçóes. Superior a ſua magnanimidade a tantos objectos intereſſantes, que arraſtaõ os eſpiritos mais ſublimes, fiel ás relaçóes da amizade, e parenteſco, lhes repreſentou com doçura a indúſtria, que elles haviaõ obrado com o ſeu Rei natural; e bem longe de os intimidar por meio de reprehensões ſevéras, ou de os irritar pela denegaçaõ dos ſoccorros, que lhe pediaõ; elle ſe lhes offereceo para Medianeiro com o Imperador, ſe quizeſſem reentrar nos ſeus juſtos deveres para ſe fazerem dignos da clemencia do Ceſar. Atonitos viaõ, e meditavaõ os Caſtelhanos a repugnancia, que El-Rei moſtrava em os receber no número

Era vulg.

ro

Era vulg. ro dos ſeus vaſſallos, e facilmente conceberaõ, que a grandeza do ſeu coraçaõ naõ ſe contentava com acquiſições, e conquiſtas, que lhe repreſentavaõ muito faceis.

As ſementes deſta rebeliaõ de Caſtella paſſáraõ o mar, e foraõ fructificar em Africa. D. Nuno Maſcarenhas naõ podia diſſimular o odio, que tinha a Cide Haya Abentafut; que parece era propria dos Governadores de Çafim a deſconfiança da fidelidade deſte bom amigo, e grande General. Como os Mouros de Garabia, e de Dabida ſe ſoblevâraõ contra elle, os inimigos occultos de Abentafut trouxeraõ D. Nuno ao ſeu partido, e trabalhou pelo deſacreditar na Corte. O innocente perſeguido eſcreveo huma larga Carta a El-Rei, em que ſe juſtificava; e como elle já tinha experiencias bem provadas da fidelidade de Abentafut, ſem precederem mais informações, eſteve pela verdade do Mouro, e ordenou a D. Nuno, que com eſte vaſſallo fiel uſaſſe das medidas mais honeſtas; que naõ eſcutaſſe as vozes da

ca-

calúmnia; que cortasse as paixões, e conselhos dos seus inimigos, e que para elle os abater lhe desse soccorros. Assim o executou D. Nuno, e com a ajuda das nossas armas Abentafut se lançou sobre os rebeldes, que naõ tendo valor para esperallo, elle lhes captivou as mulheres, e filhos, que foraõ os refens da fidelidade, que lhe promettêraõ.

Era vulg.

Pelo mesmo tempo o memoravel Vasco Fernandes Cesar, que foi Adail de Azamor, guardando o Estreito com huma caravella, fez o seu nome mais célebre, e deixou aos Successores Armas illustres. Depois de pôr em fugida huma galeota de Mouros, e tomar outra, os Barbaros para despicarem esta injúria, o vieraõ atacar com seis fustas bem providas de armas, e de gente. Com partido taõ desigual naõ recusou elle o combate, em que foi taõ feliz, que depois de destroçar duas fustas, pôz as mais em fugida: façanha heróica, que mereceo ornarem as mesmas fustas o brasaõ dos do apellido de Cesar.

Hum

Era vulg.

Hum Mouro valeroso chamado Mulei Benaduxera, que a ser-nos fiel poderiamos estimar nelle outro Abentafut, pelos mesmos tempos fazia guerra crúa ao Rei de Féz. Decahio o seu partido, e tomou o de vassallo del Rei D. Manoel, offerecendo-se a D. Alvaro de Noronha, Governador de Azamor, que o admittio na Cidade com 200 homens, a maior parte seus parentes, valerosos, e bem aguerridos. D. Alvaro o nomeou Commandante de huns Xéques da Xerquia, que tinhaõ ás suas ordens 1ɸ200 cavallos; mas elle para se firmar mais nas vantagens, que esperava da nova vassallagem, mandou seu irmaõ Ferez a Lisboa render obediencia em seu nome a El-Rei D. Manoel. Foi elle despachado como pretendia, e acompanhado de Diogo de Mello com alguma gente, ambos traziaõ ordem para entrarem com as forças colligadas nas terras dos inimigos. Beneduxera naõ perdeo tempo em se approveitar do seu indulto, e companhia de Diogo de Mello; marchando a Bicalamim, elle na tésta de 1ɸ100

ca-

cavallos, e o Mello na de 75, e de 60 escopeteiros. Trinta e dous Aduares naquelle sitio foraõ outros tantos lagos de sangue; e cançados os vencedores de o derramarem, perdoáraõ a vida a 500 captivos, e se recolhêraõ com hum despojo capaz de despertar a cubiça.

Era vulg.

Naõ passou muito depois deste successo, que o perfido Benaduxera naõ entrasse em negociações occultas com o Rei de Féz, e para fazer entrada na sua amizade, se offereceo a apparecer na sua presença com bastante número de Portuguezes, que seriaõ as victimas para a expiaçaõ dos seus antigos crimes. Acceitou o Rei a offerta, como interessante ao seu odio dobrado ao conductor, e conduzidos; mas D. Alvaro, que já desconfiava do Mouro, ordenou a Diogo de Mello, que naõ o acompanhasse nas suas expedições. O Barbaro astuto, que penetrou a idéa de D. Alvaro, sahio da Praça, veio a Mazagaõ, e pedio a Antonio Leite lhe desse alguns homens para certa empreza, em que tambem havia ser soccorrido

por

Era vulg. por D. Alvaro. O Leite, que tudo ignorava, o reforçou com huma companhia, que o seguio até a serra verde, dezasete legoas de Azamor. Aqui declarou elle a seu irmaõ Ferez todos os intentos, que levava; que o pozeraõ confuzo; que o deixáraõ suspenso entre o temor, e a irresoluçaõ.

Passado o primeiro susto, disse Ferez a seu irmaõ: Como estais resoluto a ires para Féz, vós naõ deveis dobrar a perfidia levando enganados estes Christãos, nem a bandeira, que por mim vos mandou o Rei D. Manoel: eu vos asseguro, que se vós visses o semblante deste Principe, como eu o ví, vós naõ vos atreverieis a usar contra elle esta trahiçaõ. Resposta semelhante hia sendo causa de hum rompimento entre os dous irmãos. Prevaleceo porém a contumacia generosa de Ferez, que conseguio voltarem para Mazagaõ os Portuguezes, que elle quiz seguir; mas o trahidor Benaduxera o reteve com o fundamento, de que queria ouvir a desculpa, que dava ao Rei de Féz, por lhe naõ deixar levar aquelles

les Chriſtãos á ſua preſença. Com as de- Era vulg.
monſtrações da humildade mais profunda ſe lançáraõ os dous irmãos aos pés daquelle Rei, que bem longe de ſe deixar tocar do ſeu arrependimento, naõ os quiz ouvir, eſcuſou-ſe de lhes perdoar, e com o pretexto de naõ trazerem os Portuguezes, lhes mandou cortar as cabeças, vindo a ſer hum Rei de Féz o vingador da injúria feita ao Rei de Portugal.

CAPITULO V.

Trataõ-ſe os ſucceſſos da India no anno de 1521.

NÓS ſomos chegados á narraçaõ dos 1521
acontecimentos do fatal anno de 1521: anno fatal, em que Portugal perdeo ao ſeu grande Rei D. Manoel; em que ſe mallogrou na India a expediçaõ de Dio; em que ſentíraõ decadencia os negocios de Africa, como preſagios funeſtos da maior calamidade do Reino, que havendo ſubido ao eſtado da felicidade, eſperava-o a declinaçaõ na mórte do Rei filho da ventura.

Era vulg. O Governador da India Diogo Lopes de Siqueira chegando do mar da Arabia á Cidade de Cochim, como fica dito, achou reiteradas as instancias del Rei, que lhe mandava requeresse com toda a força ao Soberano de Cambaya o lugar para fazer em Dio huma Fortaleza, e que no caso de naõ o conceder lhe declarasse a guerra. Em observancia desta ordem, o Governador entrou a preparar huma grôssa Armada, que Melique Saca, filho de Meliqueáz, naõ duvidou ser dirigida ao porto da sua Cidade. Elle o mandou observar pelo seu favorecido Camallo com o pretexto de visitar ao Governador em Cochim, e de lhe offerecer hum presente da parte de Melique. O nosso projecto facilmente foi penetrado por Camallo, que partio a levar as instrucções, e os Commandantes de Dio cuidáraõ em se prevenir para huma vigorosa defensa. O Governador, depois de despedir a Antonio de Saldanha com as náos do Reino, partio de Cochim para Goa, e dadas algumas providencias, seguido de Antonio Correa, que che-

gá-

gára de Malaca, se fez na volta de Chaul a observar conjuntura para o designio.

Era vulga

Compunha-se a sua Armada de mais de 80 vélas, a maior parte commandadas por Fidalgos de grande qualidade, guarnecidas com tres mil Portuguezes, e mil Naires: Armada Portugueza como até aquelle dia fora vista outra na India mais consideravel, e mais fórte, capaz de maiores emprezas, se a fortuna do Chéfe presente correspondêra á dos passados. No principio de Fevereiro ferrou ella o porto de Dio, e huma simulaçaõ reciproca entrou a ser o proemio dás operações por ambas as partes: Melique derramando civilidades, e mandando presentes: o Governador retribuindo agradecimentos, e affectando a sua vinda huma passagem para Ormuz. Elle rogou a Melique huma entrevista, que lhe foi concedida, e nella pedio lugar para a Fortaleza, e a Fernaõ Martins Evangelho com os mais Portuguezes, que se achavaõ em Dio. Á primeira proposta respondeo Melique: Que elle naõ podia dar licença para a fabrica da Fortaleza sem autho-

R ii ri-

Era vulg. ridade de seu Pai, que estava ausente. A segunda disse: Que os Portuguezes estavaõ taõ seguros em Dio, como se fosse em Lisboa, tratando dos seus negocios, e que entregallos á vista de huma Armada, todos o teriaõ por covardia indigna do seu caracter.

Descontente o Governador com estes despachos, voltou para a Armada, e chamou os Capitães a conselho, em que se resolveo, que a Cidade taõ bem municiada naõ devia ser investida. Fez-se pública esta resoluçaõ entre os Officiaes, e soldados, que em clamor geral se sentiaõ, de que os Portuguezes na India com semelhantes Chéfes, já naõ eraõ homens: que todos os Orientaes lhes perderiaõ o respeito: que como já se faziaõ reflexões em Praças presidiadas, em número de inimigos, e se buscava proporçaõ para os combates, que se abandonasse a India, antes que a Naçaõ Portugueza principiasse a ser a zombaria dos seus Póvos. Em fim o rumor rompeo por todas as medidas, quando foi visto Fernaõ Martins Evangelho vir com salvo conduto a bórdo

da

da Capitania escoltando muitos caixo- tes, que mandava Melique Saca, naõ havendo juizo que duvidasse serem elles outros tantos penhores, que ligavaõ ao Governador, e aos seus sequazes para nada obrarem contra Dio, e que a glória do Rei, da Pátria, dos Portuguezes elles a deprimiaõ arrastados do seu interesse particular, que as mãos palpavaõ, e os olhos viaõ.

Era vulg.

Sería injusta esta suspeita dos Subalternos, e soldados; mas o apparato formidavel da Armada no mesmo porto de Dio o Governador o fez em troços. Depois de se despedir com muitos cumprimentos de Melique, e de seu camarada Hagamahamet para navegar a Ormuz, ordenou a Antonio Correa, a Joaõ de Coimbra, a Diogo de la Puente fossem vêr se no rio de Madrefaval, cinco legoas de Dio, havia lugar cómmodo para a fabrica da Fortaleza. Despachou a D. Aleixo de Menezes com as galéz para Cochim; a Jorge de Albuquerque para Malaca; a Jorge de Brito para Maluco; a Rafael Catanho, e a Rafael Perestrello para a China; e

em

Era vulg. em Dio deixou a Diogo Fernandes de Béja com a sua náo, e duas caravellas com ordem de carregar mantimentos para Cochim, de tomar a bórdo a Fernaõ Martins Evangelho com os mais Portuguezes, declarar depois a guerra ao Rei de Cambaya, e ir incorporar-se com elle em Ormuz, para onde fez viagem, contente em cumprir a ordem do Rei por commissaõ.

Outra consequencia mais funesta, que a da mallograda empreza de Dio, hia causando a separaçaõ das forças da India para tantas partes differentes, ficando ella enfraquecida. Como o Governador para fazer a Armada respeitavel tirou o grosso das guarnições das Praças, especialmente de Goa, que tinha á pórta hum inimigo temivel, que sabia approveitar-se dos nossos descuidos; este inimigo, que era o Hidalcaõ, naõ perdeo a occasiaõ de a insultar na tésta de hum Exercito numeroso. Valeo-nos neste aperto o nosso fiel alliado Crisnara, Rei poderoso de Narsinga, que em nosso favor declarou a guerra ao Hidalcaõ; venceo-o em hu-

ma

mia difputada batalha; reduzio á fua obediencia a Provincia de Balagate; mereceo para fi fó o commercio dos cavallos da Perfia, e da Arabia, que vinhaõ a Goa; e para moftrar a extenfaõ da fua magnanimidade, e do feu poder, avifou a Rodrigo de Mello, que entaõ governava Goa, mandaffe tomar poffe da Provincia conquiftada em nome do feu alliado o Rei D. Manoel, a quem elle a cedia.

Era vulg.

Com fatisfaçaõ indifivel recebeo Rodrigo de Mello efta próva da amizade, e da grandeza de Crifnara, que tanto avançava os intereffes do Eftado, e da Naçaõ. Elle a agradeceo com exprefsões as mais fignificantes de reconhecimento; e mandou a feu fobrinho Rodrigo Jufarte de Mello com 200 Portuguezes, e 700 Indios occupar Salcete, que achou deferto, Bardez, e Pondá, aonde foraõ eftabelecidos tribunaes, e arvoradas as noffas bandeiras nos lugares, e Praças públicas. Mas paffados dous mezes, o Hidalcaõ refazendo as fuas trópas, quiz affogar-nos no berço a dominaçaõ, que acabava de naf-

cer.

Era vulg. cer. O Jusarte sem se assustar com a vinda deste inimigo, pedio a seu tio marchasse a unir ás suas o resto das forças de Goa para acabarem de derrotar as reliquias destroçadas do Hidalcaõ em nova batalha, já que intentava fazer com ellas huma nova guerra. Neste encontro foi completo o estrago do Hidalcaõ, e o nosso triunfo, que authorisáraõ 130 pessoas das mais distinctas de Balagate, que Rodrigo de Mello trouxe para Goa em refens da fidelidade dos seus patricios.

Quasi ao mesmo tempo a Fortaleza de Columbo na Ilha de Ceilaõ esteve em perigo semelhante ao de Goa, causado pela facilidade do seu Governador, que sem mais causa, que a de condescender com a audacia de soldados dyscolos, atacou a Cidade furtivamente á hora, em que os seus moradores descançavaõ. Procedimento taõ estranho escandalisou todos os Ilhéos; que formáraõ Exercito numeroso, e vieraõ sitiar a Fortaleza. Cinco mezes soffreo Lopo de Brito grandes trabalhos com igual constancia, impossi-

bi-

billitado por causa do Inverno a receber soccorros de Cochim. D. Aleixo de Menezes, que estava nesta Cidade, e fora avisado por Lopo de Brito da extremidade, a que se achava reduzido, pela ausencia do Governador, que levára o grosso das nossas forças, apenas pode mandar de soccorro a Antonio de Lémos em huma galé com 50 homens, que chegáraõ a Coulaõ atropelando perigos. Bem podia desmaiar a corage do Governador Lopo de Brito com a noticia, que lhe deo Antonio de Lémos, de que naõ tinha de esperar mais soccorro, em quanto Diogo Lopes naõ voltasse de Ormuz; mas elle determinou, que o valor da sua espada a todo o risco havia ser a salvaçaõ da Praça.

Era vulg.

Elle ordenou a Antonio de Lémos, que em huma noite se fosse postar com a galé na frente dos baluartes, e que sem cessar varejasse pela parte do mar o campo dos inimigos. Ao mesmo tempo fez elle huma sahida com 300 homens pelo lado, em que suppoz haveria mais descuido, e foi derramando o

ter-

Era vulg. terror entre os Barbaros desprevenidos, só cuidadosos em evitar o damno, que lhes causava a artelharia da galé. Como o seu número era grande, elles podéraõ formar hum corpo de Exercito com 25 elefantes na sua frente, armados de castellos, e de fouces nos dentes: qualidade de inimigos, que os nossos temêraõ, e os faziaõ retroceder. Lopo de Brito mandou entaõ avançar os espingardeiros, e darem huma carga sobre os brutos, que sentindo-se feridos, voltáraõ sobre o campo contrario, e o mettêraõ em desordem. Os Portuguezes aproveitáraõ esta occasiaõ; carregáraõ os inimigos, que foraõ degollando sem piedade, até os mettêrem destroçados em hum palmar, aonde Lopo de Brito mandou tocar a retirada, para que a gente naõ se desmandasse na confusaõ do bosque. Apenas os nossos se recolhêraõ vencedores á Fortaleza, chegáraõ Deputados dos vencidos a pedir a renovaçaõ da paz, que lhes foi concedida, e era o mesmo, que nós desejavamos.

O Governador da India Diogo Lopes

pes de Siqueira se achava em Ormuz Era vulg.
occupado na arrecadaçaõ dos tributos, de que o Rei, e o seu valido Rax Xarafo determinavaõ isentar-se por meio de huma trahiçaõ, logo que se vissem desassombrados da presença do Governador. Para o divertirem, ou o arriscarem, ambos lhe representáraõ, como Mocri, vassallo de Ormuz, se levantára com a rica Ilha de Baharem; que a dominava em tom de Soberano; que com huma Fróta numerosa rompia o commercio, e reduzia a Ormuz ao estado de pobreza; que sendo este Reino feudatario do Rei D. Manoel, a elle Governador pertencia castigar este tyranno, lançallo de Baharem, e fazer reentrar o Rei de Ormuz na posse dos antigos direitos. Diogo Lopes propôz esta representaçaõ em Conselho, e nelle se resolveo, que se devia emprehender a guerra de Baharem na fórma, que o Rei a requeria, bem alheios os Portuguezes do espirito de fraudulencia, com que elle a intentava.

Antonio Correa, sobrinho do Governador, e em Malaca triunfante do Rei

Era vulg. Rei de Bintaõ, foi o escolhido para esta empreza com 400 homens de qualidade, e valor, que embarcáraõ em sete vélas da Armada. Rax Xarafo o quiz acompanhar com 150 terradas, em que levava tres mil Mouros, que hiaõ ser testemunhas, sem acçaõ, da nossa victoria, ou do nosso destroço. Reunidas em Baharem as Frótas, que desgarrára hum temporal, Antonio Correa com os seus Portuguezes pôz pé em terra, e entrou na Ilha, que achou fortificada com muitas trincheiras, grande número de gente, de artelharia, de munições, de tudo quanto podia contribuir para huma defensa bem vigorosa. Nada deteve o passo deste bravo Capitaõ para se avançar á Cidade de Baharem, que se por duas partes a atacou com esforço, encontrou huma resistencia valerosa, que por muitas horas lhe disputou a victoria. Ella se declarou a nosso favor depois de Mocrim se retirar mal ferido, de morrerem 300 Barbaros, de fazermos muitos prisioneiros, e do medo assaltar a todos para se pôrem em fugida. Dos

Por-

Portuguezes faltáraõ cinco, e entre os feridos Arias Correa, irmaõ do Commandante, que obrou maravilhas na defensa da Bandeira Real, que levava arvorada.

Era vulg.

O Xarafo, que nos víra pelejar de longe, foi chamado por Antonio Correa, que lhe entregou o dominio da Ilha, como a Plenipotenciario do Rei de Ormuz, dando primeiro juramento de perpetuamente a possuir debaixo do imperio do de Portugal. Pouco depois o mesmo Xarafo fez saber a Antonio Correa, que Mocri morrêra das feridas; que o cadaver deste genro de hum Sacerdote de Meca hia enterrar á Cidade de Catifa; que lhe desse licença para o mandar tomar no caminho, cortar-lhe a cabeça como a rebelde, e levalla para Ormuz. Havida a permissaõ, e conseguido o projecto, a pelle da cabeça de Mocri chêa de algodaõ, foi apresentada em Ormuz ao seu Rei, e ao Governador. Hum sobrinho deste infeliz veio entregar a Antonio Correa a Cidade de Catifa; e rendida toda a Ilha de Baharem, esta façanha deo

no-

Era vulg. novo apellido ao ſeu author, que o tomou do nome da meſma Ilha. Foi grande eſta victoria de Baharem para El-Rei D. Manoel a olhar com indifferença; mas a deſgraça ſuccedida em Africa ao ſeu fiel vaſſallo Abentafut, como nós vamos a vêr, naõ lhe deixou tomar o goſto ás circunſtancias, e á glória.

CAPITULO VI.

Succeſſos de Africa; mórte de Abentafut; exaltaçaõ dos Xerifes, e ultimo Governador nomeado por El-Rei D. Manoel para a India.

SEMPRE altos os penſamentos de Cide Haya Abentafut, ſempre conſtante na fidelidade, com que ſervia a El-Rei D. Manoel em Çafim; agora grato ás ultimas honras, que recebêra delle, quando D. Nuno Maſcarenhas duvidava da ſua fé: Abentafut determina dar della as próvas mais conſtantes em duas emprezas ambas de eſtrondo. Elle toma

ma todas as medidas para abater a arrogancia do Xerife, já intoleravel, que entrando em Féz, e Marrocos como Missionario do Alcoraõ, tomou o exercicio de soldado com a figura de Soberano. Elle se resolve a fazer-se senhor de Marrocos, antes que este Barbaro, que hia engrossando hum Dominio, o reforçasse com a conquista do mesmo Reino. Ao designio se seguio a execuçaõ, e preparada a sua gente, pedio a D. Nuno o soccorro da Portugueza, e algumas peças de campanha. Tanta era a nossa confiança neste bom amigo, que além do destacamento, que lhe deo D. Nuno, commandado por D. Rodrigo de Noronha acompanhado de Francisco de Mello, de Affonso Gomes, de Joaõ Fernandes Preto, e de outros bravos Cavalleiros, o seguíraõ muitos voluntarios de Çafim para serem seus camaradas nos perigos, e na glória.

Era vulg.

O mesmo fizeraõ os Mouros da Garabia, e de Dabida, que se uníraõ ás trópas, com que Abentafut marchou para o campo das Salinas. Naõ sentio

el-

Erá vulg. elle o mesmo ardor nos Barbaros de Uled Ambraõ, que mandou convidar com o intento, de que se viessem, os entresacharia nos seus Esquadrões fiéis para os engrossar; se lhe faltassem, lhes cahiría em cima para os destruir. Na primeira idéa errou Abentafut, que conhecendo aquelles Mouros inclinados á trahiçaõ, naõ se devia fiar delles, e a confiança lhe custou a vida. No tempo desta negociaçaõ, soube elle, que o Senhor da Serra em Uledemet derrotára hum Alcaide com 50 criados seus, e que no choque morrêra Abrahem, pessoa de qualidade. Sem mais companhia, que a de tres de seus Capitães foi Abentafut assistir á pompa funebre de Abrahem, aonde os Barbaros de Uled Ambraõ se conjuráraõ para lhe dar a mórte, quando com os mais convidados estivesse á meza.

Azum, irmaõ do morto, tratou a Abentafut com as honras devidas ao seu caracter, e merecimento; mas ellas acabáraõ ás mãos da perfidia de tres dos principaes conjurados, que quando menos se pensava matáraõ Abentafut

fut ás punhaladas. Affim acabou o alentado homem, terror da Mauritania, conftante aos intereffes de Portugal: a morrer ás mãos, parece que fó ás da trahiçaõ podia morrer tal homem. Quizeraõ vingallo os feus Officiaes; mas declarados os complices, a todos tiráraõ as vidas. Uled Ambraõ com a noticia tanto do feu gofto, marcha ao campo de Abentafut para fazer hum fó facrificio de todos os Portuguezes. Já elles fe haviaõ retirado com os Mouros da Garabia, e marchado huma legoa, quando eftes Barbaros, emulos da perfidia dos feus nacionaes, fe lançaõ fobre elles, mataõ a muitos, prendem com alguns a D. Rodrigo de Noronha, com Francifco de Mello efcapaõ poucos, que fe recolhem a Çafim.

Era vulg.

O Mouro Bogima, que tinha a fua familia nefta Praça, foi o primeiro, que lhe levou a noticia do cataftrophe. D. Nuno Mafcarenhas, depois de confolar as mulheres de Abentafut, de affegurar aos Mouros moradores a fua protecçaõ, monta com a cavallaria, e em impetos de raio bufca aos authores

Era vulg. da atrocidade, que encontra, que degolla, a que captiva 650, e salva alguns dos nossos captivos. Foi voz constante, que o Xerife maquinára a mórte de Abentafut, e era este o terceiro tropeço, que lhe faltava remover para andar solto na perversidade das suas idéas. Já morrêra o grande Nuno Fernandes de Ataide; estava prisioneiro, e maltratado dos Barbaros o formidavel Lopo Barriga; agora acabou Abentafut; e já com o campo livre, vamos a vêr outra perfidia, que naõ só o fez correr, mas voar ao Throno: passagem da Historia, que eu refiro para já se saber, que este usurpador preparou a Potencia, que nos foi fatal no reinado de D. Sebastiaõ, aonde as nossas glórias se abatêraõ.

Naõ tendo os Xerifes quem lhes embaraçasse os projectos, o mais authorisado dos irmãos escreveo ao Rei de Marrocos para o servir com todas as suas forças contra Çafim. Foi bem acceita a offerta; os Cacizes em tom de Reis marchaõ para Marrocos; saõ hospedados no Paço com pompa, e

ma-

magnificencia Real; em huma cêa se trata da conquista de Çafim, e he este o primeiro, e ultimo Acto da Tragedia. O Xerife diz ao ouvido do Rei, que aquelle negocio se havia communicar em segredo; que mandasse sahir todos da antecamara, fechar as portas, e que só ficassem presentes tres criados seus de fidelidade provada. Tudo se executou, como elle requereo, e logo a morte do Rei ás pontas dos punhaes dos tres criados fiéis. Sahio hum a dar parte de estar executada a obra á gente do Xerife, que naquella noite se fez Rei de Marrocos, e depois se pôz a alcunha de Soberano de toda a Africa com grande sentimento do Rei de Féz, que quiz castigar o atrevimento, e a perfidia; mas tirou por fructo ficar derrotado.

Era vulg.

Quando succedião estas calamidades em Africa, El-Rei D. Manoel mandava preparar para a India huma Frota de quinze nãos, que havião conduzir o novo Governador D. Duarte de Menezes, Varão recommendavel pelo appellido, e pelas obras, que executá-

Era vulg. ra no governo de Tangere. Sahio elle de Lisboa no dia cinco de Abril, e entre outros Capitães levava bem despachados a seu irmaõ D. Luís de Menezes para Capitaõ-Mór do mar da India; a D. Joaõ de Lima provido na Fortaleza de Calecut; a D. Diogo de Lima na de Cochim; a Joaõ de Mello da Silva na de Coulaõ, a Francisco Pereira Pestana na de Goa; a D. Joaõ da Silveira na de Cananor; e a Diogo de Sepulveda na de Çofala. Com viagem feliz chegou esta Armada á India no Agosto seguinte, e ferrou o porto de Baticala, aonde veio D. Aleixo de Menezes, que partíra com tres galéz para Dio a esperar o Governador Diogo Lopes de Siqueira na volta de Ormuz para lhe assistír na fabrica da Fortaleza de Madrefaval.

Antes que passemos adiante com a narraçaõ dos successos de D. Duarte, devemos referir os de Jorge de Albuquerque em Malaca, e os de Jorge de Brito nas Molucas, para onde os enviára Diogo Lopes estando em Dio, como dissemos. O Albuquerque logo que

que chegou, emprehendeo a acçaõ generosa de restituir ao Throno de Pacem a hum filho do Rei, que o tyranno Geinal depozéra, e matára para lhe usurpar a Corôa. Chegou o Albuquerque com o Principe a Pacem: os seus Póvos desejavaõ recebello nos coraçőes: Geinal resolveo-se antes a morrer, que a baixar do Throno. O Albuquerque o fez notificar com termos doces quizesse largar o seu a seu domno para fazer huma acçaõ chêa de justiça, que lhe merecia o agrado, e protecçaõ do Rei D. Manoel. Geinal com arrogancia de tyranno respondeo, que elle sim compraria a amizade deste Monarca pelo preço do seu sangue, mas sem derrotar a sua fortuna, nem a sua honra; que naõ o tratasse como usurpador, quando elle tinha a glória de haver revendicado a Monarquia, que o Rei defunto roubára á sua Casa.

Era vulg.

Esta resposta examinada no Conselho decidio o sitio de Pacem, e que as mais que se dessem a Geinal sahissem da bocca dos canhőes. Para esta empreza convidou o Albuquerque ao Rei de

Da-

Era vulg. Darú, primo do Principe dethronado, que o veio reforçar em pessoa com 3000 homens, e Manoel da Gama, que passava em huma náo de guerra, a incorporou na Fróta do Albuquerque em quanto durasse o sitio. Naõ levou este mais tempo, que o do primeiro avance sobre a Cidade de Pacem, aonde estava Geinal com todas as suas forças. Em hum assalto daquelles, que os espiritos vulgares chamaõ temeridade, conduzido em hum corpo na vá-guarda por D. Sancho Henriques, em outro no centro por D. Affonso de Menezes, em outro na reta-guarda pelo mesmo Albuquerque; Pacem foi entrado á força de armas, morto Geinal, 400 dos seus criados, 2000 das suas melhores trópas, e restituido o Principe, que se jurou vassallo del Rei de Portugal.

Tudo pelo contrario succedeo ao infeliz Jorge de Brito na viagem das Molucas. Elle levava huma Esquadra de seis nàos com mais de 300 homens, e entrou na Ilha de Çamatra no porto de Pacem, cabeça do Estado de hum

Rei

Rei nosso inimigo. Quiz o Brito conciliar a sua amizade com o exemplo dos outros Soberanos da Ilha, que todos eraõ nossos alliados. O Barbaro poderoso, e soberbo, repelio a propósta, e o Brito temerario, sem medir as forças, intenta castigallo no centro da sua mesma Corte. Elle desembarcou, e foi levando os inimigos com vantagem até os metter pelas pórtas da Cidade, por onde entrou, e aonde o Rei o esperava com o grosso das suas trópas, que rodeáraõ o pequeno corpo dos Portuguezes sem lhes deixarem esperança de refugio. No número de 70 dos nossos, que foraõ passados á espada, entrou Jorge de Brito, e quasi toda a Nobreza: escapáraõ nas lanchas os que poderaõ: Lourenço Godinho, e Gaspar Gallo, unicos Capitães que ficáraõ vivos, se encarregáraõ do commandamento da Fróta, e navegáraõ para Pedir, aonde os foi encontrar Antonio de Brito, que achando-se nomeado Governador das Molucas, se fallecesse seu irmaõ Jorge de Brito, foi nomeado Capitaõ da Fróta, e seguio a viagem a seu tempo.

Era vulg.

Em

Era vulg.

Em nada inferior vamos nós vêr a desgraça succedida nos mares de Dio. Ao mesmo tempo que Antonio Correa partio para a expediçaõ de Baharem, Diogo Fernandes de Béja foi mandado pelo Governador com quatro náos de Ormuz para a India. Em frente de Dio tomou elle duas náos muito importantes, que Meliqueaz pretendeo resgatar, e ordenou ao bravo Hagamahamet, que com 18 fustas tomasse esta expediçaõ á sua conta. Tanta foi a fortuna do Barbaro, que metteo a pique a náo de Gaspar Doutel com mórte de toda a tripulaçaõ; deixou a de Diogo Fernandes em estado de naõ poder soster-se sobre as aguas, e arribou a Chaul. O mesmo fez Nuno Fernandes de Macedo depois de perder quatorze homens no combate.

O Governador se encontrou com os destroçados em Chaul voltando de Ormuz mettido em cólera; porque soube que Meliqueaz restituido a Dio, fizera fortificar o lugar, que elle destinára para a Fortaleza de Madrefaval: que huns poucos de Turcos captivos, que

vi-

vinhaõ na náo, que conduzia os mate- Era vulg.
riaes para a obra, eſtimando mais a
liberdade, que a vida, déraõ fogo ao
paiol da pólvora, e ſe abrazáraõ com
todos os Portuguezes; e que para lhe
ſucceder no Governo era chegado á In-
dia D. Duarte de Menezes, ſentindo-ſe
já, como Sol, que ſe punha, abando-
nado dos homens, que o adoravaõ. Pa-
ra complemento do infortunio, encon-
trando o meſmo Hagamahamet a náo
de Pedro da Silva, que vinha de Ormuz,
metteo-a no fundo, e fazendo captivos
aos que ſe quizeraõ ſalvar nadando, os
levou para Dio.

Suaviſou a Providencia tantos re-
vezes da fortuna cançada com o naſ-
cimento da Infante D. Maria, e com
o ajuſte do caſamento de ſua irmã a
Infante D. Brites com Carlos Manoel,
Duque de Saboia. O Rei, ſeu Pai, fez
eſquipar para o tranſporte dezoito náos,
que excedêraõ em grandeza, e magni-
ficencia a quantas até aquelle tempo ſe
viraõ em Portugal. O reſto da Armada
ſe compunha de galés, galeaças, e
fragatas eſquipadas com todos os in-
ven-

Era vulg. ventos do gosto delicado. Foi nomeado seu Commandante, e Conductor da Princeza D. Martinho de Castello-Branco, Conde de Villa-Nova; e D. Martinho da Costa, Arcebispo de Lisboa, teve ordem de a acompanhar até Niza. Grande número de Nobreza brilhante, e luminosa fez a mesma viagem, que levou de Lisboa a Niza a maior parte dos mezes de Agosto, e Setembro.

As qualidades da pessoa do Duque, os divertimentos da sua Corte, a veneraçaõ, que elle attrahia dos seus vassallos, fizéraõ universalmente applaudida esta augusta alliança. Elle, que esperava a sua Esposa em Niza, nada havia esquecido para fazer isseparaveis a pompa, e a galantaria: movimentos nascidos da inclinaçaõ, quando contemplava a imagem nos retratos; agora paixaõ vehemente do espirito á vista do original, que tinha qualidades para produzir a violencia doce desta attracçaõ. Com poucos dias de demora em Niza, a Corte partio para Turim, aonde estavaõ preparadas com pompa

so-

soberba as festas, os prazeres, os divertimentos, com que a nova Duqueza havia ser recebida. Era vulg.

CAPITULO VII.

Ultimos successos da India no tempo del Rei D. Manoel.

NÓS deixamos o Governador Diogo Lopes no porto de Chaul, aonde fez edificar huma nova Fortaleza, que crescia consideravelmente; mas como esta obra era muito prejudicial aos interesses de Cambaya, a vigilancia de Hagamahamet fazia amaçar os materiaes com sangue. Elle perseguia com tanta actividade as galés de Francisco de Mendoça, e de D. Jorge de Menezes; fazia tantas subprezas, que o Governador para reparar os insultos entendeo lhe seria necessario demorar-se em Chaul mais tempo, do que entaõ lhe convinha. Para naõ perder nelle instantes, encarregou a Henrique de Menezes avançar promptamente a construcçaõ da Fortaleza; nomeou ao vale-

Era vulg. lerofo, e experimentado Diogo Fernandes de Béja, Almirante do mar, e lhe entregou duas náos grandes, tres galés, huma fragata, huma fufta, e elle foltando as vélas para navegar a Cochim, huma grande calmaria lhe embargou a carreira. Soube Haga aproveitar-fe defta vantagem para o perfeguir com trinta fuftas de remo, que faziaõ a feu falvo fogo aos bórdos fobre as embarcaçōes immoveis, que naõ podiaõ defender-fe.

Diogo Fernandes de Béja temia, que o Barbaro fe aproveitaffe da calmaria para ir acanhoar a Fortaleza imperfeita, e deftacòu a André de Soufa com a fua galé para occupar a bocca do rio. Haga, que previo as confequencias defta manobra, atacou a galé com tanta força, que matou, e ferio a muitos, entre elles a Aleixo de Soufa, irmaõ do Commandante, e a reduzio a eftado de naõ fervir. Em feu foccorro acudíraõ D. Jorge de Menezes, e Diogo Fernandes, largando a fua náo, e montando a galé de Francifco de Mendoça, feguido de várias fuftas. Como eftas naõ podiaõ fopportar o fogo

go dos inimigos, se postáraõ pela re- ta-guarda da galé de D. Jorge carregando por poppa as de Haga. Diogo Fernandes de Béja, que com a sua actividade, e valor extraordinario tudo observava; descobrindo-se todo para tratar de fracos aos que sustentavaõ semelhante modo de peleija, huma balla de falcaõ tirou a vida ao memoravel Fidalgo, que tantos annos honrára com façanhas immortaes as nossas armas na India.

Era vulg.

Para o substituir nomeou o Governador a Antonio Correa, em quanto naõ chegava D. Luís de Menezes; e como Haga bem servido do nosso fogo se havia retirado, tanto que lhe foi favoravel o vento partio para Cochim a entregar o governo a D. Duarte, e preparar-se para a viagem do Reino. O incançavel Haga sabendo da partida do Governador, tornou a apparecer em Chaul com 36 fustas, e com o designio de arrazar a Fortaleza. A corage de Antonio Correa lhe fez abortar todos os intentos, recolhêr-se a Dio, e chegando D. Luís de Menezes, o

Cor-

Em vulg. Correa lhe entregou a Armada, e partio para Cochim. Meliqueaz desgostado de nada conseguir sobre os Portuguezes, se servio da chegada do novo Governador para imputar a Diogo Lopes de Siqueira a culpa do rompimento da guerra, e pedir a D. Duarte de Menezes a renovaçaõ da paz, que lhe foi concedida.

Jorge de Albuquerque bem reputado em Malaca depois da expediçaõ de Pacem, quiz ter a gloria de conquistar Bintaõ, que era o padrasto da sua Cidade; mas elle teve de se retirar em desordem depois da perda de feridos, e mórtos. Esta infelicidade de Malaca foi acompanhada da perfidia de Rax Xarafo em Ormuz, que conseguindo do seu Rei faltar á fé, que juràra ao Rei de Portugal, assaltou huma noite a nossa Feitoria, e passou á espada parte dos descuidados Portuguezes: golpe, que devendo fazer a maior impressaõ em D. Garcia Coutinho, Governador da Fortaleza, elle o sopportou com huma negligencia taõ pouco sensivel, que se os inimigos entaõ

taõ lhe insultassem a Praça, a tirariaõ do nosso poder. O clamor da confusaõ, que reinava na Cidade, o fez recobrar os espiritos, e prevenir-se para hum despique, que parecesse de Portuguez aggravado com injustiça. Era vulg.

Pareceo a D. Garcia, que o sangue de 60 homens atrozmente degollados, quando estavaõ seguros no azylo da boa fé, lhe clamava por vingança. Como elle suppoz authores da carnagem aos Mouros de Ormuz, sahio na testa de hum grande destacamento a castigar estes Barbaros, que achou prevenidos para a defensa. Elles a fizeraõ taõ denodada, que os nossos, tomadas as boccas das ruas, tivéraõ naõ pequeno trabalho em os romper para se recolherem á Fortaleza. O Governador cuidou em reforçalla com trincheiras novas para o sitio, que esperava, e fez aviso á India pedindo soccorros de munições, mantimentos, e homens, que de tudo estava falto, com o mar impedido, a communicaçaõ da terra cortada.

Duas acções saõ bem dignas de memo-

Err. vulg. moria nesta guerra de Ormuz: huma a gentileza de Tristaõ Vaz da Veiga, e de Manoel de Sousa Tavares; outra os estratagemas, com que D. Garcia Coutinho obrigou os inimigos a levantar o sitio, e pedir a paz. Os primeiros dous Capitães, forçados de huma tormenta, arribáraõ com os seus brigantins, o Veiga a Calaiate, e a Mascate o Sousa. Aqui soubéraõ o que se passava em Ormuz, e concordáraõ entre ambos ir-se lançar na Fortaleza a todo o perigo, e soccorrella. O Sousa entrou depois a pensar nelle, o Veiga a desprezallo; affrontando o do mar, logo o dos inimigos, e rompendo pelo centro da Armada, entrou com a sua gente em Ormuz. O Sousa, generosamente estimulado desta bisarria, quiz fazer o mesmo, e chegou á Ilha de Queixome defronte da Praça. O Governador rogou ao Veiga fosse conduzir o seu camarada na melhor das náos, que estivesse no porto. Elle naõ accei-ta a offerta: no seu brigantim rompe pelos mesmos perigos; chega a Queixome; instrue a Manoel de Sou-

sa

ſa no eſtado de Ormuz, e ſe fazem ao mar. Era vulg.

Monta em cólera o Rei pelo atrevimento, com que hum brigantim deſpreza a ſua Armada reſpeitavel: embarca elle meſmo na melhor terrada ſeguida de oitenta, e preſume impedir a paſſagem aos aventureiros impavidos. Elles ſe defendem com corage incrivel; fazem fogo eſpantoſo; mataõ o Chéfe da Fróta com muitos ſoldados, põe-a em deſordem: o Arraes da terrada do Rei, conſiderando-o em grande perigo, ſe pôz em fugida, e os dous Officiaes Portuguezes com o campo livre, entráraõ em Ormuz com tanto prazer dos noſſos, quanto de furor no Rei, e nos ſeus vaſſallos de pejo. Entaõ podéraõ todas as noſſas náos chegar-ſe á Fortaleza, cobrilla pela parte do mar, e Xarafo, que por ella já naõ podia atacalla, applicou todos os esforços para o lado da terra.

Depois de batida a Praça com ardor incrivel; dos noſſos haverem aſſaltado por várias vezes o campo contrario com grande mortandade, e rui-

Era vulg. na dos ſeus trabalhos; o Governador advertio, que a defenſa com taõ pouca gente naõ devia ſer toda do valor ſem ter parte a indúſtria. Informado por hum deſertor, de que os inimigos intentavaõ dar hum aſſalto com eſcadas pela parte mais fraca do muro, o bordou todo de groſſas vigas, e teve prevenidas muitas panellas de polvora. Subíraõ elles de tropel animados pelo ſeu Rei, é por Xarafo: rodaõ as vigas; rompem as eſcadas; deſpedaçaõ os homens; ſobre elles apinhados chove o fogo, que os conſome, e naõ podendo ſopportar a carnagem, ſe retiraõ para o aſylo do Palacio Real.

Xarafo, que naõ entendia eſtas manobras, reſolveo-ſe a imitar-nos com huma invectiva ſua, que foi levantar hum Forte a cavalleiro dos noſſos baluartes para nos pôr a deſcoberto do ſeu fogo, e acabada a obra teve por infallivel render-nos. O meſmo receáraõ os noſſos, quando víraõ o grande número de gente, que do Forte os perſeguia, e em torno delle o Exercito, que ſe havia avançar ao aſſalto. Neſte aper-

aperto escolheo D. Garcia os soldados mais destemidos, que entregou aos Capitães Manoel Velho, e Rodrigo Varella, para no maior silencio da noite minarem as fachinas na raiz do Forte; encherem a mina de péças atacadas até a bocca, que rebentassem, e de barrís, e panellas de polvora, fazendo della hum rastilho, que chegasse ao muro da Fortaleza. Assim o executárao elles com grande fortuna; viérao-se retirando para a pórta do muro, e chegados a ella dérao fogo ao rastilho, que pegou na mina; fez voar o Forte com estrondo espantoso; abrazou a quantos estavao nelle, e muita parte do Exercito, nao deixando nos outros mais acordo, que para a fugida. O Rei destroçado se recolheo para a Ilha do Queixome, donde pedió a paz humilde.

Era vulg.

Pouco depois chegou da India com soccorro consideravel D. Gonçalo Coutinho, irmao do Governador, sendo o novo refórço nos vassallos hum estimulo do temor, no Rei a causa de tratar com D. Garcia correspondencia se-

Era vulg. creta, e amigavel. Xarafo, que a penetrou, attrahindo a devoçaõ dos impios, e rebeldes, fez dar a morte ao Rei infeliz, e acclamou a Mahumet, filho de Ceifadim, que reinava quando Affonso de Albuquerque chegou a Ormuz. Os Portuguezes se subprendêraõ com esta atrocidade, que determináraõ vingar com a destruiçaõ de Xarafo: mas advertindo por huma parte, que este parricida podia fugir para a Persia com todos os thesouros de Ormuz; por outra que o novo Rei, a pezar do rebelde, nos reconhecia vassallagem, e pagava os costumados tributos: elles suspendêraõ as armas, e esperáraõ que o tempo os instruisse no modo, com que elles se haviaõ conduzir nesta revoluçaõ do Estado.

Estes foraõ os ultimos successos da India no tempo do Rei D. Manoel. D. Joaõ Coutinho, Governador de Arzila, consummou os de Africa com a expediçaõ gloriosa da Villa de Tintaes, e com a derrota do Alcaide de Alcacer-Quivir, ainda que na refrega perdeo cinco dos seus melhores Cavalleiros

ros em qualidade, e valor. No mar teve Vaſco Fernandes Ceſar outra vantagem de grande reputaçaõ ſobre quatro náos de guerra Inglezas, que nos haviaõ tomado huma caravella, e a Capitania a levava a reboque. Vaſco Fernandes com a ſua fuſta foi atacar junto ao monte Calpe, viſinho a Gibraltar, a Capitania, com tanta fortuna, que a achou ſeparada das outras náos. Na força do combate os Portuguezes da caravella priſioneira podéraõ cortar o cabo, ſem que os Inglezes o ſentiſſem; uníraõ-ſe a Vaſco Fernandes; obrigáraõ a Capitania a amainar; mas como o fim do combate era livrar os prezos, conſeguido o projecto, Vaſco Fernandes os levou para Ceuta.

Era vulg.

CAPITULO VIII.

Da morte del Rei D. Manoel, descripçaõ do seu caracter, e qualidades, mercês, e fundações, que fez.

Era vulg.

OS negocios de Portugal por este tempo tinhaõ chegado á maior sublimidade: a sua Corte se via lustrosa com assistencia de Mercadores riquissimos de todas as Nações, de Embaixadores de todas as Potencias; e agora os mandava Veneza, que havendo vinte annos, que ella só gozava a preeminencia de ser a distribuidora das especiarias do Oriente por muitas partes da Europa; ella as pedia agora a Portugal, advertindo na differença da acquisiçaõ; nós levando-a á ponta da espada nas nossas conquistas; ella por meio do trafego em Baluto, e Alexandria: o seu Rei era contemplado no cume da glória, rodeado de reputaçaõ, ao que parecia robusto na saude, nas forças do corpo, quando de repente o assaltou a molestia de

de huma modorra, que logo mostrou ser mortal. Como no espaço dos nove dias, em que lhe durou a vida, sempre o perigo se augmentava, o amor dos vassallos naõ cessava de fazer votos, e de derramar preces na presença do Altissimo, para que prolongasse os dias do seu Rei D. Manoel.

Era vulg.

Estava completo o seu termo; e o Principe Catholico, que na paciencia esperava o cumprimento das promessas, taõ longe esteve de se perturbar com o desengano, de que morria, que se dispôz a arrostar a mórte intrépido, municiado com o conforto dos Sacramentos, que recebeo com piedade edificante; com o auxilio dos actos de caridade, de humiliaçaõ, de dôr, que exercitou com fervor vehemente. Todas as suas acções foraõ entaõ a próva constante da sua sobmissaõ ás ordens de Déos em todas as idades da sua vida. Nesta disposiçaõ, que faz feliz o momento, de que depende a eternidade, o grande Rei D. Manoel, que sempre viveo exemplar, acabou com mórte de justo aos 13 de Dezembro deste anno

de

Era vulg. de 1521, aos 52 de ſua idade, e 26 de reinado. Jaz no Moſteiro de Belém como diſpunha no ſeu Teſtamento, que para o cumprirem ficava encarregado a D. Diogo de Souſa, Arcebiſpo de Braga, e a D. Martinho de Caſtello Branco, Conde de Villa-Nova.

Morreo o Homem feliz, ſe nós podemos dar eſte nome ao homem em quanto vive. Acabou o Rei ſábio, e magnifico; epithetos, que juſtamente merece D. Manoel pela juſtiça, com que lhe devemos attribuir as heroicidades, que no ſeu tempo obrárаõ os Heróes Luſitanos. Sábio, e magnifico Rei he aquelle, que como D. Manoel enche os eſpiritos de corage, imprime nos corações o amor da honra, enſina a deſpreſar os perigos, a affrontar as difficuldades, a amar as virtudes, a aborrecer os vicios; que premeia as primeiras, que caſtiga os ſegundos. Reſpirações ſublimes del Rei D. Manoel contemplamos nós, na Aſia, a D. Vaſco da Gama deſcobrindo o berço do Sol, com esforço incrivel domando a ferocidade do Oceano incognito: a

Duar-

Duarte Pacheco Pereira abatendo a ar- Era vulg.
rogancia do formidavel Çamorim de
Calecut: a D. Francisco de Almeida fazendo
assustar o Indo, e o Ganges com
o estrondo das suas victorias: a Affonso
de Albuquerque obrigando a tremer
as Regiões menos medrosas, os Póvos
ferozes, os Reis intrépidos.

Outras respirações suas nos parecem,
em Africa, D. Joaõ de Menezes, Varaõ
tamanho, que de lhe ouvir o nome
se assustava a Mauritania: a Nuno Fernandes
de Ataide, que com o scintillar
da sua espada punha em fugida os
Sarracenos mais impavidos: a D. Vasco
Coutinho, Conde de Borba, a seu
filho D. Joaõ Coutinho, a D. Duarte
de Menezes, a D. Nuno Mascarenhas,
em fim a outros monstros de valor, de
corage, de virtude, que espalhados pelo
mundo sobmettêraõ aos pés do seu
Soberano invencivel as Corôas, os Sceptros,
os Reinos, e os Imperios. Naõ
só communicava D. Manoel aos vassallos
estes alentos militares: do fógo do
zelo pela Religiaõ, em que lhe ardia o
peito, sahiaõ halitos taõ inflammados,
que

Era vulg. que elles conhecessem, e lhe imitassem o odio, que tinha concebido ao erro, especialmente ao da Seita abominavel de Mafoma. Elle era quem o impelia a perseguila com tanto esforço, tantos perigos, tantas despezas pela Asia, e pela Africa, até vêr se conseguia arrancar do mundo aquella arvore do horror, e do escandalo.

A felicidade deste Principe taõ incrivel, como constante, naõ foi effeito da que os homens chamaõ fortuna; mas hum beneficio da Providencia em premio das suas virtudes: das virtudes da continencia da vida, da benignidade natural, da piedade da Religiaõ, da mansidaõ, da modestia, da justiça, da clemencia, da humanidade: das virtudes, que o moviaõ a facilitar-se com todos, a amparar os desvalidos, a socorrer os necessitados, a naõ faltar com a diligencia á administraçaõ da justiça, á expediçaõ dos negocios: das virtudes, que o ensinavaõ com a primeira luz da manhã a levantar o pensamento ao Creador, a derramar preces na presença do Altissimo, a ouvir de

depois as partes, a examinar as neceſ- ſidades dos domeſticos, a attender, e deſpachar os requerimentos dos militares: das virtudes, que lhe propunhaõ o zelo na protecçaõ da Igreja, na da reverencia aos Miniſtros do Altar, ás virgens, e Templos conſagrados a Deos: das virtudes em fim, que formáraõ hum Rei perfeito, ornato luminoſo dos Faſtos Luſitanos, aonde a memoria naõ deſcança de o apontar com o dedo.

Era vulg.

Ella o moſtra como corôa da felicidade da Naçaõ Portugueza na torrente das ſuas victorias navaes, e terreſtres, nas conquiſtas, e ſitios de Praças, nas fundações, e ruinas de Fortalezas, na ſobmiſſaõ dos maiores Potentados, que reináraõ debaixo do ſeu Imperio. Ella o faz vêr dominante na America da grande Regiaõ de Santa Cruz; na Africa das Praças mais importantes, dos vaſtos terrenos da Xerquia, da Garabia, de Dabida, de parte de Ducala, de muitos preſidios por toda a ſua Coſta á quem, e além do Cabo de Boa-Eſperança; na Aſia de Eſta-

dos,

Era vulg. dos, e Reinos inteiros, tudo conquiſtado pelo ſeu valor, tudo conſervado pela ſua ſabedoria. Elle o deſcobre occupado na reformaçaõ dos Livros antigos do Archivo Real, em mandar eſcrever os chamados da Leitura Nova, em penetrar os arcanos da lingua Latina até diſtinguir o eſtylo mediocre do ſublime, em ampliar a Ordem de Chriſto com 450 Commendas, em fim ſempre entretido em acções dignas da Mageſtade.

Por outra parte os orgãos da fama naõ enrouquecem no pregaõ das ſuas qualidades eminentes. Clama Natal Alexandre, que elle dominou os mares, ſujeitou muitos Soberanos, fez tributarios muitos Principes: Mariana, que nenhum o excedeo na prudencia, nem na grandeza do animo: Garibay, que fora amplificador dos ſeus Reinos com grandes diligencias, e navegações, zelador da Igreja, fabricador de muitas: Ancelme, que em vinte, e quatro annos deſcobrio, conquiſtou, ſubjugou pelos ſeus Generaes todas as Cóſtas maritimas des do Eſtreito de Gibraltar

até

atẽ ao mar da Arabia, da Perſia, da Era vulg.
India, e hum número conſideravèl de Ilhas: Himhof, que em expediçõees maritimas ampliou a fama dos Luſitanos, a glória do ſeu nome por huma extenſaõ vaſtiſſima, que encheo a Luſitania de tal profuſaõ de riquezas, que ao ſeu reinado fez chamar vulgarmente o ſeculo de ouro: La Clede, que elle amante da glória, e inflammado em zelo pela Religiaõ, depois que ſobio ao Throno, naõ cuidou mais que em dilatar os Eſtados, e illuminar os Idolatras: Spondano, que tudo obrára com pureza pelo augmento da Religiaõ, e extenſaõ do Eſtado na Africa, e na Aſia, e que em muitas virtudes foi inſigne. Aſſim gritaõ outros muitos daquelles orgãos, que ainda ficáraõ cheios para poderem animar reſpiraçõees mais altas.

Foi El-Rei D. Manoel de eſtatura proporcionada, corpo delgado, cara redonda, cabellos caſtanhos, a téſta alta, os olhos alegres, e quaſi verdes, alegre e riſonho, os braços taõ compridos, que os dedos lhe paſſavaõ dos joe-

Era vulg. joelhos, a voz clara com ſom agradavel. Amou muito as mulheres proprias; ſó com ellas moſtrou que era homem. Servio-ſe para freio da incontinencia de comer pouco ſem eſpecialiſar iguarias, naõ beber vinho, occupar-ſe ſempre, deitar-ſe tarde, levantar-ſe cedo, jejuar as veſperas dos dias ſolemnes, e todas as ſextas feiras do anno a paõ, e agua: abſtinencia edificante no meio da profuſaõ de huma meza, que entaõ ſe eſtimava pela mais eſplendida dos Principes da Europa. Nos tres dias da Semana Santa aſſiſtia proſtrado por terra coberto de luto diante do Monumento em reverencia aos Myſterios da Redempçaõ, e neſta figura diante dos Altares dava algum breve deſcanço á natureza. Na Sexta Feira Maior repartia grandes eſmólas, perdoava a muitos culpados, aſſiſtia á prociſſaõ da Reſurreiçaõ com prazer, e pompa; reformou os abuſos introduzidos nas Religiões, e rendeo obediencia profunda aos Vigarios de Jeſu Criſto na terra.

Era El-Rei mui inclinado á muſica, que lhe ſervia para divertir o cuida-

dado dos negocios. Mandava que lhe assistissem á meza homens eruditos, e sábios viajores para lhe temperarem as iguarias com o util, e agradavel da conversaçaõ. Exercitava-se na picaría, na péla, em outros jogos honestos; mas de sórte que o tempo de Rei se naõ queixasse destes divertimentos de homem. Frequentava a caça, gostava de trilhar os bósques, de perseguir as féras, e nesta mesma diversaõ hia prompto, quanto era necessario para o despacho, com que differia sem demóra aos requerimentos ainda das partes mais impertinentes. No seu tempo se desterrou do Reino a pobreza, a melancolia, a murmuraçaõ; rasoavaõ os louvores, via-se a alegria, gozava-se a abundancia. Da jucundidade, e magnificencia do Paço participava a Nobreza, os particulares, o commum dos Póvos.

Era vulg.

Para a boa economia do Reino estabeleceo D. Manoel muitas Ordenações com discernimento illuminado, e fez a mercê de Titulos aos Fidalgos mais qualificados. A D. Diogo da Silva, seu Ayo, creou Conde de Portalegre, e lhe

Erà vulg. lhe deo as Villas de Cerolico, Gouvea, e S. Romaõ da Beira: Condes de Alcoutim aos primogenitos dos Marquezes de Villa-Real, ſendo o primeiro D. Fernando, filho do Marquez D. Pedro de Menezes: Reſtituio o Ducado de Bragança a D. Jayme, filho do Duque D. Fernando, o degollado; Duque de Coimbra, Senhor de Torres-Novas, e de Monte-Mór o Velho a D. Jorge, filho del Rei D. Joaõ II.: Condeſtavel do Reino a D. Affonſo, filho natural de ſeu irmaõ o Duque de Viſeo D. Diogo: Conde de Tentugal, e depois Marquez de Ferreira a D. Rodrigo de Mello, filho do Senhor D. Alvaro: Conde de Tarouca a D. Joaõ de Menezes ſeu Mordomo-Mór, filho quarto de D. Duarte de Menezes, Conde de Viana: Conde da Feira a D. Diogo Pereira: Conde de Abrantes a D. Lopo de Almeida: Conde de Villa-Nova de Portimaõ a D. Martinho de Caſtello Branco: Conde do Vimioſo a D. Franciſco de Portugal; e Conde da Vidigueira a D. Vaſco da Gama, que deſcobrio a India.

Fez Duques aos Infantes ſeus filhos: Du-

Duque de Béja a D. Luiz: da Guarda a D. Fernando: de Guimarães a D. Duarte. Aos Titulos do Reino ajuntou: Da Conquista, Navegação, e Commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e India. Elle foi o primeiro dos Monarcas Portuguezes, que usou de huma Esféra no alto dos seus Escudos: Devisa, que lhe deo El-Rei D. João II.; e como D. Manoel fez huma estimação sublime de a receber da mão de Monarca tão grande, elle a honrou collocando-a naquelle lugar eminente: Devisa, que parece foi hum presagio dos vastos descobrimentos, e das grandes navegações das suas Armadas por todo o Universo. Assim o entenderemos nós se houvermos de dar credito ao horoscopo, que o Bispo da Guarda levantou no instante do nascimento deste Principe; mas o certo he, que o tempo mostrou verdadeira a melhor parte das suas politicas predições. El-Rei poz por orla na mesma Esféra as palavras: *Primus circumdedisti me*: Inscripção, que nos persuade, como El-Rei D. Manoel foi o primeiro, que fez pela navegação das

Era vulg.

Em vulg. ſuas Eſquadras rodear a periferia do globo terraqueo.

Para Padrões immortaes da ſua piedade levantou El-Rei D. Manoel muitos Monumentos Sagrados. Da Ordem de S. Jeronymo fez edificar os Moſteiros de Belém em Lisboa, de Noſſa Senhora da Penha, o do Mato, e o das Berlengas: renovou em Thomar o da Ordem de Chriſto: fundou o da Senhora da Serra da Ordem de S. Domingos; o de Santa Clára de Eſtremoz; o de Santo Antonio do Pinheiro da Ordem de S. Franciſco; o da Annunciada em Lisboa; o de S. Bento do Porto; o de S. Bernardo de Tavira; o dos Franciſcanos de Serpa; o das Dominicas de Monte-Mór, o Novo, e outros nas Praças conquiſtadas da Africa, Aſia, e America.

O famoſo Templo da Miſericordia de Lisboa dotado de muitas rendas para obras pias, donde trazem a ſua origem os eſtabelecimentos ſaudaveis, e edificantes das outras Miſericordias do Reino, foi fundaçaõ do grande D. Manoel, que ſe aliſtou com a Rainha, e

com

se botar a sella em huma faca de grande marcha, e em hum cavallo para o pagem do arremeçaõ, que era Alvaro de Sousa. Depois de jantar se pôz a caminho, e quasi sem descançar chegou a Tavira, aonde soube do soccorro, que D. Joaõ mettêra no Castello. Era mdg.

Se a sua pressa em andar foi muita, a diligencia dos seus fiéis vassallos lhe correspondeo; porque no termo de cinco dias se achou no Algarve com hum Exercito de mais de 20000 homens, muitas munições, mantimentos, artelharia, e huma Armada numerosa: taõ ardente o zelo dos Portuguezes, que parecia haverem alongado os instantes ao espaço de dias. Quando tudo estava prestes para se embarcar, D. Joaõ de Menezes deo parte do levantamento do sitio, da retirada do Rei de Féz, do serviço, que tinhaõ feito D. Pedro Navarro, e o Corregedor de Xerez. Suspendeo-se a pressa da jornada, naõ a resolução do Rei para a continuar; mas foi-lhe preciso desistir instado por todos os votos do seu Conselho, que lhe propôz ser empenho taõ glorioso soccorrer Arzi-

Era vulg. zila no tempo de atacada, quanto era redundancia reprehensivel ir só pela visitar, quando já livre.

Conformou-se El-Rei com este parecer, e licenciando as trópas, deixou-as destinadas para reforçar a guarnição de Arzila, aonde enviou alguns navios com provimentos, e quantidade de obreiros para repararem as ruinas dos muros da Cidade, restabelecer os do Castello, e augmentar as fortificações. A D. Pedro Navarro pelos serviços, que lhe acabava de fazer, mandou render as graças acompanhadas de copiosos donativos, que o generoso Hespanhol naõ quiz acceitar, satisfeito com as primeiras, que o Rei por outros modos fez brilhantes. O mesmo se praticou com o Corregedor de Xerez, e Fidalgos Andaluzes, benemeritos das reaes attenções em occasiaõ de tanta honra no serviço alheio. D. Joaõ de Menezes se demorou em Arzila o tempo necessario para pôr a Praça em estado de defensa; e deixando-a guarnecida com dous mil homens, além da gente ordinaria, veio receber na Patria os agrados renovados do Rei, juntos com as accla-

maçóes dos Póvos, que lhe davaõ lugar distincto entre os Capitães de nome.

Era vulg.

Deste modo concluidos com tanta glória das nossas armas os negocios de Arzila, entre Portugal, e Castella se levantáraõ dúvidas respectivas aos limites das conquistas das duas Coroas na cósta de Africa. Já nós vimos, que esta contestaçaõ teve principio no Reinado de D. Joaõ II., e o que elle entaõ convencionou com Fernando, o Catholico. Agora quizéraõ o Rei D. Manoel, e sua cunhada, a Rainha D. Joanna, ajustar amigavelmente esta differença. D. Manoel cedeo da grande parte de Africa, que corre da Gomeira até Melilha, e Caçaça do Reino de Féz, e da Praça do Penhaõ, que a mesma Rainha mandára fundar para segurança de Andaluzia. Esta Senhora desistio da acçaõ, que podesse ter Castella desde o ponto da demarcaçaõ referida, até aos Cabos de Naõ, e Bojador. Os Ministros, que intervieraõ nesta concordia foraõ, por parte de Portugal, D. Antonio de Noronha, pela de Castella D. Gomes de Santilhana; mas como naõ ha ajuste, sobre que naõ se levantem con-

 tro-

Era vulg. troverſias, as que depois houveraõ ſobre eſte, Joaõ de Faria as compoz em Caſtella com dexteridade, e ſatisfaçaõ reciproca.

El-Rei D. Manoel ſempre delicado nos obſequios ao Rei D. Fernando, ſeu ſogro, que em nome de ſua filha D. Joanna ainda governava Heſpanha, naõ ſó fez com elles a compoſiçaõ, que deixo referida, mas reſtituio ao ſeu ſerviço tres vaſſallos deſcontentes de taõ alto caracter, como eraõ o Grande Capitaõ Gonçalo Fernandes de Cordova, Duque de Sefa; o Duque de Medina Sidonia, e ſeu cunhado D. Pedro Giron. Naõ ſendo porém baſtantes os negocios da Coroa para El-Rei ſe eſquecer dos reſpectivos á gloria de Deos, e augmento da Religiaõ; elle eſcolheo na Congregaçaõ dos Conegos Regulares de S. Joaõ Evangeliſta o Padre Joaõ de Santa Maria, e a doze ſujeitos da meſma Congregaçaõ de notoria probidade, que mandou ao Reino de Manicongo para prégarem a Fé Catholica, fundarem novas Igrejas, e darem áquelles Póvos ſalvagens o paſto ſaudavel da doutrina Orthodoxa.

F I M.

com os Infantes seus filhos na nova Confraria, que nelle mandou erigir. Elle fundou as Igrejas Cathedraes de Elvas, do Funchal, e das outras Ilhas; as de Sobrenisa; de S. João Baptista de Thomar; de Santo Antonio, e da Conceição em Lisboa; as de Alcacere do Sal, de Olivença, de S. João de Moura, e as de todas as Praças de Ultramar. Avançou a grandeza do Hospital Real de Lisboa, e levantou desde os fundamentos o de Coimbra, de Monte-Môr, o Velho, e de Béja, que dotou de rendas copiosas. Obras suas são os Paços da ribeira de Lisboa, os da Chancellaria, os carceres do Limoeiro, os de Coimbra, e o de Muja, Palacios ambos de sufficiente grandeza, sempre preparados para hospedarem os Soberanos.

Era vulg.

Para a commodidade do Commercio edificou as Alfandegas, as Casas da India, e de Guiné; as casas de armas, que fundou, as guarneceo com muitos arnezes, peitos, couraças, sete mil armamentos inteiros, com mil cobertas de cavallos, muitos canhões, ar-

Era vulg. cabuzes, béstas, e munições infinitas, donde se tiravaõ as necessarias para sempre estarem bem fornecidas tantas Praças, que a Monarquia tinha por todo o mundo, as precisas para tantas Frótas, que continuamente surcavaõ os mares. As Fortalezas, que fez levantar, foraõ a de Belém dentro do Téjo, a de Castello-Novo, a de Alfaiates, a de Almeida, todas no Reino. Em Africa, Mazagaõ, Guadanabar, Aguz, a do Cabo de Guer. Em Asia, as de Cochim, Cananor, Coulaõ, Quiloa, Çofala, Moçambique, Angediva, Çocotorá, Ormuz, Malaca, a de Goa, a de Pacem, a de Pedir, a de Calecut, a de Chaul, a de Ceilaõ, e a de Ternate. Em fim, intentar reduzir a Compendio todas as fundações do Rei D. Manoel, he hum empenho quasi semelhante ao de querer esgotar o mar.

FIM.

Esp. vulg. cabuzes, béstas, e munições infinitas, donde se tiravaõ as necessarias para sempre estarem bem fornecidas tantas Praças, que a Monarquia tinha por todo o mundo, as precisas para tantas Frótas, que continuamente surcavaõ os mares. As Fortalezas, que fez levantar, foraõ a de Belém dentro do Téjo, a de Castello-Novó, a de Alfaiates, a de Almeida, todas no Reino. Em Africa, Mazagaõ, Guadanabar, Aguz, a do Cabo de Guer. Em Asia, as de Cochim, Cananor, Coulaõ, Quiloa, Çofala, Moçambique, Angediva, Çocotorá, Ormuz, Malaca, a de Goa, a de Pacem, a de Pedir, a de Calecut, a de Chaul, a de Ceilaõ, e a de Ternate. Em fim, intentar reduzir a Compendio todas as fundações do Rei D. Manoel, he hum empenho quasi semelhante ao de querer esgotar o mar.

FIM.